Breve Análise da Acção Maçónica



Vê as coisas através do mundo. Se não consegues ver coisas através do mundo, afundar-te-às num oceano de sofrimento.

Lao Tzu

Nota Introdutória

O presente texto deve ser lido apenas como uma mera introdução ao estudo de uma das mais antíguas ordens ocultas: Maçonaria. Ao contrário das habituais publicações referentes a esta temática, este trabalho focar-se-à sobretudo nos intuitos da ordem, no que toca à acção mundial e à subversão de nações, aspectos evidentes ainda que raramente contextualizados ou abordados. Aliás, como frequentemente as obras maçónicas são escritas ou traduzidas por "irmãos", nunca se pretendeu provar os verdadeiros intuitos desta ordem ahrimânica. Convém realçar que este trabalho não é um tratado histórico, nem poderia a sua curta extensão fazer justiça a um problema cuja solução parece nunca mais ser aplicada de uma vez por todas.

É vital e mister advertir o leitor de que não se pode discutir a maçonaria sem se realçar aquela vontade subversiva que, ao longo dos éons, demonstrou a maior intolerância, ódio e anseio de destruição por tudo que está em harmonia com o Tao ou com o Ãtman, por tudo que revela nobreza, honra e valor, isto é, a vontade judaica.

Índice

- ## Origens da Maçonaria

Para a História Moderna a Maçonaria surgiu apenas no contexto pró-democracia do século XVIII, nomeadamente em 1717, com a criação da Grande Loja de Inglaterra, com Henry Jermyn a ser o seu primeiro Grão-Mestre[1]. Contudo, o surgimento da Maçonaria assume contornos tão distintos que será realmente impossível colocar uma data que marque o seu nascimento. Existem contudo várias evidências que nos permitem auferir o seu percurso inicial.

- ### Essenos

Os Essenos foram uma comunidade espiritual e mística iniciada na Cabala e no Gnosticismo Judaico com conhecimentos religiosos que lhes haviam sido transmitidos por mestres egípcios[2]. Aliás, a Escola dos Essenos e dos Ofites faziam parte da mesma sociedade cabalista que praticava os mesmos ensinamentos.[3] Nestes pode-se destacar o habitual louvor pelo Sol como fonte de iluminação e de revelação[4]. O secretismo maçónico já existia na comunidade Essénica que, segundo Josephus, transmitia a doutrina como esta lhes havia sido ensinada, isto é, por mitos e simbologias; por parábolas.[5] Esta sociedade possuía um conhecimento esotérico das escrituras e poderá, até ter sido o berço de Cristo[6]. Cristo nasceu, alegadamente, em Dezembro no dia do Solestício de Inverno, que representa a força máxima do Sol, caracterizando-se assim como o Deus Solar, como a Revelação ou Verdade.[7] Ademais, a sua representação como cordeiro advém do zodíaco já que é precisamente o signo Aries que prevalece nessa altura do ano.[8] O Mito de Cristo já existia no Egípcio – presente na sociedade Bispos de Cristo que louvavam a Sarapis e utilizavam a cruz como símbolo mágico[9]. Existe ainda mais simbologia egípcia por detrás de Cristo, como o disco solar para ser representado como o Portador da Luz e Conhecimento[10]. A Fraternidade Essénica exigia um voto de silêncio e total servidão de cadáver do indivíduo à ordem maçónica de modo a que os segredos nunca fossem revelados, com a sua missão a consistir na preparação de um novo Messias. Existem, de facto, ainda mais evidências que apontem para um Jesus Esseno. Jesus reuniu discípulos próximos de Qumran – onde os Essenos viviam – e é possível que até João Baptista tenha pertencido à mesma tribo.[11] Ademais, este não seria o primeiro Messias a ser formado uma vez que Matatias e o seu filho Judas que haviam provocado a revolta dos macabeus seriam também essenos[12]. O princípio gnóstico estava presente na doutrina essena que, como os Antigos Persas, utilizaram o Maniqueísmo para justificar a existência do eterno combate entre uma força Benigna – Luz e a Maligna – Trevas. De resto, a Criação, como o Génesis o descreve, é uma

cópia exacta de como Ormuzd o criou, pelo que é percetível que uma sociedade israelita se tenha familiarizado com estes princípios dualistas.[13] Os Essenos não constituíram os rabinos que escreveram o Talmude e as Leis Judaicas, nem reconheciam um valor absoluto na Bíblia. O verdadeiro conhecimento encontrava-se escondido nas escrituras e tinha de ser descoberto por uma revelação espiritual. O Sol desempenhava um papel máximo pois que, segundo Josephus, os essenos não diziam nem uma palavra antes do Sol nascer[14]. O interesse na Cabala e no Gnosticismo podem indicar uma maçonaria primordial, embora a mensagem tenha sido corrompida pela entrada dos judeus talmúdicos. A ralé de cabalistas franquistas, provenientes de Jacob Frank, interpretam a Cabala como uma doutrina satânica que lhes permitiu criar as sociedades secretas que, por debaixo dos túneis da cidade – como Goethe menciona[15] – planeariam o derrube do Homem para o triunfo de Lúcifer.

- **Herodes e a Força Misteriosa**

Findada esta primeira análise, pode-se ainda realçar a criação Maçónica de acordo com Herodes, possuindo esta um contorno muito mais macabro e anti-cristão. Herodes terá criado a Maçonaria como resposta aos Gnósticos Essenos – os seguidores de Jesus.[16] Herodes criou esta sociedade, denominada "A Força Misteriosa" em 43 d.C para preservar o Judaísmo enquanto que, simultaneamente, atacava Cristo. O ritual maçónico de abrir uma sessão, tal como nos tribunais, com um bater de um martelo três vezes seguidas advém de Herodes. Em *The Origins of Freemasonry*:

"Utilizaremos o martelo porque pregou as mãos e pés de Jesus. Cada sessão terá início com um bater do martelo três vezes seguidas.(...) Constituíremos graus.(...) Estes serão 33 para simbolizar a idade do impostor."[17]

Além disso, as reuniões ocorriam no Templo de Salomão.[18] A construção do Templo de Salomão assenta no facto do maçon ser, como o nome diz, um *freemason*, isto é, um pedreiro-livre, tendo sido estes os que construíram o templo pelo mestre Hiram – outra lenda maçónica.[19] Os maçons terão também construído a Torre de Babel[20].

O nome pedreiro-livre advém do facto destes membros possuírem direitos e liberdades que outros membros não possuíam. Por exemplo, na Grécia de Sólon os *hetarias* possuíam direito livre de construcção. Idem para os sacerdotes de Baco.[21] Contudo, a maçonaria judaica pouco ou nada

tinha em comum com a maçonaria tradicional, que não era nada mais que uma guilda. A construcção do Templo de Salomão representa o fim da missão judaica, isto é, a criação do Império do Sião para governar todas as nações e povos. A PAX JUDAICA, que hoje se manifesta na degeneração da cultura e da moral, serve apenas a raça demoníaca e vampírica que, somente portadora de vontade destructiva, necessita de viver em todos os povos, não pertencendo a nenhum, para os submeter ao seu reinado.

- **Collegia de Roma**

As *collegia* de Roma possuíam os mesmos princípios – semelhantes aos de uma guilda – para conferir tributos e privilégios especiais aos seus membros. Além dos pedreiros, haviam outras associações (agricultores, artesãos, etc) com Plutarco a mencionar pelo menos nove escolas no reino do Rei Numa Pompilius em 715 a.C[22]. O código Hammurabi da Babilónia também referencia este tipo de associações[23]. Já nesta altura surgiam conflitos de interesses entre estas sociedades e influência política com o aumento de regulações e restrições entre 67 e 64 a.C após suspeitas de corrupção de poder e compra de votos.[24] Na Roma Antiga, estas sociedades proliferavam, quer na forma de pedreiros, agricultores, banqueiros, artesãos, professores, médicos,etc...Pouco é sabido do misticismo destas sociedades e é mais provável que fossem o arquétipo do que viria a ser conhecido como as Guildas Medievais.[24] Cada uma possuía o seu Deus predilecto que simbolizava/caracterizava a acção da equipa (Sylvanus nos agricultores, Hércules nos pedreiros). O Cristianismo manteve a acção das *collegia*, e auxiliou a conversão do Império uma vez que o número de cristãos sírios aumentou ao ponto de muitos Deuses terem sido introduzidos na religião cristã.[25] Santo Agostinho chegou mesmo a comentar que lamentava a introdução de elementos pagãos para facilitar a conversão.[26] Reconhecidamente, Faustus dirige-se a Agostinho mencionando que este apenas havia assimilado o folklore, as práticas pagãs para os introduzir ao Cristianismo.[27] A assimilação de deuses, ritos e práticas pagãs facilitou não só a conversão do Império, mas a perpetuação destas associações. Terá sido nesta época que a Maçonaria assumiu a sua obsessão com os contornos geométricos tão presentes na sua simbologia. A arquitectura Romana fora influenciada pela Asiática, nomeadamente pela Síria e mesmo após as invasões dos ditos "bárbaros" – os Gauleses e os Visigodos – a maçonaria manteve-se activa e as sociedades continuaram a prosperar, inclusive também durante o reinado dos Longobardos[28]. A influência Neo-Platónica e Hermeticista da Maçonaria tem as suas raízes no Oriente de onde mais tarde

também os Templários haveriam de adquirir conhecimentos da Cabala, uma vez que foi com Justiniano que o pensamento filosófico atingiu o clímax[29]. Este conhecimento teria já sido transmitido por Pitágoras e por Plotinus, com Ammonius Saccas a reviver estes ensinamentos que seriam, posteriormente, incorporados na Teosofia da Madame Blavatsky[30].

- **Maçonaria e Ordens Religiosas**

Existem várias ordens associadas à Maçonaria (Rosacrucianos, Jesuítas, Alumbrados,etc) mas destaca-se aqui duas: a Ordem dos Beneditinos e a Ordem Templária. No século VII d.C, o Papa Gregório – que pertenceu à Ordem dos Beneditinos – costumava visitar vários mosteiros que eram construídos por maçons protegidos pelos grandes proprietários[31]. Para que estes pedreiros pudessem construir as igrejas, era necessário serem católicos e terem permissão para o fazer, algo que a Igreja raramente recusava. Haviam normas, directrizes que tinham de ser seguidas, quer fosse no estilo gótico quer no românico.[32] Tanto a Ordem dos Beneditinos como a de Cister eram as que maior números de peritos possuíam preservando, assim, as irmandades maçónicas[33].

Foi também a partir de associações religiosas que a Maçonaria chegou à Grã-Bretanha com os Culdees, sendo o rei Athelstan o primeiro maçon anglo-saxónico.[34] Athelstan remodelou a JUDICIA CIVITATIS LONDONIOE estabelecendo princípios idênticos aos das guildas e, por isso, ao do verdadeiro socialismo, enfatizando o espírito de cooperação e entreajuda bem como solidariedade[35]. Já os Ritos ou *Things* dos Islandeses do Rei Thorunld celebravam estes princípios.[36]

No Médio Oriente os Templários eram os grandes constructores das fortalezas, dos castelos e dos acampamentos pelo que se rodearam de maçons para que tal fosse possível.[37] No século XII, em 1124, com estes a entrar na Terra Prometida encontraram uma construção que lhes parecia quasi-divina e de imediato começaram a estudar a mística arquitectónica para poder reproduzir o mesmo tipo de edifícios.[38] Esta ligação foi também estabelecida em 1723 no livro *Constitutions*[39]. O notório Caminho dos Hospitalários de Santiago foi, segundo Glavel[40], obra dos maçons templários. Outra associação de antigos sacerdotes-guerreiros que se aproximou dos Templários foi a lendária Ordem dos Assassinos. Esta ordem era composta por filósofos guerreiros envoltos em estudo platónico e aristotélico, além de serem também peritos em construcção. O conhecimento desta ordem seria de tal modo vasto que quando Kubla Khan os derrotou, a biblioteca dos Assassinos possuía milhares de obras e estudos hermêuticos.[41] A Ordem dos Ismaili, presente na Península

Ibérica, possuía uma organização também semelhante, além de apresentar uma tendência sufista[42]. Aliás, foi de entre estas classes nobres que ocorreu a junção de conceitos Neo-Pitagóricos com aristotélicos, estabelecendo-se um novo tipo de misticismo, que era fundado já na antígua sabedoria indo-oriental.[43] A noção do Graal como Revelação; os conhecimentos arquitectónicos dos Templários surgiram deste contacto com um novo, ainda que antigo, conhecimento. Todo este movimento possuía influência maçónica. Foi só apenas depois da morte de Jacques de Molay em 1312, que os Templários caíram na escuridão com o Papa Clemente V a transferir os direitos de propriedade, serviços dos templários para os Cavaleiros de Malta e Ordem dos Hospitalários.[44]

Lendo isto, a Maçonaria até nos parece como uma ordem desejável, interessada pelo desenvolvimento cultural e humano. Contudo, esta é a farsa maçónica. Infiltraram-se nestas organizações, embora os princípios judaicos e anti-cristãos continuassem a ser fomentados. No século XVIII, estes princípios maturados após longos séculos acabariam por desencadear uma força anti-humana que colocou Judá como mestre sobre as nações.

• Nova Ordem Maçónica: Judeo-Maçonaria, Iluminismo e Comunismo

▪ Iluminismo de Weishaupt

Adam Weishaupt é um homem cuja importância parece ainda não ter sido correctamente avaliada. Em 1 de Maio de 1776, Weishaupt criou a *Orden der Perfektibilisten*, embora planos para a sua criação antecedessem já desde 1770.[45] Um dos membros fundadores foi Mirabeau que, endividado aos judeus, foi forçado a entrar na ordem.[46] O objectivo explícito da mesma era criar um novo estado das coisas; uma nova ordem mundial. Para isso, baseou-se em sociedades já existentes como os Alumbrados, formada em 1492 por marranos e à qual Ignatius Loyola pertencera.[47] Em 1534, fundou a ordem dos Jesuítas, tendo Disraeli escrito que todos os primeiros membros da ordem haviam sido judeus.[48] Em 1771, Weishaupt conheceu o judeu cabalista Kolmer que o iniciou na Kabbalah, nos segredos egípcios e na piramidografia.[49] Amschel Rothschild havia financiado Weishaupt para criar uma nova ordem semelhante às ordens cabalistas.[50] Weishaupt trabalhou com Jakob Frank – conhecido por iniciar a escola Franquista – cujo objectivo era o estabelecimento de supremacia judaica em todos os governos mundiais.[51] Frank era o tipo de judeu que abertamente louvava demónios e considerava que o Deus dos judeus era um ser maligno e perverso.[52] Weishaupt – que nasceu numa família judaica aculturada[53] – associou-se a Moses Mendelssohn

que, se por um lado invocava uma modernização do Judaísmo, por outro desejava manter a tradição.[54] Em 1785, Jakob Lanz – um membro do grupo – foi morto, alegadamente, por um raio e junto ao seu corpo encontrou-se uma carta com o planeamento da Revolução Francesa. Foi a partir desse instante que as sociedades secretas se tornaram ilegais.[55]

Goethe – que havia sido iniciado na Maçonaria embora a considerasse hostil ao Estado Alemão – escreveu a Bode em 1784:

"Acredita em mim. O nosso mundo moral está minado por tunéis subterrâneos e esgotos como qualquer cidade sem que as pessoas sejam capazes de verificar as ligações entre os eventos."[56]

Ao contrário das ordens germânicas e romanas – assentes no valor da honra e virtude – a judeo-maçonaria apenas se pauta pela mentira e engano. Weishaupt aconselhava aos seus colegas:

"Dediquem-se à arte do engano, à arte de espiar os outros e descobrir as suas verdadeiras intenções"[57]

O plano de Weishaupt era simples e pragmático: converter massas e intelectuais à missão maçónica para depois os manietar. A religião, o nacionalismo, o patriotismo, os valores, em suma tudo, tinha de ceder aos princípios da ordem.[58] As Lojas eram fortemente anti-nacionalistas e internacionalistas já que esta é a melhor forma de tomar posse dos governos. Joseph Utzschneider abandonou a ordem devido ao excessivo ódio patriótico.[59] Os clubes dos Jacobinos – inspirações do futuro bolchevismo – eram quase totalmente controlados pela ordem de Weishaupt, tendo sido perdidas cerca de 600.000 vidas, com menos de 1 em cada 10 a ser um aristocrata.[60] O judeu Giuseppe Mazzini – membro da Jovem Itália e maçon – pertenceu também à ordem de Weishaupt, como Albert Pike. Aliás, Pike terá enviado a famosa carta a Mazzini na qual indica a necessária existência de três guerras mundiais para total controlo das nações (duas já ocorreram).[61] As causas para as duas guerras podem ser as seguintes:

No primeiro caso, a Guerra resultou no fim do Império Russo – tradicionalista e conservador – conduzindo a um ateísmo e anti-teísmo profundo – Comunismo. Isto representou um "ajuste de contas" com a Igreja – um dos inimigos mortais do Iluminismo e Judeo-Maçonaria. A segunda consistiu em manobrar as potências mundiais para que o Estado parasítico de Israel fosse criado (embora a declaração de Balfour de 1917 já o tivesse garantido). Uma terceira guerra mundial pode já estar a ser implementada com a farsa da pandemia. É certo que nenhuma guerra existirá como

outrora; não haverão grandes batalhões em combate, mas será uma guerra "pacífica", conduzida pela cibernética, nos bastidores da política mundial.

- **Marx e as suas ligações ao Iluminismo e à Maçonaria**

É de facto impressionante como Karl Marx conseguiu adquirir um estatuto de humanitário, justo e sociável quando na verdade odiava pessoas, considerava proletários como gado e era incrivelmente inculto, arrogante e mal-criado. Durante a sua juventude, Marx foi um cristão tendo sido baptizado em 1824[62]. Contudo, a sua adolescência e consequente maturação revelou o seu carácter demoníaco, de resto natural em qualquer judeu. Reconhecidamente, Marx começou a detestar Deus e a adorar Satanás. Um dos seus poemas (nos quais desejava que a Humanidade ruísse e fosse subjugada), Marx escreve:

"Com Satanás estabeleci o meu acordo"[63]. É razoável assumir que Marx seria familiarizado com os escritos de Jakob Frank. Noutro poema lê-se:

"Então eu andarei triunfantemente

Como um Deus, pelas ruínas do Mundo"[64]

O judeu Marx e o *mischlinge* Engels foram introduzidos ao Satanismo e à Maçonaria através de Moses Hess. Hess, um judeu franquista, transformou o detestável Marx num agitador e revolucionário[65]. Moses Hess – um filho de um industrialista rico (é notável que a maioria dos comunistas e socialistas revolucionários nasceram em famílias abastadas. Marx era parente dos Rothschild) – foi dos primeiros a inculcar em Marx a abolição de propriedade privada, bem como um estado de perpétua revolução[66]. De facto, o internacionalismo e o socialismo apenas serviriam para instaurar uma infinita guerra entre classes. Tudo que fosse útil para semear ódio, foi fomentado.[67] Hess manobrou a luta de classes para a mascarar sob a luta dos judeus. Nenhum socialista (na perspectiva Hessiana) pode ser patriótico ou nacionalista – tem de renegar o sangue e o solo em que nasceu para abraçar a Internacional.[68] Isto, claro, não é nada mais que um terrível ressabiamento da raça judaica que não está vinculada a nenhum solo nem a nenhuma nação, destinados a viver em nenhum e em todo o lugar. O plano de Hess era simples e semelhante ao que Herzl e a Alliánce Universelle Israélite desejavam: fim da propriedade privada; abolição de Estados; bastardização de raças com consequente perda do vínculo mítico do povo; criação de um Mega-Estado Judaico que controlará todas as nações; entrega de todas as riquezas do mundo aos

judeus.[69] Nada disto é estranho aos judeus pois que o Talmude possui os planos de conquista mundial. Daqui resultam os massacres realizados pelos judeus que, disfarçando-se como grupo religioso perseguido, constituem a maior ameaça à espécie humana. Nenhum poupará o gentio. É certo que dir-se-à que nem todos os judeus se comportam da mesma forma, mas tal é irrelevante. A vileza é uma memória do sangue judaico e não pode ser apagada. Mais tarde ou mais cedo, revelar-se-à na altura certa. O problema judaico provém já desde a antiguidade clássica. Cícero, Tacitus, Dio Cassius, Diodorus Siculus, etc denunciaram os judeus como um povo estranho, sem cultura nem civilização que se alimentava somente de actividade usurária ou mercantil. Até hoje, não se encontrou ainda uma prova da capacidade cultural do Judeu. Claro que nada disto é errado ao Judeu; a sua moral permite e incentiva-o a destruir todos os povos. Não o fazer, seria renunciar a alma judaica. Daqui resulta o espectáculo miserável que assistimos hoje com toda e qualquer degeneração a ser fomentada nos povos nobres com o único intuito de os destruir. A influência judaica em Marx levou a que Bakunin – maçon – se afastasse do mesmo. Em *God and the State*, Bakunin escreve:

"De todos os Deuses que foram venerados pelo Homem, Javé é o mais invejoso, vão, cruel, injusto, sedento de sangue, déspota e aquele que é mais hostil face à dignidade humana e liberdade"[70]

É de facto estranho como a serpente revela, uma e outra vez a sua influência, e mesmo assim, todos se recusam a ver. Não admira que julguem que o goy é um animal. Que ser se aproxima do seu némesis e o defende a todo o custo? Não há melhor animal doméstico que o Homem. Cego, surdo e mudo irá lutar pelo bem do seu inimigo e atacará os seus, se tal lhe for exigido!

Alguns historiadores acusam de Marx de expressar um sentimento anti-semita em *On the Jewish Question*, mas a verdade é que Marx apenas reconhece que os judeus são capitalistas, materialistas, egocêntricos e obcecados com lucro e poder capital[71]. E de facto, os judeus da Galícia e da Polónia, durante o século XIX[72] arruinaram os mercadores locais, como haviam feito em Nuremberga no século XV (mesmo tendo os direitos da Carta de Goslar)[73]. Venderam a mesma mercadoria – com pior qualidade – a um preço baixíssimo forçando o colapso da economia dos mercadores locais. É claro que depois disto acontecer, o comprador apercebe-se que os preços aumentam exponencialmente, sendo que agora são mais caros do que eram antes dos judeus entrarem no mercado. Contudo, já ninguém vende aquela mercadoria além deles.

Disraeli escreveu que por detrás das políticas internacionais, por detrás dos conflitos e instigações existia uma clique judaico-maçónica capitalista a controlar os ministros, cujo único propósito era destruir o Cristianismo e os cristãos[74]. Que não nos enganemos, qualquer gentio europeu é cristão para os judeus. Ser filo-semita ou anti-cristão não nos salvará. Sangue reconhece sangue, judeu reconhece judeu. Tudo o resto é destruído.

O Manifesto Comunista de Marx foi publicado em 1848 sob permissão maçónica, no qual expressou o seu desejo de destruição de todas as nações e criação de governo mundial totalitário ao qual todos se devem submeter.[75] E, contudo, os comunistas apelam à "Liberdade"! Salazar, que sabia a ralé que o Comunismo representava, escreveu que a partir do momento que se fala de comunismo, não se pode falar de liberdade[76]. Marx sucedeu onde Weishaupt falhou. Enquanto que o último apenas conseguiu infiltrar-se numa elite degenerada, Marx "deu" o poder ao proletariado. Instigou-o contra o povo e nação; contra a religião e a moral em nome da perpétua revolução judaica. É claro que um homem – se tal pode ser utilizado para descrever o judeu – que escrevia poemas satânicos não tinha o menor interesse na classe proletária. Sob as falsas utopias de liberdade e progresso, continuaram o seu plano de destruição mundial e consequência supremacia judaica. A Liga Comunista de 1847 fora financiada pelos Rothschild que, foi responsável pela proliferação das demais revoltas nos anos seguintes[77]. Aliás, Ephresi, um judeu aliado dos Rothschild, comprara todo o grão disponível apenas para especular o seu preço, provocar fomes e, consequentemente, revoltas[78]. Mazzini e Piccolo Tigre – ambos maçons e judeus – receberam instrucções para criar Lojas Maçónicas na Itália que deveriam conduzir a uma revolução[79]. Em 1849, Marx escreveu:

"Nós somos impiedosos e não exigimos clemência, quando chegar a nossa hora não esconderemos o terrorismo"[80]

Após as revoltas de 1848, Disraeli menciona como os judeus foram responsáveis pela permanência das sociedades secretas que conduziram as revoluções.[81]

Marx e Engels apregoavam o fim do capital e uma permanente revolução social, quando os mesmos foram financiados por Nathan Rothschild.[82] Marx, segundo Mazzini, era um espírito destructivo que somente nutria ódio pelos homens[83]. Intensamente egoísta, arrogante, imoral e mal-educado, Marx aproveitou-se de todas as pessoas que o rodeavam não nutrindo qualquer sentimento de amizade ou compaixão[84]. Amor era algo que Marx nunca conheceu; somente ódio

e fúria. Quando Bakunin acusou Marx de ser pior que as classes capitalistas, o último rejeitou o primeiro sem pensar duas vezes, ainda que Bakunin tenha constituído a Primeira Internacional.[85] Ele detestava trabalhar e não respeitava ninguém que o fizesse. Além disso, era fervorosamente racista contra os povos europeus e, sobretudo, contra os negros[86] (o que não deixa de ser hilariante já que o Black Lives Matter possui ligações com a Antifa e com ideologia marxista, além de ter sido financiada pelo judeu Soros)[87]. Como característica típica da raça judaica, Marx não possuía qualquer conhecimento metafísico ou místico. Ademais, os seus slogans eram todos roubados. Roubou a Jean-Paul Marat "Os trabalhadores não têm pátria"[88] e de Hegel "A religião é o ópio do povo". Apesar disto, Marx é tido como um combatente pelos valores humanitários, de liberdade e igualdade. Na verdade, era uma manifestação ahrimânica que personificava o espírito judaico em todos os aspectos. Ainda relativamente aos negros, Marx escreve:

"Quem me persegue com esforço selvagem? Um homem negro de Tier, um monstro incrível. Ele não corre nem anda"[89]

A juventude bastarda, não só em Portugal mas pelo Mundo fora, que se alimenta à base de propaganda *kosher*, engole as mentiras judaicas alegremente não se apercebendo que se está a encaminhar para a sua destruição. É dever de qualquer ser racialmente consciente, aliás de qualquer ser, renunciar o Comunismo, a Maçonaria e o Judeu a fim de preservar a sua integridade, a saúde dos seus valores e moral. Em suma, a sua existência. Que fique claro que ignorar o problema ou aliar-se ao mesmo não trará nenhuma recompensa. No fim, tudo será entregue a Javé em holocausto. Só o Judeu e uma pequena classe de Judeus Artificiais – Maçons e cripto-judeus – poderão desempenhar algum papel relevante nos cargos políticos e mundiais (como de resto já hoje acontece. O irmão de Justin Trudeau, numa entrevista, revelou como este possui uma equipa que lhe escreve guiões para Trudeau, mais tarde, comunicar à imprensa. De resto, Justin estará totalmente encapsulado pelos Bilderberg e outras associações maçónicas)[455]

- **Maçonaria e a Revolução Americana de 1776**

A Revolução Americana, que não seria nada mais que um prelúdio da futura revolução de 1789, foi maioritariamente orquestrada por judeus e maçons. É impossível negar a influência que os judeus tiveram, nomeadamente, Haym Solomon ao financiar o esforço de guerra de Washington.[90] Existem incertezas quanto à primeira vez que Solomon contactou Washington, mas existe a lenda de que no durante o Yom Kippur, enquanto Solomon estava a recitar orações, o general maçon

terá entrado na sinagoga para implorar financiamento para a sua revolução.[91] O mais provável é que isto não passe de uma fantasia, mas Solomon emprestou quase 650.000 dólares (o equivalente a 9.4 biliões em 2017) para as hostes revolucionárias[92]. Tal como os cabecilhas da revolução, também o judeu era maçon tendo sido iniciado numa loja maçónica em Filadélfia[93]. A Revolução Americana permitiu aos judeus a sua emancipação e a sua legitimização como cidadãos americanos, algo que até à altura não ocorria. Haym Solomon, Gershom Seixas e Mordecai Noah evidenciaram o número de judeus que combateu no exército da revolução para justificar a sua existência enquanto cidadãos de um novo país, um país tolerante e livre.[94] De facto, os judeus julgavam que a América lhes devia pelo seu serviço prestado. Em 1787, Jonas Phillips proferiu:

> “os judeus têm sido *whigs* verdadeiros e fiéis e durante o último combate com a Inglaterra auxiliaram os estados prontamente com as suas vidas e riquezas; apoiaram a causa, foram bravos e lutaram por uma liberdade que ainda não desfrutam”[95]

Phillips era judeu e maçom[96]. Somente em 1830 é que a maioria dos Estados reconheceria aos judeus a sua emancipação, ainda que mesmo após essa altura estes tivessem de demonstrar que o seu comportamento não era hostil ao estilo de vida americano.[97] O conluio judeo-maçónico permitiu a Washington tornar-se o primeiro presidente. É importante notar que Washington terá recebido uma carta de Weishaupt com notas sobre como conduzir a revolução. Ainda hoje, na nota de 1 dólar, pode-se encontrar a pirâmide de Weishaupt, com a insígnia NOVUS ORDO SECLORUM, traduzido como a Nova Ordem dos Séculos. De entre os líderes da revolução, podem-se destacar os seguintes maçons:

George Washington, Benjamin Franklin, John Adams, Samuel Adams, Edmund Burke, Paul Revere, etc[98]

Aquando da assinatura da Declaração da Independência, pelo menos oito eram maçons e outros sete tinham ligações maçónicas. Haviam 28 maçons como signatários da constituição. Além disso, as ligações maçónicas extendiam-se ao judeu Lafayette que viria a desempenhar um papel na revolução francesa. Os Comandantes da Armada Continental eram maçons e pertenciam à Loja Armada, idem para a maioria dos generais de Washington que também pertenciam a alguma loja. A Boston Tea Party, na qual os maçons se disfarçaram de índios para provocar os ingleses, havia sido planeada no Green Dragon – taverna conhecida por ser a base maçónica.[99] Benjamin Franklin

utilizou os seus contactos com a maçonaria francesa, nomedamente com Lafayette, para que a França reconhecesse os estados como independentes em 1778.[100]

George Washington foi ajuramentado como primeiro Presidente dos Estados Unidos da América, por Robert Livingston, Grão Mestre da Loja Maçónica de Nova Iorque e a Bíblia utilizada para esse juramento era a mesma da Loja.[101]

- ### Maçonaria e a Revolução Francesa de 1789

A revolução francesa de 1789 constituiu o arranque dos planos de subjugação mundial por parte de uma pequena elite de homens que, conscientes da vileza dos seus planos, os mascararam sob as falsas bandeiras de liberdade, fraternidade e igualdade. Reconhecidamente, a revolução francesa foi uma obra maçónica.

Nas vésperas de revolução, a mentalidade maçónica e francesa era somente uma, daí que não pareça estranho, nem o é, que o modelo político da revolução seja igual ao modelo maçónico[102] com a França a se tornar, em 1789, uma república maçónica.[103] Como nas demais revoluções, os maçons são os primeiros a reclamar as revoluções, não tendo qualquer receio em se afirmarem como os pioneiros do dito "progresso". Já em Janeiro de 1791, Lojas como a Contracto Social em Paris orgulhosamente afirmava que "não se pode negar que tivemos muita influência nos grandes acontecimentos que estão a imortalizar os últimos anos do século XVIII"[104]. Já antes da revolução que o Iluminismo havia permitido, voluntariamente e conscientemente, a entrada de judeus na maçonaria, com particular destaque para Moses Mendelssohn, Heinrich Heine e Ludwig Borne[105]. Todos desprezavam a cultura alemã, com Heine a ser um pioneiro contra Goethe.[106] A revolução, com o seu tom particularmente anti-cristão, mostrou mais uma vez os princípios da judeo-maçonaria, a conspiração dos Iluminatti para o derrube de governos e posterior escravização de povos. A maçonaria sempre encontrou nas maiores famílias – como os Rothschild, Schiff e Kuhn (todos judeus) – um alicerce de financiamento e controlo estatal, sendo estes os verdadeiros senhores das ordens. Mirabeau terá confessado ter comunicado com Weishaupt para receber fundos para alimentar a revolução.[107] Ao investigar a mesma, o professor de filosofia natural, John Robinson afirma:

"Fui capaz de rastrear as tentativas feitas, ao longo de 50 anos, sob o pretexto de enaltecimento do mundo pela tocha da filosofia, para manter as nações da Europa no obscuro e escravidão. Observei

estas doutrinas a difundirem-se gradualmente e a misturarem-se com os diferentes sistemas da Maçonaria; até que, por fim, uma associação se formou com o objectivo de destruir todos os estabelecimentos religiosos e derrubar os presentes governos europeus"[108]

A ligação entre maçons e judeus com a revolução é evidenciada por Bernard Lazare que escreve em *L'antisemitisme*:

"É certo que haviam judeus no berço da maçonaria cabalista, como é provado pelos ritos existentes; muito provavelmente durantes estes anos que precederam a Revolução eles entraram em grandes números na sociedade e fundaram sociedades secretas. Haviam judeus em torno de Weishaupt; e Martinez Paschalis (o fundador do Martinismo), um judeu de ascendência portuguesa, organizou grupos maçónicos pela França"[109]

O plano de Weishaupt era simples: destruir a França e contaminar o resto da Europa com a sua revolução e, para tal, enviou o judeu Cagliostro onde lá formou lojas. O congresso de Wilhelmsbad de 1782 decidiu que todos os judeus poderiam participar na maçonaria e que haveria uma submissão da mesma aos princípios iluministas, de resto já da mesma natureza que os maçónicos.[110] Aliás, uma loja em Saint-Germain era vulgarmente frequentada por ele, estudantes do espiritista Swedenborg e Saint-Martin.[111]

Nessa conferência, o Conde de Virieu acabaria por abandonar a ordem maçónica e, aterrorizado, comentou:

"Não direi os segredos que descobri, mas o que eu acredito é que uma conspiração está a decorrer, tão profunda que será difícil qualquer religião e governo não sucumbir"[112]

Os maçons superaram outras forças porque entendiam a natureza das massas como ninguém; que estas são maioritariamente imbecis, ovelhas a necessitar de um pastor, a implorar por uma ordem ainda que esta as condene à morte certa. Mirabeau escreve:

"Temos algo a temer da nação que não conhece os nossos projectos, e não estará disposta a nos apoiar? Se eles discordam, fá-lo-ão timidamente. Para os restantes, a nação sabe o que quer? Faremos que eles queiram e diga que nunca pensou...A nação é um grande rebanho que, com bons cães, os pastores lideram à vontade (...) O que faremos com estas pessoas enquanto abafamos os

seus princípios de honestidade e justiça? É vantajoso que durante uma revolução, uma população não tenha moral. Não existe uma única virtude do passado que nos sirva"[113]

O carácter internacional da maçonaria como ferramenta de destruição nacional e social manteve-se presente já que durante a revolução o comité do Grande Oriente dirigiu-se a todas as lojas exigindo uma união de esforços pela Revolução, onde quer que estivessem e que reunissem o maior número de amigos, protectores para propagar a chama, para agitar o espírito[114].

Em 1787, Cagliostro havia escrito um artigo no qual apelava à população francesa para se revoltar contra a ordem estabelecidade para singrar o plano maçónico[115]. Lafayette foi outro judeu maçon que acabaria por ser vice-presidente da Assembleia Nacional após a queda da Bastilha[116] (que se tratou de uma encenação de Weishaupt, já que não haviam sequer presos aquando da tomada. Civis foram colocados a matar civis para exemplificar uma falsa revolta)

Louis Blanc em *Histoire de la Révolution* escreve:

"Colocar milhares de homens do mundo inteiro debaixo da alçada de uma só vontade e poder; transformá-los completamente através de uma educação lenta e gradual; torná-los obedientes ao ponto de loucura, guiar a Europa a um ponto em que toda a superstição religiosa será abolida, todas as monarquias derrubadas, todos os privilégios de nascença declarados como injustos e retirar o direito de propriedade: este é o plano gigante do Iluminismo" Após a revolução, em 25 de Agosto de 1789, a Assembleia possuía mais de 300 maçons.[117]

Foi em 1789 que a Judeo-Maçonaria abertamente declarou guerra aos valores ocidentais colocando, em vez destes, uma falsa matriz civilizacional sem permissão nem do povo nem de qualquer lei cósmica. Aliás, isto representa precisamente o contrário à ordem estabelecida; representa a corrupção dos valores de lealdade, virtude e honra que serão substituídos pelo secretismo, pela mentira e engano. A revolução foi obra daquele espírito, sempre intranquilo, irreconciliável com a civilização que se manifesta nos seres que o o Dr. Lothrop Stoddard tão carinhosamente define como *Under-Man*.

• Comuna de Paris de 1871 e Maçonaria

Não se estaria errado em dizer que a Comuna foi o primeiro exemplo da ditadura do proletariado, que Marx tão ardentemente apregoava[118]. Aliás, ele aplaudiu-a de Londres.[119] Tal como na revolução francesa, como Barruel demonstra e cuja obra José Agostinho de Macedo traduziu, a

Comuna teve também um forte cunho judeo-maçónico e não surgiu do nada, mas foi mais um passo para a supremacia judaica na Terra. Léon de Poncins escreve:

"Toxinas em forma humana permanecem escondidas durante várias gerações de homens. São elas que causam febres, decrepitude, decadência, parálise, convulsões, envelhecimento, colapso e morte"[120]

Reconhecidamente, a Revolução Francesa desafiou a Igreja e a Monarquia, a Comuna dirigiu-se contra tudo e todos[121]. Foram 71 dias que acabariam por clamar mais de 20.000 mortes, tendo terminado no dia 28 de Maio de 1871[122]. O único mistério que falta revelar é a participação judaica e maçónica na mesma. Um dos líderes da Comuna foi o judeu Léon Gambetta e a revolução foi útil somente para a sua tribo.[123] No dia 26 de Abril de 1871, cinquenta e cinco lojas – mais de dez mil maçons – participaram na Comuna. No Hotel de Ville, o maçon Tiriforque[124] saudou a revolução com as palavras:

"A comuna é a maior revolução que o mundo alguma vez criou!"[125]

A principal função da Comuna foi continuar o processo de destruição da Europa para estabelecer o Judeu como o seu Senhor Supremo. Todos os seus esforços foram neste sentido[126] e, por isso, durante estes 71 dias de assalto, pilhagem e caos, as casas dos homens honestos e trabalhadores foram saqueadas, mas os 130 palácios de Afonso Rothschild, mantiveram-se ilesos.[127] Essencialmente, a Comuna foi vista pelos judeus como estes vêm tudo: algo para explorar caso lhes seja favorável ou algo para destruir caso contrário. A revolta contra o clero voltou a ser uma temática principal, como também na I República (cuja construção se deveu à cooperação da Maçonaria com a Alliánce Universelle Israélite) o foi, e tal como na anterior este foi acusado de matar o povo à fome, de impedir que possuísse riqueza, açambarcando-a toda para si. Contudo, este sofisma não tinha qualquer validade já que não era a Igreja que possuía qualquer riqueza, mas sim os grandes banqueiros da finança internacional que comandaram estes movimentos pelo prazer sádico de destruir povos e reforçar a sua intocabilidade.[128] Ademais, não seria errado afirmar que a concretização destes planos se encontra assente na natureza perversa e parasítica desta clique que, arrogantemente considerando-se senhora do Mundo, corrompe as suas nações e povos.

Após a Comuna, no governo de 1879 cerca de 225 membros do mesmo pertenciam à maçonaria, incluindo Adolfe Crémieux.[129] Os diplomatas maçons alemães esforçaram-se ao máximo para que

a Comuna fosse vista com bons olhos de modo a facilitar o seu projecto de criação de uma república mundial. Simon Deutsch, um diplomata fundamental à Comuna e amigo de Gambetta, havia sido um dos maiores propagandistas da guerra Franco-Prussiana (pelo lado da França) e participou activamente na Comuna.[130] Após o seu fim, o judeu Deutsch deslocou-se para a Turquia – para ingressar nos Jovens Turcos – para derrubar mais um governo soberano: o califado de Abdul Aziz.[131]

- **Maçonaria e Sionismo: A Alliánce Universelle Israélite e os Protocolos dos Sábios do Sião**
  - **Sionismo de Herzl: O verdadeiro significado**

O Sionismo, enquanto expressão política definida, existe somente aquando da sua criação no século XIX quando Theodor Herzl, após a o Caso Dreyfus se decidiu a subverter todas as nações do mundo para que estas servissem o judeu, como aliás o seu Deus tirano o exige:

“Porque o Senhor teu Deus te abençoará, como te disse; assim, emprestarás a muitas nações, mas não tomarás empréstimos; e dominarás sobre muitas nações, mas elas não dominarão sobre ti” [Deut 15:6]

Não é o objectivo explorar o sionismo desde as escrituras Talmúdicas até à política pragmática de Herzl, mas relacioná-lo com a política mundial e com a ordem maçónica que, segundo o seu fundador, estava a agir somente no interesse dos judeus. O próprio terá confessado que os “porcos” dos cristãos não faziam a mínima ideia da concepção judaica da Maçonaria. O Rabbi Wise afirmou publicamente que a maçonaria era, nos seus princípios, ritos, história,... puramente judaica e tal justificação pode já ter sido reafirmada ao longo deste artigo. Mas ainda antes de se verificar o conluio entre as duas internacionais, é necessário verificar o que o Sionismo realmente representa. O Sionismo é nacionalismo judaico, logo, internacionalismo na sua forma mais bruta e rude; o judeu não pode ser nacionalista nem patriota. Para isto, seria necessário ter pátria e nação – não tem nenhuma. O Judeu é aquele povo vampírico, estranho que não pertence a lado nenhum; simplesmente o Judeu não tem lugar na Terra. Reconhecidamente, as seguintes passagens do Talmude e Shulchan Aruch provam que para os judeus, o gentio é um *goyim*, isto é, rebanho em forma humana porque os judeus não poderiam ser servidos por animais. Por isso, o seu Senhor criou os gentios para que servissem o seu Lorde Supremo: o Eterno Judeu.

“Se um gentio vendeu um terreno a um Judeu, e aceitou dinheiro mas não escreveu um documento, o terreno naõ tem dono e pertence a quem o reclamar primeiro” (Choshen Mishpat 274)

“Se um Judeu devia dinheiro a um gentio e morreu, e o gentio não se apercebe disto, os seus descendentes não são obrigados a pagar” (Choshen Mishpat 283,1)

“Um escravo gentio tem um estatuto de animal” (Choshen Mishpat 135,2)

“Uma rapariga gentia que tem três anos pode ser violada” (Avodah Zarah 37a)

“Aqueles que fazem pouco das palavras dos sábios judeus e pecam contra Israel serão fervidos em excremento” (Gittin 57a)

“Apenas os judeus são humanos. Os *goy* são animais” (Baba Mezia 114a-114b)

“Se um judeu se sente tentado a realizar o mal, ele deve ir para uma cidade onde não é conhecido para o fazer” (Mo’ed Katan 17a)

“Até os melhores dos gentios têm de ser mortos” (Sanhendrin 57a)

O Sionismo, enquanto ferramenta de destruição de nações é tão antiga como o povo judaico, já do Monte Sinai Moisés exigiu aos judeus explorar os gentios com a usura.

“Ao estranho emprestarás à usura, porém a teu irmão não emprestarás à usura” [Deut 23:20]

“Que é permitido emprestar aos gentios e apóstatas com usura, em três partes: a Lei declarou que é permitido emprestar aos gentios com usura, mas os sábios prescreveram-na excepto se permitir a sobrevivência de um professor ou se é usura rabínica. E hoje é permitida” (Yoreh De’ah 159,1)

Herzl tinha uma visão puramente parasítica da criação de Israel: queria ele que os judeus criassem a sua civilização do zero? Pretendia que fossem com armas e espírito guerreiro conquistar a Palestina?

Ambas as respostas são negativas. Herzl escreve que após o caso Dreyfus, se apercebeu que uma união entre judeus e gentios é impossível; que o pobre judeu continuará a ser perseguido ainda que esteja totalmente integrado. Mas, não hajam dúvidas que Herzl condenava ferventemente a mistura com gentios. Aliás, as leis judaicas nem permitem a um Canaanita o casamento com um judeu até à 10ª geração! Respondendo à primeira pergunta, Herzl nunca quis um retrocesso[132] (ele bem sabia que os judeus não tinham cultura, atacando até os “pseudo-intelectuais” judaicos). Israel deveria

ser criado ora na Palestina ora na Argentina[133] e, para tal, era necessário duas coisas: capital e vontade. O capital já ele tinha, orgulhosamente afirmando que os banqueiros e tesoureiros da Europa eram todos judeus[134]. A vontade e capacidade de mobilização não a tinha e não tinha intenção qualquer de formar um exército para conquistar Jerusalém. Pelo contrário, Herzl queria utilizar os anti-semitas para receber uma pátria. Ao explorar o seu desejo de se livrarem dos judeus, poder-se-ia compactuar com o Diabo desde que uma Pátria lhes fosse oferecida. Não saberia Herzl que uma Pátria é conquistada pela força do sangue e, que, os homens vivem juntos e são protegidos por montanhas e rios porque a Natureza já os havia decretado como povo?[135]

Não basta colocar milhares de indivíduos num território para que um povo nasça, ainda por cima porque este é definido pela lei do sangue e não das circunstâncias. Ainda que Herzl considerasse que o judeu alemão, húngaro, francês, etc como somente "judeu", ele lamentava que não houvesse identidade e auto-ajuda judaica.

É ainda mais estranho que ao longo do seu manifesto se encontrem poucas referências à língua oficial e até religião de Israel! Pilares de um povo como cultura, emoções, lírica, anseios, desejos, religião têm pouca importância para Herzl. Sempre crítica e analítica, a mente judaica percebe apenas uma coisa: capital. A sua preocupação prendia-se com quem haveria de financiar o movimento; como transportar as pessoas para Israel e quem o fazer. Por isso é que Herzl se aproximou da Grã-Bretanha após o seu colega Lazar Pinkus afirmar que a Alemanha não estaria comprometida a fornecer uma casa ao povo eleito[136]. Mas é necessário realçar que o Sionismo nunca teve e ainda hoje nada tem a ver com uma pátria. Aliás, essa mesma já eles a possuem. A partir do momento que aos judeus lhe foi garantido um território, certamente que o sionismo teria a sua missão cumprida. Contudo, o seu verdadeiro objectivo nunca foi o de colocar todos os judeus num só território até porque ainda hoje eles habitam o mundo fora como seres essencialmente estranhos e segregados. Não há melhor animal para descrever o sionismo do que o polvo. Com os seus longos tentáculos alcança todas as nações; com as suas ventosas suga a força vital de todos os povos retirando o pão e o trabalho de outras raças apenas para fortalecer-se. A pérfida visão de Herzl consistiu em verificar que somente com um quartel-general, os judeus poderiam verdadeiramente governar as nações. Sem um porto de abrigo, que lhes defendesse tenazmente os interesses e anseios, estes estariam destinados a ser víctimas de *pogroms* mais ou menos violentos. Assim, o projecto Israel nasceu como cumprimento das leis judaicas de destruição de gentios.

Sionismo é sinónimo de PAX JUDAICA, isto é, criação de um único Estado Mundial, obviamente Judaico, que explorará os gentios até ao tutano, e nem o osso será poupado, cumprindo com as profecias talmúdicas. Nós observamos isto com o monopólio judaico na imprensa e na finança; na indústria alimentar que se torna cada vez mais *kosher* (como de resto o Brother Nathaneal já nos indicou); com as crises migratórias que são provocadas pela serpente com único intuito de promover diversidade, isto é, genocídio das raças brancas, que hoje já se observa e continuar-se-à a observar. A indústria farmacêutica e medicina moderna – que estou certo que limitou o progresso místico do Homem – encontra-se principalmente nas mãos da BlackRock, Vanguard e Fidelity, cujos CEOs são judeus e cuja rede de capital se estende até aos Rothschild e Rockefeller.

Existirão, decerto, soluções pragmáticas, ainda que anti-humanitárias, para o mais antíguo problema mundial. Que os judeus não podem viver com os gentios é evidente para qualquer ser racialmente consciente; que eles devem ter o seu território, também parece necessário embora injusto dada a natureza judaica. No entanto, que este território seja utilizado para manipular as nações mundiais, isso não pode ser permitido. Os judeus nunca conseguirão viver numa pátria porque são elementos internacionais; sem sugar a força vital dos gentios – o que a Cabala designa como *nephesh* – não serão capazes de sobreviver. Se, de hoje para amanhã, se isolasse essa raça

numa ilha, assistiríamos ao glorioso espectáculo do Declínio de Judá. Um vampiro não subsiste de outros vampiros; um parasita precisa de um hospedeiro para sobreviver; um Judeu precisa de um Goy para explorar, enganar, roubar. Afaste-se o último do primeiro, e este perecerá. Semelhantemente, Ezra Pound julgava que retirando os judeus da actividade política, bancária, social, em suma, de todo o espectro social, estes tornar-se-iam inócuos.

- **A Alliánce Universelle Israélite: Ordem Judeo-Maçónica**

A Alliánce Universelle Israélite foi fundada em 1860 pelo judeu maçon Adolfe Crémieux com o intuito de construir uma união entre todos os judeus do Mundo. Em Portugal, Adolfo Benarus e Moses Amzalak (amigo íntimo de Salazar) pertenceram à associação.[137]

Ao contrário das Lojas comuns, esta só aceitava judeus. Os seus planos para conquista mundial estão sempre presentes na tinta de Crémieux. Ele escreve:

"A nossa causa é magnânime e divina, e o seu sucesso é garantido. O Catolicismo, o nosso inimigo, está reduzido a cinzas, mortalmente ferido na cabeça. A rede que o Judaísmo está a lançar sobre todo o globo está a alargar-se e a espalhar-se diariamente, e as profecias dos nossos Livros Sagrados estão prestes a ser realizadas. O tempo em que Jerusalém será a casa de oração de todas as nações e povos está próximo. O dia em que todas as riquezas e tesouros da terra serão propriedade dos judeus não está distante"[138]

Esta loja desempenhou um papel vital em reforçar os laços entre os judeus e os maçons, com Crémieux a ter ligações a notáveis sionistas como Max Nordau – que com uma admirável sabedoria, já em 1911 denunciava que 6 milhões de judeus morreriam para que Israel fosse criado.[139]

De facto, para Isaac Wise, sem os ritos, sem a história judaica, a maçonaria não era nada.[140]

Este sentimento é reforçado pela Jewish Tribune que, em 1927, escreve:

"A Franco-Maçonaria é baseada no Judaísmo. Eliminai os ensinamentos do Judaísmo do ritual maçónico e que mais há?"[141]

"Maçonaria, um tipo de sociedade secreta fundada nos princípios esotéricos do Judaísmo Cabalista, evoluiu de um sistema de guildas que existia na Europa durante séculos. Enquanto haviam guildas para pedreiros, a maçonaria pouco se envolveu neste trabalho. Os judeus que

organizaram a fraternidade adoptaram o simbolismo como uma dica subtil do seu verdadeiro propósito – reconstrução do Templo de Salomão – por outras palavras, Sionismo. Eles esperam reconstruir o Templo como Salomão o fez, e governar o mundo como o Povo Eleito por Deus – uma aristocracia de judeus a governar sobre os servos gentios”[142]

Esta última secção é muito semelhante ao pensamento de Kalergi, segundo o qual, numa Europa bastardizada racialmente, os judeus surgiriam como uma nova aristocracia, destinada a governar sobre as nações.[143]

Tendo a Judeo-Maçonaria se instalado no meio das guildas, para corromper os seus princípios e mascarar o seu objectivo de subjugação mundial, é vital erradicar esta seita judaica que, tendo o poder que hoje exibe, destrói tudo que alguma vez fora criado.

- **Os Protocolos dos Sábios do Sião e a ligação maçónica**

Num outro artigo, já se mostrou como os Protocolos são, na verdade, verídicos além de estarem a ser implementados há largos anos. O que hoje vivemos e experienciamos – cujas dimensões só no futuro poderão ser verdadeiramente averiguadas – é somente mais um passo num plano para destruição global. De facto, os tecnocratas são os grandes líderes do progresso de hoje, progresso hoje que conduzirá ao fim da espécie humana. Klaus Schwab – judeu – é um dos grandes pioneiros deste *Reset* (embora não seja o real mestre da revolução). O próprio já afirmou quão vantajosa a pandemia lhe está a ser e como, a partir daqui, tudo vai mudar. O próprio Príncipe Carlos também o afirmou e, um pouco por toda a parte, encontram-se os seus fantoches (Macron, Jacinda, Christine Lagarde, Ursula Von der Leyen, Bill Gates, Elon Musk, etc) a continuar com a falsa narrativa. Que sejam alguns destes senhores tidos como os grandes filantropos e mestres do progresso apenas prova a decadência na qual o Homem mergulhou ao permitir psicopatas e judeus liderarem o mundo, de resto pouca diferença existe entre ambos. O que hoje se regista não é nada de novo que não tenha sido registado nos Protocolos: destruição de governos soberanos, fim da liberdade e independência, destruição de valores morais, estéticos e culturais. Não há outros povos que não os Europeus que sejam constantemente alvo destes ataques pérfidos à cultura e aos ideais que carimbam a sua existência. Suspeita-se que também na conferência de 1897, os Protocolos terão sido mostrados, o que não é incomum já que em 1886 Asher Ginzberg já publicava os mesmos na cidade de Odessa.[144] A Loja maçónica francesa Misraim possuía também uma cópia destes protocolos.

Nos protocolos, pode-se ler:

"A Franco-Maçonaria externa serve unicamente para cobrir os nossos desígnios"

Dirão que os protocolos são falsos e um ardil. Ainda que o fossem, certo é que tudo que lá está escrito é observado hoje. Mesmo sendo falsos – que não são – o seu espírito está vivo e bem de saúde.

- ## Maçonaria e a 1ª Guerra Mundial
  - ### Lojas Maçónicas e a morte do Arquiduque Francisco Fernando

É comummente sabido que a Grande Guerra foi despoletada pela morte do herdeiro do trono Austro-Húngaro: o Arquiduque Francisco Fernando. A tensão entre a Áustria e a Sérvia já advinha, pelo menos, desde as guerras balcânicas de 1911. É necessário também compreender que ninguém estava satisfeito com o Império. Outrora, só Viena é que podia ser uma capital. Agora, Budapeste e Praga começavam a desenvolver uma afronta à grande cidade, além de reunirem várias realidades étnicas distintas. Georg Von Schonderer afirmou que a política de apaziguamento de minorias, com a sua introdução na família real (que possuía já checos) resultaria apenas numa coisa: fim da hegemonia alemã da casa real com sucessivos ataques a comunidades germânicas para promoção de inclusão das comunidades eslavas e, pior que tudo, judaicas. Este é o resultado de um Império multirracial: supremacia de uma raça ou diluição de todas. Aliás, a imprensa judaica já vociferava contra o Kaiser e contra os movimentos nacionalistas que despertaram na Áustria. Movimentos esses que captivaram Guido Von List e Rudolf Steiner, cuja antroposofia tinha tendências raciais e nacionalistas. Aliás, durante a República de Weimar, Steiner lamentava a inclusão de negros e outras raças no estoque alemão. Como qualquer teósofo e místico, ele sabia a importância da raça no desenvolvimento do ciclo kármico.

O Arquiduque foi assassinado em Sarajevo em 1914 numa Bósnia que estava prestes a se juntar a uma Sérvia que ansiava por um Estado Eslavo. Após expulsarem os Otomanos, os Sérvios começaram logo a juntar as classes eslavas para as libertar do Império. Claro que os judeus foram os primeiros a exigir que a Áustria-Hungria abdicasse destes territórios para permitir a uma Sérvia, apoiada pela França e Rússia[145], reunir todos os eslavos desde Belgrado até Praga. Novamente aqui, a inexperiência do Kaiser voltou a brilhar. Depois de brindar com Lichnowsky[146] (erradamente julgando que havia chegado a um tratado de paz com o Império Anglo-Judaico), foi

incapaz de apaziguar as tensões entre a Sérvia e a sua aliada. Bismarck – um fenomenal diplomata – foi capaz de colocar a Rússia do seu lado[147], impedindo que a Alemanha ficasse encapsulada entre duas potências. Wilhelm II não teve esta capacidade. Aliás, Bismarck ter-se-à demitido por discordar da geopolítica do Imperador. Toda a agitação política do início do século levou a que a Alemanha não tivesse outra hipótese senão aliar-se à Áustria-Hungria de modo a tentar proteger-se do *Einkreisung*.[148] Em 1907, a Rússia havia-se tornado aliada da Inglaterra.[149] Eyre Crowe tinha demonstrado o seu desagrado pela evolução industrial da Alemanha.[150] Será necessário questionar, então, porque é que a Áustria-Hungria foi alvo de ataque e não a Alemanha. Com a derrota da Rússia na guerra de 1905 contra o Japão e a revolução que lhe seguiu, o Czar obteve uma desculpa para avançar nos Balcãs e, perigosamente, colocar a soberania da Alemanha em risco. Quando o embaixador austríaco apresentou evidências de que a Sérvia havia participado no assassinato, Sazonov (ministro dos negócios estrangeiros do Império Russo) recusou-se a ouvir sequer e notificou o Czar de que, com o surgimento de uma guerra, seria possível "partir" a Áustria, estabelecer domínio eslavo desde os Urais até Praga e, juntamente com a França, derrotar a Alemanha.[151]

O papel das lojas maçónicas não pode ser negligenciado. Já em 1912 estas haviam planeado a sua morte:

"Ele (o arquiduque) é um homem extraordinário; é uma pena que esteja condenado, ele irá morrer a caminho do trono."[152]

Os assassinos eram maçons e judeus (*Secret Powers of the Revolution)*.

Juntamente com a maçonaria, encontramos os judeus envolvidos – como fermentos de decomposição, decadência e degeneração que são – no derrube de mais uma nação soberana.

A consequência do planeamento maçónico foi o fim do Império Austro-Húngaro e consequente instabilidade social e política no centro da Europa que conduziria a um reinado de terror do judeu maçon Béla Kun na Hungria.

- **Woodrow Wilson e a Força Judeo-Maçónica**

Woodrow Wilson, guiado pela agenda sionista, foi um bom agente de Judá. Aliás, a ladaínha utilizada para declarar guerra era apenas mais um chavão utilizado pelos Aliados (sempre do

Judeu): de que a democracia tinha de ser preservada a fim de criar um mundo melhor. Aliás, estas palavras têm sido cuspidas por todos os presidentes dos Estados Unidos do Sião, desde o maçon e cripto-judeu Roosevelt a Bush – que agindo em nome de Israel – provocou um deliberado conflito no Médio Oriente para oferecer os muçulmanos em Holocausto à Judiaria Internacional. Aliás, o 9/11 não passou de mais uma prova de lealdade de cadáver da América a Israel para destruir os estados islâmicos que têm todo o direito de existir onde sempre existiram, não fosse o povo eleito – com as suas mentiras e capital – forçar a sua existência em algum lugar.

Ademais, como todas as guerras dos últimos 100 anos, nunca é o judeu que assume a responsabilidade pelas mesmas, nem ele próprio as combate! Como elemento parasítico e putrefacto, aproveita-se da força de outrém para alcançar os seus meios.

Wilson foi financiado por Jacob Schiff (que viria a financiar a revolução bolchevique) e em 1912 o *Jewish Advocate* publicou um artigo para que todos os líderes judaicos apoiassem a sua candidatura.[153] Para os judeus, a vitória aliada era extremamente útil. Significaria um aumento da força do Império Britânico e, por isso, um aumento do controlo no Médio Oriente. Herzl havia já tentado "comprar" o sultão Abdul Hamid II para este abdicar território para a formação de Israel.[154] Abdul recusou imediatamente, uma razão pela qual o movimento Jovens Turcos (um nome que o execrável Pedro Nuno Santos – ignóbil Ministro das Infraestruturas e Habitação – adoptou para um grupo seu de amigos revolucionários) aceitou principalmente judeus e se focou em destruir o sultanato.

Como mais tarde aconteceu com Roosevelt (que havia prometido a imigrantes alemães que os EUA não entrariam em guerra com a Alemanha – somente para angariar votos), também Wilson foi elogiado em 1916 e a propaganda foi dirigida no sentido de relevar o seu papel na neutralidade do país. Bastaram quatro meses para Wilson voltar atrás na sua palavra e trair o seu eleitorado ao declarar guerra à Alemanha.[155] A declaração de Balfour não poderia ter surgido em melhor altura. O Judeu Brandeis – amigo íntimo de Wilson – entrou em contacto com os Rothschild que asseguraram a Wilson que o estabelecimento de Israel – como protectorado inglês – serviria os propósitos de paz que o mundo ansiava. Deve-se mencionar que, como Lothrop Stoddard deixou expresso em *New World of Islam*, o sultanato tinha de cair. Nepotismo e corrupção impediam a Turquia de progredir e, simultaneamente, conquistar o resto do Médio Oriente, cumprindo com as visões Pan-Islamistas. A solução, claro, nunca passaria por fornecer uma casa aos judeus. Mas

Wilson tinha mais que razões políticas para o fazer. Sentia-se honrado por o fazer. Como filho de um presbítero, sentia-se orgulhoso por permitir fornecer uma casa ao Povo Eleito.[156] Brandeis tinha uma enorme influência no Presidente, com este último a declarar que devia toda a sua carreira ao judeu[157]. Brandeis, claro, estava ligado à secreta sociedade maçónica Parushim, na qual estabeleceu contactos com vários líderes judaicos, como Felix Frankfurter e Horace Kallento. Parushim cumpria com a missão utópica de fornecer uma casa ao povo judaico, isto é, fornecer uma plataforma de domínio e subversão mundial.[158] Como um Gríma, Brandeis continuou a envenenar Wilson que enviou Bernard Baruch – judeu e mais tarde conselheiro de Roosevelt – para França após o fim da guerra a fim de negociar os tratados da "paz" de Versalhes. Como Herzl havia mencionado, era preciso que os judeus entrassem no contrato para garantir que as nações europeias reconheciam o futuro Estado Judaico.[159] Em 1922, a Liga das Nações acabaria também por reconhecer a legitimidade do Estado de Israel.[160] Wilson prometeu paz e trouxe guerra; promoveu isolacionismo e mergulhou os EUA numa guerra em nome dos judeus;proclamava agir pela paz mas trouxe caos e confusão política. Após a sua morte, o Presidente da Organização Sionista da América afirmou publicamente que o presidente havia sempre combatido pelos direitos do povo eleito[161]. Em 1921, Wilson havia escrito à Organização que estava satisfeito e orgulhoso por ter sido útil à missão sionista.[162] 20 anos mais tarde, outro presidente – ainda mais encapsulado pela Judiaria voltaria a prometer paz, mas traria somente guerra. Voltaria a afirmar combater em nome da democracia e lutaria ao lado das forças subversivas. Nos anos 60, Kennedy foi morto devido à sua recusa de participar numa guerra inútil no Vietname que custaria somente vidas americanas, além de se opôr à tirania da Reserva Federal, razão pela qual Lincoln terá também sido morto. O desfecho é sempre semelhante: quem combate Judá, fá-lo até à morte (que nobreza de missão!).

Recentemente, o Presidente Joe Biden ajoelhou-se perante um líder judaico para simbolizar a sua submissão a Israel. Antes disso, Trump – cujo genro é sionista – afirmava que Israel era o maior aliado da América. Ainda mais, este lamentou que o Congresso não estivesse totalmente controlado por Israel, como outrora estivera. Ainda hoje, a B'nai Brith actua nos EUA via Liga de Anti-Difamação. O Presidente Netanyahu afirmou, em conversas privadas, ter os EUA na mão. A imprensa americana encontra-se quase exclusivamente nas mãos de judeus sionistas. Parece que é a sina dos Estados Unidos do Sião servirem Israel perpetuamente até não terem mais força vital. Após a infiltração judaica nos governos americanos, o isolacionismo nunca mais existiu. Pelo

contrário, estes encontram no exército americano a desculpa perfeita para sacrificar os *goyim* para estes servirem os seus Senhores. Já no século XII as crianças inglesas desapareciam "misteriosamente" para mais tarde serem utilizadas nos rituais macabros dos judeus. Em breve, estou certo, observaremos a maior oferta ao Judeu: a vacinação em massa e o transhumanismo que a seguirá oferecerão milhões de *goyim* em holocausto.

- **Influência Anglo-Maçónica na despoletação do conflito**

A primeira guerra mundial marcou o início do século XX com instabilidade e descontrolo social, que viria a ser propagado ao longo do mesmo. Ter-se-à de eliminar as concepções de que a guerra foi inevitável e que o único responsável foi o Kaiser Wilhelm II. Theodor Fritsch, contudo, menciona que, sempre que pôde, o Kaiser favoreceu os judeus.[163] Apesar disso, o Kaiser acabaria por se arrepender por ter favorecido essa clique. Aliás, como fervoroso admirador de Chamberlain, seria de estranhar como é que o mesmo se subjugava aos judeus. Contudo, temos de compreender que a situação que o Kaiser viveu não lhe foi benéfica. Ao contrário de Bismarck, que conseguiu impedir uma aliança entre a França e a Rússia, o primeiro não teve esta sorte. Sendo que o II Reich apenas se havia formado em 1871, passados apenas 40 anos e ameaçava já ruir com a nova geopolítica europeia. Wilhelm II não era nenhum idiota. Ele sabia perfeitamente que o conluio entre Inglaterra, Rússia e França culminaria numa guerra mundial, forçada através do conflito entre a Austro-Hungria e a Sérvia.

Na noite de 30 para 31 de Julho de 1914, ele comenta:

"Frivolidade e fraqueza vão mergulhar o mundo numa guerra desastrosa cujo único objectivo é a destruiçã da Alemanha. Pois eu não tenho dúvidas que a Inglaterra, França e Rússia concordaram entre si – sabendo as obrigações do nosso tratado que nos força a apoiar a Áustria – em utilizar o conflito Austro-Sérvio como pretexto de travar uma guerra de aniquilação contra nós. Então, o celebrado encapsulamento da Alemanha finalmente tornou-se um facto aceite. A rede foi lançada sobre as nossas cabeças e a política puramente anti-Alemanha que a Inglaterra tem conduzido ao longo do Mundo teve uma victória espetacular que nos provou impotentes."[164]

Winston Churchill, num tom de hipócrita, menciona que as batalhas sangrentas e sem nexo na Béligca foram apenas resultado da acção do Kaiser. Contudo, a Alemanha Imperial avançou sobre território belga no dia 3 de Agosto.[165] Churchill (maçon) e Mountbatten haviam já mobilizado a

frota inglesa nos dias 26-27 de Julho.[166] Simultaneamente, o ministro dos negócios estrangeiros havia já acordado com a França uma secreta aliança. O próprio Bertrand Russell confirmou na sua autobiografia. Pode-se ler:

"Reparei que durante os anos prévios da guerra o quão cuidadosamente Sir Edward Grey mentiu de forma a impedir o público de saber os métodos através dos quais ele estava a apoiar a França em caso de guerra"[167]

No entanto, o primeiro-ministro afirmou que a Inglaterra não tinha qualquer obrigação de participar numa guerra europeia, tentando afastar qualquer "teoria da conspiração"[168]

A força judeo-maçónica, sempre com forte presença em Inglaterra (já no reinado do primeiro rei normando – Henrique I – os judeus foram favorecidos e eram os mais ricos do país[169]) nunca quis paz. Eles não querem que os povos tenham paz, que vivam em tranquilidade e prosperidade. O embaixador alemão em Londres – o príncipe Lichnnowsky – discutiu com o ministro dos negócios estrangeiros inglês se a Inglaterra permaneceria neutra caso a Alemanha não violasse a neutralidade da Bélgica. Lichnowsky foi ainda mais longe ao afirmar que a França não perderia nenhuma colónica. Edward Grey respondeu-lhe que a Inglaterra não dava garantias de nada; que preferia ter uma mão livre para agir, caso necessário.[170] Dificilmente parece a atitude de alguém que quer evitar a guerra. Ademais, Grey mais tarde viria a afirmar que, aquando destas propostas, as havia aceite e que a Alemanha havia traído a confiança da Inglaterra.[171] Dois homens em Inglaterra foram responsáveis pelo país ter mergulhado na guerra: Winston Churchill e Edward Grey. Na Casa dos Comuns, só os dois não aceitavam uma neutralidade do Império que, ocupando 1/4 do planeta, tinha a ousadia de se opôr a um que ocupava somente 1/33.[172] Reconhecidamente, Grey anunciou demitir-se em Julho de 1914 caso a Inglaterra não se aliasse à França. Ele simplesmente não tolerava a neutralidade. Historiadores afirmam compulsivamente que o Kaiser era alucinado e que julgava que todas as nações estavam contra si. Na verdade, isto provou-se.

A neutra Bélgica encontrava-se em conversações com a Inglaterra e França. Grey apresentou em 2 de Agosto, ao embaixador francês, informação suficiente que indicava uma aliança com a França. No dia seguinte, discursou na Casa dos Comuns apelando, fervorosamente, a uma aliança com a França e Bélgica de modo a proteger as duas nações do imperialismo alemão, nunca revelando que Lichnowsky lhe havia contactado.[173] Aliás, o bastardo maçon Grey apenas mais tarde viria a dizer

que a conversa com Lichnowsky não havia sido diplomática, mas privada, quando precisamente o contrário é que se sucedeu.[174]

O brilhante Dr. Rudolf Steiner – uma das mais nobres manifestações raciais da alma racial germânica dos últimos séculos – não se inibiu em criticar a posição inglesa e em mencionar que Grey não servia, verdadeiramente, os interesses dos ingleses. Ele escreve:

"Deixem-me meramente dizer que certas coisas aconteceram e que, por detrás delas, estava um poderoso e influente grupo de pessoas em Inglaterra que a empurrou para uma guerra contra a Alemanha. É impossível negarmos o quão poderoso este grupo de pessoas foi que, como um posto avançado de impulsos magnos, esteve por detrás dos fantoches. Estes últimos são claro, pessoas honestas, ainda que fantoches e irão agora desaparecer na obscuridão"[175]

Parece, contudo, que o Kaiser – que não era burro nenhum – sabia a importância desta guerra. Mantendo e nutrindo a sua amizade com o magnânime Houston Chamberlain, ele escreve:

"A guerra é uma luta entre duas *Weltanschauungen,* a Teutónico-Alemã pela moralidade, direito, lealdade e fé, genuína humanidade, verdade e real liberdade, contra a adoração de Mammon, o poder do dinheiro, prazer, mentira, traição e engano e, por último mas não menos importante – assassinato traiçoeiro! Estas duas *Weltanschauungen* não podem ser reconciliadas nem se toleram uma à outra, uma deve ser victoriosa, a outra deve perecer!"[176]. Ademais, o Kaiser sabia que os



judeus conspiravam contra a Alemanha. Não teve capacidade para lhes fazer frente, mas ao menos reconheceu que estes eram inimigos.

A significância de Chamberlain é algo que não pode ser desprezado. Chamberlain tentou, durante toda a sua vida, a união entre as suas pátrias, que ele considerava racialmente ser uma: Inglaterra e Alemanha. O místico ariano era odiado entre os judeus, o que por si só revela já nobreza de

carácter. Mesmo apoiando o Kaiser, Chamberlain, como Stoddard, considerava que a guerra entre anglo-saxónicos resultaria somente num aumento do poder judaico, além de destruir e diluir o estoque nórdico. Anos mais tarde, Hitler viria a dizer o mesmo no Reichstag. É impossível não sentir pena de um já desgastado e perseguido Chamberlain que viria a ser um fundamento no maior movimento do século XX. O seu anseio era o anseio nórdico de beleza, liberdade espiritual, harmonia com a Natureza e idealismo. As suas críticas à Inglaterra urbana, infestada por judeus e capitalistas, são puramente actuais. Quem é capaz de visitar, na nossa ditosa Pátria, as cidades de Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, etc e não se sentir nauseado face à sucessiva destruição da Natureza para construção de prisões domiciliárias, vulgarmente consideradas como apartamentos, além da progressiva confusão racial que está a ser implementada? Nada disso é natural ou saudável; são construcções judaicas destinadas a aprisionar a mente e o espírito humano impedindo o seu desenvolvimento místico. Apenas podemos imaginar o quão Chamberlain desesperava ao ver os Judeus a afirmarem o seu Império de Sião enquanto que os valores nórdicos desapareciam. Só compreendendo isto é que é possível sentir o seu apelo nos *Grundlagen*.

- **Herzl e o pós-Guerra**

Herzl mereceria um lugar entre os profetas Isaías e Daniel. Com formidável precisão ou com conhecimento oculto, havia previsto uma grande guerra na Europa. Herzl, um leitor assíduo das obras bafientas do maçon Lessing, havia, de acordo com Litman Rosenthal, dito em 1897:

"Até pode ser que a Turquia recuse ou seja incapaz de nos compreender. Isto não desencorajar-nos-à. Nós procuraremos outros meios para alcançar o nosso fim. A questão Oriental é uma questão do dia. Mais cedo ou mais tarde, trará um conflito entre as nações. Uma guerra Europeia está iminente. A grande Guerra Europeia virá. Com o meu relógio na mão eu espero este momento terrível. Após a grande Guerra, a Conferência de Paz terá o seu lugar. Temos de estar prontos para a mesma. Seremos, certamente, chamados para esta conferência e teremos de provar a importância de uma solução sionista para a Questão Judaica"[177]

Mais uma vez, parece que pouco ou nada interessa a Herzl quem vence a guerra e quais as consequências da mesma para a Europa. A sua mente estava focada somente numa coisa: como estripar as nações exaustas para cumprir com a missão sionista.

Aliás, Herzl parece também prever o surgimento de um movimento a contrariar os desejos do sultão Adul Hamid II. A revolução de 1908 é descrita por Stein:

"A revolução foi organizada a partir de Salónica, onde os judeus, juntamente com os cripto-judeus Donmeh, formavam a maioria da população.[178]

Que os judeus tiveram um papel na guerra é confirmado pelos mesmos. Num artigo de 13 de Janeiro de 1919, o jornal sionista Pelewische Vordie publicou que a Judiaria Internacional julgava que uma guerra na Europa seria a única forma dos judeus serem beneficiados.[179] Litman Rosenthal, numa entrevista ao American Jew News em 1919, afirmou que a guerra tinha sido provocada pelas intrigas judaicas e já em 1903 se tinha decidido que a mesma teria de ocorrer.[180] O Rabbi Reichhorn escreveu, no *Le Contemporaine,* em 1 de Julho de 1880:

"Faremos os gentios guerrear explorando a sua estupidez e orgulho. Eles vão se destruir uns aos outros. Faremos com que se expulsem dos seus países que depois daremos ao nosso povo"[181]

- ## Maçonaria como Foco de Subversão Política

  - ### Jovens Turcos

A presença da maçonaria revolucionária na Europa fez-se sentir, igualmente, numa facção que procurava destruir o sultanato de Abdul Hamid II, contaminando o poderio do sultão com as palavras "democracia" e "liberdade". Durante a Revolução dos Jovens Turcos, a maçonaria atingiu o auge da sua actividade na Turquia.[182] Em 1864, quatro décadas antes da revolução se iniciar o Grande Oriente da Itália havia criado uma loja maçónica designada por Macedonia que viria a desempenhar um papel mister na destruição do sultanato.[183] Como em qualquer nação em que a seita judaica aparece, a maçonaria começou imediatamente a destruir a tradição e a alimentar o espírito revolucionário, o que levou à criação de panfletos e propaganda anti-maçónica por parte de Pertev Pasha que julgava que o único propósito da ordem era destruir o Islamismo e converter todos os muçulmanos.[184] Mascarando os seus propósitos globalistas com as doces palavras "paz", "harmonia", "cooperação", infiltra-se em todos os sectores de uma nação enquanto que subverte princípios estabelecidos gerando caos e desordem. Embora sempre pronunciando que não tinham intenção em se envolver em política, o oposto sempre fizeram. Durante o califado de Abdul Aziz e Abdul Hamid, membros maçónicos nunca desempenharam verdadeiramente qualquer papel. Foi somente a partir da revolução de 1908-1914, que os Jovens Turcos – ordem maçónica constituída

essencialmente por judeus, gregos e arménios – que os maçons começaram a desempenhar um papel vital. Após a queda de Abdul Hamid, em Salónica (cidade grega com uma larga comunidade judaica) os maçons pertencentes ao movimento desfilaram pelas ruas sem oposição ou pudor.[185] Aproveitando a sua liberdade de operação, o Grão-Mestre da Loja Macedónia aproveitou para discursar revelando que a Maçonaria havia desempenhado um papel vital no derrube do regime.[186] A maçonaria foi também responsável pela proliferação das guerras de 1911 e 1912-1913, contra a Itália e os Balcãs, respectivamente.[187] Inicialmente, mascarado como um movimento nacionalista, os Jovens Turcos começaram a planear a desintegração da nação turca. De facto, quase nenhum membro era turco, sequer. Os gregos sonhavam com um novo Império; os arménios queriam reconquistar território, enquanto que os judeus ansiavam construir Israel no Médio Oriente. A maçonaria foi, assim, responsável pela destruição da Turquia enquanto nação una.[188] Que os Jovens Turcos queriam a destruição da Turquia era algo que não era omitido. Cada facção existente na ordem procurava o seu objectivo específico não havendo qualquer linha comum de acção e pensamento. Após a queda de Hamid, todos que pretendiam ter um pedaço do bolo correram para as lojas maçónicas.[189] Os Jovens Turcos foram responsáveis pelo estabelecimento do Grande Oriente Otomano em 1909 e reuniram entre os seus membros os principais políticos do país, inclusive o sucessor de Abdul-Hamid, Mehmed V Reshad.[190] A atitude maçónica na Turquia não foi diferente da observada nos demais países; o seu carácter intenacional impede que esta altere o seu comportamento em função da nação em que se instala. Representa, sempre, um fermento de decomposição; uma ferramenta para a destruição nacional dos povos com a consequente “judaização”, isto é, o processo segundo o qual um povo nobre se torna escravo de Judá.

- **Béla Kun**

Béla Kun nasceu em 20 de Fevereiro de 1886 e foi primeiramente descoberto por Lenine quando se encontrava preso num POW após ter sido capturado enquanto servia no exército do Império Austro-Húngaro.[191] Lenine enviou emissários a todos os campos na esperança de encontrar membros que estivessem dispostos a lutar pelo Comunismo nos seus respectivos países. Kun cai nas graças de Lenine que lhe enviou largas quantias de dinheiro além de lhe fornecer 300 judeo-bolcheviques para organizar a revolução na Hungria. Em 21 de Março de 1919, Kun tornou-se presidente da Hungria. O grupo de Szamuely – Filhos de Lenine – assassinou quase 4000 húngaros;

alguns enforcados, outros mortos a tiro enquanto que os demais sofreram torturas do mesmo tipo que Kun havia aprendido na Cheka.[192]

Béla Kun, judeu, era membro da Loja Maçónica de Debrecen e na Hungria, cerca de 90% dos maçons eram judeus.[193] O Concelho de Comissários do Povo possuía 26 membros, 18 dos quais eram judeus.[194] O judeu Isidor Bergfeld admitiu que havia queimado 60 húngaros vivos em fornos enquanto que outros 100 tinham morrido, literalmente, às suas mãos.[195] Kun participou nos actos da Checka e o próprio Dzerdhinsky considerava-o lunático.[196] O movimento revolucionário de Kun acabou por roubar 900 milhões de forints ao fundo nacional além de ter provocado uma dívida de 14 biliões e de 28 biliões em custos materiais.[197]

Após ter fugido da Hungria, retirou-se para a Crimeia em 1920 onde executou cerca de 50.000 víctimas.[198]

• Revoluções Judaicas de 1917: Destruição da Rússia

É impossível elaborar todos os pormenores que envolvem a participação judeo-maçónica nas revoluções de 1917 pelo que tentar-se-à sucintamente descrever como a natureza e os agentes destas revoluções foram determinadas pelo espírito judeo-maçónico.

▪ Papel dos Illuminati, Maçons e Judeus nas Revoluções



"Quem conhece a Rússia e teve a oportunidade de observar todas as fases diferentes do processo revolucionário sabe que as inerentes tendências anárquicas do povo Russo não podiam ter falhado em conduzir o pêndulo político para a esquerda. Mas nem o russo mais extremo poderia sonhar em criar um instrumento de destruição tão completo na sua sistemática aniquilação de todos os princípios da vida económica, tão satânico na sua violência premeditada e assassinato a sangue frio como o que constitui a base do poder bolchevique. Neste caos insano e anárquico, a consequência natural foi a usurpação do comando supremo por parte daquele elemento que, inalterável, e comparável somente a si mesmo, tem representado, desde o início da história humana, o pináculo da ganância mais insaciável e inescrupulosa: o Judeu"[199]

O místico Alfred Rosenberg – que experienciou pessoalmente a revolução – não hesitou em marcar a raça judaica como a mestre da mesma. Woodrow Wilson, que encontrou os seus mandatos rodeados de judeus, fossem eles Brandeis ou Wolff, havia enviado Bernard Baruch e mais 117 judeus a Versalhes[200] enquanto que anos antes tinha financiado a revolução bolchevique, nomeadamente Lenine e Trotsky, pela mão do sionista Jacob Schiff[201]. Lenine recebeu também imensas quantias de dinheiro provenientes da Suécia, nomeadamente de Israel Helphand, ou Alexander Parvus, cujas ligações se estendiam à B'nai Brith – Loja Sionista – e por isso a Felix Warburg, à Kuhn & Loeb, bem como Schiff. Estas famílias já casavam entre si e possuíam também descendência comum com os Rothschild. A influência judaica na formação do regime bolchevique é inegável.

O Comissariado de Guerra era formado por três russos, dois arménios e dezassete judeus. O Comissariado do Interior possuía 45 judeus. Ao todo, o Governo Soviete era constituído por 34 letões, 30 russos, alguns arménios, checos e polacos e 447 judeus![202] A influência judaica é também mostrada por Lothrop Stoddard. Para Stoddard, a mente talmúdica, crítica e analítica dos judeus, combinada com o facto de não pertencerem a nação nenhuma, auxiliado com o seu espírito revolucionário, permitiram que estes desempenhassem um papel mister no Comunismo.[203]

A Rússia era um local "especial" para a judeo-maçonaria. Em primeiro lugar, quando esta se estabeleceu no país pela primeira vez, em 1730, Catarina II baniu todas as sociedades secretas.[204] Aliás, quando a Internacional ocupou a Rússia, o quadro de Catarina II a esmagar uma serpente – símbolo da destruição judaica – terá sido destruído. Os jornais sionistas na Rússia também

apelavam a uma revolução e, aliás aclamaram-na com grandes expectativas. Rabbi Harry Whaton que insistia que os judeus e os demais povos tinham de ser um, escreve:

"O Comunismo é a alma do Judaísmo. Daqui resulta que na revolução russa, o triunfo do Comunismo foi o triunfo do Judaísmo"[205]

A American Hebrew de 1920:

"A Revolução Bolchevique na Rússia foi obra de cérebros judaicos, de insatisfação judaica, de planeamento judaico, cujo objectivo é criar uma nova ordem mundial. O que foi realizado de excelente forma na Rússia, devido a cérebros judaicos, também, através da mesma força física e mental judaica, ser uma realidade em todo o Mundo"[206]

A Peuple Juif em 1918:

"A revolução mundial que iremos experienciar será exclusivamente obra nossa. Esta revolução vai aumentar o domínio judaico sobre todos os povos"[207]

O embaixador americano da Rússia – Georg von Lonkerke – admitiu também que a revolução havia sido, principalmente, obra de judeus.[208]

O conluio entre a maçonaria judaica B'nai Brith e os bastardos judeus da Rússia foi conseguida por aquela família, aquele agregado de vampiros que declararam guerra a Napoleão I, que forçam os povos a lutar entre si apenas para aumentar o seu poder, que nunca saciados forçam todas as nações a desferirem golpes mortais entre si: Rothschild.

Trotsky foi financiado pelos judeus Max Warburg e Jacob Schiff (também financiaram os Jovens Turcos, fomentaram a I Guerra Mundial e forneceram os meios para destruir a China) tendo recebido cerca de 20 milhões de dólares (hoje em dia, equivale a biliões!) juntamente com cerca de 90 mil exilados judeus e/ou maçons, o Exército Judeo-Maçónico iniciou o derrube da Rússia.[209]

A crueldade da revolução, o ódio que os seus agitadores sentiam pela Rússia e pelo povo russo dificilmente encontraria igual senão na "raça eleita". O próprio Lenine havia confessado que somente os judeus poderiam levar a revolução a cabo; que os russos eram demasiado moles para os seus planos satânicos.[210]

Também o Jewish Chronicle não esconde a acção judaica por detrás da revolução:

“Há muito no facto dos ideais do Bolchevismo, em muitos pontos, estarem de acordo com os ideais mais nobres do Judaísmo”[211]

A revolução de Fevereiro havia também sido orquestrada pela maçonaria. Kuskova, feminista e membro da maçonaria, afirmou que “realmente e verdadeiramente nós [maçons] realizámos a revolução”[212]. Alegadamente, em Janeiro de 1917 decidiu-se que a revolução começaria no dia de Purim (8 de Março ou 23 de Fevereiro no calendário antigo), no qual a morte de 75.000 persas é celebrada.[213] Nessa semana, o jornal sionista Yevreiskaya Nedelya publicou um artigo no qual se podia ler “Começou no dia de Purim!”[214] Jacob Schiff – como uma constante sombra – voltou publicamente a afimar que em Abril de 1917 a revolução apenas havia sido possível graças à sua ajuda financeira.[215] Um membro irlandês do Parlamento Inglês confessou que Alfred Milner – Grão Mestre e membro do grupo secreto *The Round Table* e que fora criado pelos Rothschild havia sido enviado a Petrogrado para desposar o Czar.[216] O presidente do Governo Provisional foi o judeu maçon (com 33 graus) Kerensky, que viria a indicar a Lenine e Trotsky que era “seguro” viajar para a Rússia (ambos se encontravam exilados).[217] Outro judeu que o terá financiado foi Grigori Berenson que acabaria, nos anos 30, por promover o sionismo.[218] Segundo um maçon judeu Manuil Margulies, a maioria dos generais do Czar serviam a Loja e não o Império, razão pela qual a resistência foi mínima[219] (ao contrário da revolução de 1905, na qual as forças imperiais foram capazes de impedir a queda da monarquia). Kerensky e Rutenberg certificaram-se que todos os prisioneiros seriam libertados. Ao todo, eram quase cerca de 200 mil.[220] O hino do Governo Provisional deixou de ser “Deus Salve o Czar” e deu lugar a “O Lorde Glorioso do Sião”.[221] Simon Dubnov, um famoso sionista, viria a afirmar que a revolução apenas fora possível devido à participação maçónica que por detrás do palco, controlando todos os partidos, tornou-a possível.[222]

- **Lenine, Trotsky e Estaline: Agentes do Sião**

Seria impossível mencionar todas as serpentes de Judá que destruiram o povo russo, ucraniano e báltico. Contudo, três têm um destaque particular. Estes três marcaram a História da Rússia pela negativa, escrevendo cada um à sua maneira, um capítulo de subjugação judaica.



Vladimir Ulyanov, Lenine, nasceu em 22 de Abril de 1870. A sua mãe possuía ascendência judaica e, por isso e de acordo com as leis judaicas, Lenine era também judeu, pelo menos parcialmente. Lenine não tinha quase cultura nenhuma; fora expulso da faculdade de Kazan em 1887 e, apesar de nunca ter lido Dostoyevsky, nutria um ódio fervoroso pelo mesmo.[223] Dado que Dostoyevsky sabia que os judeus eram uma ralé a aproveitar-se do povo russo, não é de estranhar. Lenine pertencia à Loja Maçónica Art e Travail[224] (Arte e Trabalho) o que não deixa de ser irónico já que Lenine não percebia nada de arte nem nunca trabalhou um dia na sua vida. Até Churchill confirmou que tanto ele como Trotsky estavam envolvidos em círculos maçónicos. Além dele, também Zinoviev, Radek e Sverdlov pertenciam à B’nai Brith. Lenine foi apoiado pelo multi-milionário Alexander Parvus (por sua vez na mão dos Rothschild).[225] Teve uma breve disputa com o judeu Martov já que enquanto que o primeiro julgava que o partido se devesse submeter aos judeus, Lenine preferia que fosse o contrário.[226] Lenine não tinha qualquer sentimento de patriotismo ou

nacionalismo, de resto característico dos judeus. Desprezava o povo russo e não tinha qualquer problema em que este fosse exctinto caso isso significasse o triunfo do Comunismo. Ele diz:

"Que 90% da população pereça se 10% conseguirem experienciar a revolução"[227]

A mentira, o engano, a farsa e a demagogia eram as suas bandeiras. Novamente:

"Devemos utilizar todos os meios para negar e esconder a verdade (....) As pessoas serão ensinadas a odiar. Vamos começar pelos jovens. As crianças serão ensinadas a odiar os seus pais. Nós podemos e devemos escrever numa linguagem que semeie ódio entre as massas contra os que não concordam connosco"[228]

Durante o seu "reinado", Lenine constantemente dava ordens para executar ou prender alguém. Depositou grande confiança em Dzerzhinsky que de resto era um sádico.[229] Utilizou as falsas promessas de paz, prosperidade, socialismo, etc mas em vez de "libertar" o trabalhador, tornou-se mestre dele. Os trabalhos burocráticos aumentaram exponencialmente. Em 1918, haviam já 231 mil. No fim da URSS, haviam 18 milhões de funcionários públicos. Quase todos a vergar perante o Estado.[230] De facto, Lenine nunca teve intenção de abdicar do mesmo. Apenas disse que o queria fazer, enquanto não tinha poder no mesmo. Ele prometeu devolver direitos e riqueza à população mas matou-a deliberadamente à fome enquanto que já em 1917 exigiu que todo o ouro, jóias, elementos de valor fossem pilhados e entregues ao Estado.[231] Volensky afirma que Lenine foi responsável pela morte de 13 milhões de pessoas.[232] Lenine adorava o povo eleito. Julgava que eles, melhor que ninguém, percebiam o internacionalismo e o estado de constante agressão e revolução. Os russos eram demasiado "humanitários" para Lenine. O vice-presidente da Cheka, Martyn Lacis, escreveu:

"Nós Israelitas devemos construir o futuro da sociedade baseado num medo constante"[233]

Ao tentar desmentir os Protocolos dos Sábios do Sião, Lenine escreve:

"Os Judeus não são inimigos das classes trabalhadoras...eles são nossos amigos na luta pelo Socialismo"[234]

Anatoli Lunacharsky afirmou que Lenine não percebia nada de arte.[234] Aliás, não tinha cultura nenhuma. Nem um pingo de inteligência, nem um pingo de humanidade. Pura esterilidade, de resto típico da raça judaica cujos níveis de cultura se encontram abaixo do negro. Quando se fala de

valores judaicos e cultura judaica (a sua religião consiste em apropriação de mitos Babilónicos, Assírios e Zoroastrianos), fala-se do nível mais baixo e repugnante de cultura. Não há nada abaixo do judeu pois que este representa o estádio menor da espécie humana, se pertence à anterior sequer. Lenine formou, contudo, a ProletariatKultur – em si um ataque à cultura – e uma total abjecção. Para o Bolchevismo, somente propaganda é que deve ser estimulada; se não serve a última, não deve existir. Do complexo de inferioridade, resultado de ser um judeu e psicopata, Lenine perseguiu ferozmente todos os "intelectuais", isto é, todos que revelam um mínimo de cultura. Ele diz:

"As suas casas devem ser vasculhadas e eles devem ser presos"[235] Assim, conseguiu "livrar" a nobre Rússia, com as suas grandes mentes e cultura magnânime de todo o potencial rácico. A Rússia tornou-se um país de ignorantes, imbecis sem qualquer avanço intelectual.[236] O seu ódio pela Rússia era explícito:

"Eu cuspo na Rússia, pois sou um Bolchevique"[237]

Vladimir Soloukhin chega mesmo a dizer que, uma vez que a clique judeo-bolchevique foi incapaz de convencer o povo russo da sua missão destructiva, cerca de 1/3 da população teve de ser morta.[238]

Não deixa de ser interessante que Lenine, que possuía a sua fortuna num banco Suíço apregoava ser o único que se interessava pelo povo; na verdade, só queria saber de si e de mais ninguém. Também Trotsky tinha duas contas bancárias com quantias superiores a 80 milhões de dólares.[239] Até o New (Jew) York Times publicou isto. No entanto, hipocritamente afirmava que não havia dinheiro nem para estimular a cultura nem para livrar o povo da fome.[240] Quando Dzerzhinsky confirmou que cerca de 500 intelectuais haviam sido mortos pela Cheka, Lenine ficou radiante e em êxtase[241]. Foi Lenine quem implementou as grandes fomes e exigiu que se confiscasse todo o grão que os agricultores estivessem a "esconder". No fim de vida, alegadamente terá morrido de sífilis (contraída quando visitava vários bordeis em França. Lenine era incapaz de se sentir

realizado, tendo participado em várias orgias[242]). O seu irmão mais novo tinha uma doença cerebral, tendo-se tornado um assassino em série.[243]

Leiba Bronstein, ou Leon Trotsky, nasceu a 7 de Novembro de 1879 numa família judaica rica



latifundiária (como de resto o judeu Marx).[244] Aos 7 anos começou a estudar o Talmude numa escola hebraica – de resto o manuscripto que pretende que Judá governe sobre as Nações – e aos 8 já era admirador de pornografia[245]. A degeneração do *Untermensch* revela-se desde tenra idade. Trotsky era mais "judeu" que Lenine. Enquanto que Lenine via o povo judaico como um utensílio para a conquista mundial – desde que fosse ele a governar – Trotsky acreditava que o povo judaico seria o seu próprio messias e que conseguiria dominar o Mundo. As suas ligações à B'nai Brith e à Kuhn & Loeb são notórias já que foram estas que permitiram o seu sucesso político[246]. Contaminado por Parvus, Trotsky ferventemente apregoava que a república internacional judaica teria de ser construída a fim de destruir todas as nações. Além disso, a teoria de que a revolução seria desencadeada com constante violência foi-lhe transmitida também por Parvus (que financiou também os Jovens Turcos de entre os quais, a família judaica dos Pasha viria a desempenhar um papel vital no extermínio arménio)[247]. Após o golpe falhado de 1905, Trotsky fugiu para os Estados Unidos da América onde Chaim Weitzmann terá oferecido asilo.[248] Foi durante este período que Trotsky reforçou os seus contactos com Otto Kahn, Mortimer Schiff e Felix Warburg.[249]

Após a revolução de 1917, Trotsky proferiu as seguintes palavras aos seus colegas:

“Devemos torná-la (a Rússia) num deserto populado por negros sobre os quais exerceremos uma tirania com a qual nem os mais déspotas de Leste alguma vez sonharam”[250] Não se torna evidente que é uma hipocrisia considerar que a Revolução foi Russa? O objectivo foi só um: destruir o nobre povo russo, a sua raça e a sua cultura para que o Judeu pudesse operar como líder soberano.

Foi também Trotsky quem considerou que a colectivização da agricultura tinha de ser forçada. Aliás, os pequenos e independentes agricultores deveriam ser mortos ou o seu trabalho confiscado.[251] Mais uma vez, a atitude judaica é revelada. Quando José esteve no Egipto, após ter sido vendido pelos seus irmãos, “sabendo” que haveria fome na Terra, optou por comprar tudo que era propriedade dos Egípcios, apenas para mais tarde especular o preço das mesmas enquanto que o povo morria de fome. Como Lenine, totalmente incauto e sem qualquer capacidade intelectual, julgava que qualquer poeta ou artista que recusasse a visão comunista teria de perecer.[252] Um dos poetas mais prolíferos – Sergei Yesenin – foi morto sob ordens de Trotsky. A causa de morte foi “suícidio”, embora a sua cabeça tivesse sido esmagada ao ponto de tecido cerebral ter sido expelido[253]. Peter Englund descreveu Trotsky como um demónio, considerando que tinha tanta maldade dentro de si que até a Inquisição da Idade Média pareceria inofensiva em comparação[254]. Trotsky acabaria por ser perseguido por Estaline e assassinado no México.



Josef Stalin, cujo apelido é Jughashvilli que pode ser traduzido como “filho de judeus”, nasceu em 18 de Dezembro 1878 e as suas acções imorais, desumanas e degeneradas não foram de natureza diferente da dos seus colegas.Os registos da B’nai Brith indicam que ele era totalmente judeu.[255]

É impossível mencionar Estaline sem Kaganovich, sendo que é principalmente devido a este último que o primeiro teve a importância que teve. Estaline tornou-se um membro influente na elite financeira e não teve qualquer problema em perseguir os seus antigos colegas de partido. Aliás, tortorou Kameneff, Zinoviev, Béla Kun, etc apenas para possuir as suas contas bancárias.[256] Um dos primeiros a decretar ídiche como segunda língua oficial e a impedir qualquer acto anti-semita, possuía 49 secretários, dos quais 40 eram judeus.[257] Tal era a sua amizade para com o fermento de decomposição que no dia 1 de Janeiro de 1931 discursou:

"os comunistas resolutamente condenam o anti-semitismo (...) na União Soviética, anti-semitismo é condenado da forma mais severa"[258] Nas faculdades, a doutrina judeo-comunista imperava, tendo talvez atingido o seu ápice na sociedade imoral e degenerada que hoje existe. Kaganovich acabaria por explorar a paranóia assumida de Estaline de modo a livrar-se da competição indesejada e inimigos do partido. Aliás, quando o líder deixou de ser útil, Kaganovich limitou-se a eliminá-lo da figura. Ainda em 1937 – após as purgas – a quantidade de judeus no governo era preponderante. 17 em 22 dos comissários pertenciam à tribo. Kaganovich odiava as igrejas, razão pela qual forçou Estaline a destruir as mesmas e todo o valor arquitectónico que possuíam, embora as sinagogas tenham-se mantido ilesas. Algumas foram transformadas em pequenas sinagogas enquanto que outras transformaram-se em casa-de-banho públicas.[259] Estaline – que além de psicopata e paranóico, possuía um complexo de inferioridade – foi utilizado por Kaganovich para deliberadamente, a partir de 1929, iniciar uma política de fome, denunciando os kulaks como inimigos do povo.[260] De acordo com Sergei Naumov, 8 milhões de pessoas morreram à fome.[261] Como o Estado considerava que os habitantes eram somente sua propriedade, cerca de 15 milhões acabariam por morrer devido à colectivização[262]. Trotsky julgava que a colectivização viria a conduzir a uma total imbecilização do povo rural, e que era necessário que tal acontecesse.[263] Hipocritamente, o slogan utilizado insistia que a colectivização era uma medida que contribuía para a felicidade de toda a população, ainda que esta morresse à fome.[264] Os números nunca são concretos, mas é provável que ao todo 30 milhões tenham perecido como resultado da colectivização e da fome. O número de presos políticos aumentou sendo que a NKVD prendia cerca de 40.000 indivíduos por mês, segundo Solzhenytsin.[265] Este era o resultado trágico das políticas de Estaline e Kaganovich. Walter Duranty que havia viajado durante os anos 30 à URSS descreveu-a como um "paraíso". Também George Bernad Shaw considerava que Estaline estava a realizar um enorme trabalho, tendo-o até nomeado para o prémio nobel da paz em 1931. Lavrenti

Beria foi outro judeu que utilizou os medos e receios de Estaline para subir na pirâmide. Durante a Segunda Guerra Mundial conseguiu enviar cerca de 20 milhões de prisioneiros para a morte.[266] Muitas destas mortes foram reportadas à Cruz Vermelha que impavidamente permitiu que acontecessem. Beria, um violador em massa, forçava qualquer mulher a ter relações sexuais consigo apenas para depois as matar e queimar no jardim do seu palácio privado.[267] Beria terá também sido um dos responsáveis por incentivar Estaline a enviar tropas para a fronteira polaca para que Hitler não tivesse outra hipótese senão atacar a URSS, ainda depois de uma declaração oficial de guerra nunca ter sido respondida. Enquanto que os árabes recebiam armas para se protegerem do Império Britânico e da aliança Internacional, Estaline enviou armas para os rebeldes judeus.[268] Quando Estaline, no fim de vida, se fartou de ser um fantoche dos judeus, Beria e Kaganovich conspiraram entre si para o derrubar e mais tarde promover Krutschev – que fora criado por judeus – a líder da URSS.

Os nomes aqui mencionados, e outros que desempenharam um papel igualmente feroz na ditadura judaica não pretendiam libertar um povo e tampouco que este progredisse na sua tarefa espiritual. Contrários à Natureza, exibiam a mais pura e rude natureza judaica, isto é, uma anti-natureza subversiva, destruidora e desumana. O Mundo Judaizado em que nós somos forçados a viver tem tudo de estranho como a civilização romana, nórdica e babilónia tinha para os judeus. Nós não conseguimos nem toleramos viver na sociedade porque esta é uma construcção do espírito judaico e somente dirigida aos mesmos. Somente quando quebrarmos as correntes judaicas e libertarmos o potencial da raça, poderemos voltar a ser saudáveis e livres.

Lothrop Stoddard, na magnífica obra (de resto como as demais são) *The Revolt Against Civilization: The Menace of the Under-Man*, escreve:

"Este ódio ele sempre sentiu instinctivamente. Inveja e desprezo pela superioridade sempre foram os marcos das suas mentes básicas. Ainda assim, nunca estas características foram tão ferozmente exibidas, tão desafiantemente mostradas, como hoje. Isto explica o aparente paradoxo de que, precisamente quando um carácter de superioridade se manifesta, o grito pelo nivelamento engrandece-se. O Sub-Humano revolta-se contra o progresso! Tendo a Natureza decretado-o como incivilizável, o Sub-Humano declara guerra à civilização. (...) Vamos, então, perceber de uma vez por todas que temos entre nós um exército rebelde – a vasta hoste de inadaptáveis, de incapazes, de invejosos, de descontentes, cheios de ódio instinctivo pela civilização e pelo progresso, e

prontos a se unirem em revolta"[269] Stoddard não hesita em considerar estes seres como insanos e doentes.

Ele escreve:

"O nivelamento social das doutrinas revolucionárias dos nossos dias, como Sindicalismo, Anarquismo e Bolchevismo, superficialmente atractivas, ainda que basicamente falsas e destructivas, são essencialmente producto de pensamento insano – por parte de cérebros doentes"

As intenções comunistas são descritas da seguinte forma:

"O Sub-Mundo deve-se tornar o Mundo; o único Mundo. Quanto ao nosso, deve ser destruído; quanto a nós, devemos morrer. Uma limpeza total!"[270]

A civilização presente é uma construcção judaica que impede a vida natural e a harmonia com o universo; é uma construcção artificial que não permite que o Homem explore o seu potencial místico e divino. Um materialismo fatalista e cético que sucede em prender os indivíduos num abismo desesperante. É esta a civilização que o Judeu quer para o Goy; é este o tratamento que recebemos e sempre receberemos. Não é esta a civilização que o Dr. Stoddard defende e tampouco a que apregoamos. Uma revolta contra a actual civilização é um acto não do *Untermensch,* mas sim do *Ubermensch*. Um novo, ainda que antigo, credo está a ressuscitar: é a "crença de que defender o sangue é também defender a natureza divina do Homem em geral"[271]. Os poderes místicos estão a despertar e, nas profundas ramificações de cada ser, as forças cósmicas começam a agitação e o impulso dará lugar à acção e revolução. Para milhões, o despertar da Forma Racial e consequente revolução mundial, não é algo que possa ser visto num catálogo de revista ou artigo de jornal; representa uma união de um todo centro espiritual de um povo vinculado ao sangue e ao solo. Criados em estufas, uma nova geração anseia pela liberdade de ser Um com o Todo, de aprofundar a sabedoria do sangue dos antepassados, para com o novo conhecimento criar uma nova cultura, nação, povo e raça. Esta é a tarefa sagrada que a Providência nos encarrega.

- **Cheka e a morte da família real**

O Czar Nicolau II tinha os seus defeitos, mas nenhuma acção sua justificou o castigo que lhe foi imposto pelos judeo-bolcheviques. A sua família, então, não mereceu o tratamento que recebeu.

Reconhecidamente, a família real foi assassinada pela Cheka. O judeu Schinder, um dos chefes do esquadrão de execução da Cheka, escolheu os assassinos do Czar.[272] Um do membros foi o judeu Pinkus Voikov, morto em 1927, que haveria de orgulhosamente roubar um anel de um dos cadáves e exibi-lo flagrantemente.[273] Sverdlov, outro judeu que nunca tinha trabalhado um dia na sua vida ignóbil, foi também escolhido. Segundo Oleg Platonov, foi Sverdlov quem chegou a Moscovo com várias caixas que continham as cabeças do Czar e da família, preservadas em álcool. Após a morte de Lenine, a cabeça de Nicolau II foi descoberta no seu armário.[274]

O assassinato do Czar teve, contudo, uma simbologia oculta. Aliás, tudo indica que terá sido um assassinato ritual. Na parede onde se encontrava o sangue e os furos resultantes das balas, encontrava-se um estranho símbolo judaico. Estes símbolos foram decifrados, contendo a seguinte informação:

"O Czar foi sacrificado aqui, por ordem de forças secretas, para destruir o Estado. Isto é dito a todas as nações"[275]

Lenine ficou satisfeito ao saber que D.Carlos I havia sido morto.[276] Para ele, isto seria um sinal de que a revolução social poderia ter sido implementada na nossa amada Pátria. Aliás, sentiu-se apenas desiludido com o desenrolar "pacífico" da República. Além disso, as mentiras utilizadas para "empurrar" D. Manuel II para fora do trono permitiram aos maçons Teófilo Braga e Afonso Costa implementar a I República, tendo o último bastardo forçado a entrada de Portugal na I Guerra Mundial para satisfação da clique judaica.[277]

O comportamento da Cheka não tinha nada de nobre. A Cheka foi criada em 1917, a pedido de Lenine e foi liderada pelo judeu Dzerzhinsky. Cerca de 80% dos seus membros eram judeus.[278] Os crimes que a Cheka cometeu horrorizam qualquer pessoa que tenha o mínimo de humanidade em si. Como a natureza do Judeu – salvo excepções em que teve o "infortúnio" de receber sangue gentio – não conhece misericórdia, não nos devemos chocar com o comportamente desta ordem satânica. Entre os seus vários métodos de tortura, esfolar as pessoas vivas, "coroá-las" com arame farpado (uma representação macabra da cruz de espinhos), empalar, crucificar, "cozer em água escaldante", espancamento até morte, etc eram os métodos mais eficazes.[279] As mulheres claro não escapavam aos terrores. Aliás, o horrendo acto de violação – comum na mente e lei judaica – foi legalizado. O poeta Vladimir Mayakovsky escreveu este poema degenerado:

“Qualquer rapariga que seja,

Linda e jovem eu irei violar

E com desdém lhe irei cuspir”[280]

Este seria sem dúvida um poema interessante de mostrar ao grupelho de feministas que vêm no comunismo o realizar da sua emancipação e não da sua destruição.

A Cheka foi uma precessora da OGPU e da NVKD. O judeu Kaganovich – um analfabeto sem a quarta classe sequer que nunca trabalhara um dia na sua vida miserável – fora um dos responsáveis pelo Holodomor e acabaria por matar Estaline para usurpar o seu poder.[281] Kaganovich era, sem dúvida, anti-cristão e sionista. Ele destruiu as Igrejas, mas manteve as Sinagogas de pé. A *intelligentsia* foi aniquilada, formando um povo de analfabetos, incultos, sem formação espiritual ou académica[282]. Em suma, um rebanho dócil para Judá. É importante notar que os Judeo-Bolcheviques não se pautam pelos valores primordiais de nobreza, lealdade e virtude. Estaline foi conhecido por, com auxílio de Kaganovich que o envenenava diariamente através das refeições que a sua esposa (irmã de Kaganovich) lhe servia, torturar Béla Kun, Zinoviev e Kamenev para que estes lhe entregassem as respectivas fortunas.[283] Aliás, Kun foi torturado durante três dias seguidos pela Cheka.[284] E daqui resulta o “anti-semitismo” de Estaline. O que acontece é que, apenas porque todos os membros eram judeus, Estaline (ele próprio judeu) acabou por ser condenado por anti-semitismo, quando foi ele que impôs, por lei, que o anti-semitismo não seria tolerado na URSS.[285]

Sob a autoridade de Lenine, a Cheka foi responsável por milhares, senão mesmo milhões, de mortes a sangue frio. Qualquer camponês que se opusesse ao regime de colectivização ou fosse anti-marxista, podia e devia ser morto.[286] Lenine estava bem informado dos crimes que a Cheka perpetuava e retorquia da seguinte forma:

“Reforcem o terror...matem 1 em cada 10, coloquem todos os suspeitos em campos de concentração”[287]

Os estudantes e os intelectuais (ou seja, qualquer pessoa que pensasse por conta própria e discordasse de Lenine) deveriam ser perseguidos a fim de eliminar a oposição. Os pedófilos da Cheka interessavam-se particularmente por crianças.[287] Com um ódio fervoroso à classe clerical,

estes acabariam por sofrer alguns dos crimes mais horrendos. No documentário de Stanislav Govourukhin – A Rússia que Perdemos – encontramos registos de padres cujos olhos foram retirados à força, orelhas e narizes cortados.[288] Outros métodos consistiam também em abrir estômagos, queimar pessoas vivas em fornos, etc...Tudo isto parece-nos como saído de um filme de terror. Contudo a atitude judaica revela este tipo de comportamento. Basta lembrar o massacre de Cyrenaica, no qual, os judeus banquetearam-se, literalmente, na carne e sangue de milhares de gentios.

• A Maçonaria e a 2ª Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial, cujo resultado se revelou o mais destruidor dos éons, assentou numa rivalidade entre duas cosmovisões antagónicas; entre o bem e o mal, entre a virtude e a mentira, entre o Ariano e o Judeu. Como o mundo material é profundamente ilusório, caso tal embate fosse apenas parte de uma mega-conspiração – para hoje Judá ser Rei entre as Nações – então seria impossível poder confiar em qualquer homem. Contudo, é o mais provável que as duas realidades tenham-se confrontado violentamente para uma delas vencer e a outra perecer. Apesar disso, a que pereceu não está morta; não é uma ideologia, nem uma doutrina. Não é puramente uma religião ou princípio filosófico. Constitui, possivelmente, uma antígua sabedoria, uma ligação próxima ao Ãtman, uma força, um anseio inabalável e inextinguível por uma nova revolução racial e espiritual. Este anseio é hoje compreendido, aprofundado como antes o foi; "o Mito presente é tão heróico como as figuras da geração que viveram há mil anos atrás"[289]; "O Mito é para centenas de milhares de almas algo que não pode ser visto num catálogo, mas é sim um despertar de um todo centro espiritual"[290]. Este Mito é hoje experienciado nas maiores profundezas da vontade rácica que deseja, como outrora, ser una e forte; os valores de honra e virtude prevalecerão sobre a imoralidade e a decadência. É no anseio de um novo, ainda que antigo Mito; num novo Tipo Formativo que se observa uma inteira geração a despertar em nome dos seus antepassados para expandir a liberdade da raça e iniciar a renovação mítica.

▪ Ofertas de paz renunciadas

É um facto quasi-desconhecido do público geral que o Fuhrer enviou várias ofertas de paz aos Aliados para impedir que mais uma guerra despedaçasse os povos europeus para apenas Judá ganhar mais poder. Em 1936, Julius Streicher discursou o seguinte:

"Paz entre as nações virá quando os beneficiários de todas as guerras não tiverem hipótese de virar os povos uns contra os outros. Aqueles que acordaram sabem: Sem uma solução para a questão judaica, não existe solução para a humanidade"[291]

Semelhantemente, Hitler havia proferido o seguinte no Reichstag:

"Se os povos do Mundo forem mergulhados noutra guerra mundial, o resultado será que os Judeus terão ainda mais poder. De modo a que esta situação não se concretize, teremos de aniquilar a raça judaica na Europa"[292]

Rosenberg também expressa a sua vontade de cooperação e paz. Ainda que com algum sentimento anti-latino, de resto típico do filósofo báltico, ele escreve nos seus diários:

"Eu ter-me-ia entendido muito bem com José Antonio Primo de Rivera: a Espanha é católica, nós não nos queremos meter ali"[293]

No dia 17 de Março de 1933, Hitler discursou no Reichstag:

"A Alemanha está inteiramente pronta a renunciar armas de agressão de qualquer tipo se as nações armadas, da sua parte, destruirem as suas armas de agressão e se a sua utilização for proibida por uma convenção internacional"[294]. Não recebeu nenhuma resposta e, enquanto isto, a Liga Maçónica das Nações afirmava que a Alemanha precisava de passar um tempo de teste até as conversações se iniciarem. Consequência disto, a Alemanha saiu da mesma em 14 de Outubro de 1933.[295] Dois meses depois, em 18 de Dezembro, enviou 6 pontos para uma nova paz. Nesses indicava-se:

1. A Alemanha terá os mesmos direitos que as demais nações
2. Os Estados comprometem-se a não aumentar o seu armamento além do presente estado
3. A Alemanha adere a este acordo, livremente apenas na medida de que lhe serão conferidos iguais direitos já que não representará uma ameaça à seguranºa de qualquer poder europeu
4. Todos os Estados reconhecem certas obrigações no que toca à conduta de guerra com base em princípios humanos, ou na eliminação de certas armas utilizadas contra a população civil
5. Todos os Estados aceitam um controlo geral que irá salvaguardar e garantir o cumprimento destas obrigações

6. As Nações Europeias garantem uma à outra uma manutenção incondicional de paz através da conclusão de pactos de não-agressão, a ser renovados a cada 10 anos[296]

Após isto, a Alemanha pediu um aumento do seu exército para 300.000 homens, número esse que permitiria salvaguardar a fronteira. O pedido foi respondido com um não redondo da França, enquanto as três potências (Rússia, França e Inglaterra) continuavam a aumentar a sua força militar.[297] Hitler voltou a enviar uma proposta de paz renunciando todo e qualquer uso de armas de destruição massiva. Desta vez, sem resposta da França. Para aumentar as hostilidades, a aliança entre a França e a Rússia apenas piorou a situação da Alemanha.[298] Após a ocupação da *Rhineland*, em 1936, Hitler volta a salientar a importância de uma paz na Europa. Alguns dos pontos foram:

1. De modo a dar aos futuros acordos um carácter de tratados invioláveis, as nações que participem nas negociações apenas o farão enquanto membros igualmente estimados.
2. O Governo Alemão assegura não adicionar nenhum reforço às tropas no Reno durante este período, desde que os Governos da Bélgica e França ajam da mesma forma.
3. O Governo Alemão assegura que não avançará sobre território belga ou francês com as tropas que se encontram no Reno.
4. De forma a concluir o tractado de paz, voluntariamente definido entre a Alemanha e a França, como reconciliação de disputas seculares, ambas as nações se prontificam a garantir que as educações dos jovens bem como a imprensa impedem um envenenamento das relações entre os dois povos.
5. A Alemanha expressa a sua vontade em estabelecer contacto com os demais estados fronteiriços, de modo a convidá-los directamente para concluir os pactos de não-agressão.
6. A Alemanha expressa a sua vontade em re-entrar na Liga das Nações. Simultaneamente, o Governo Alemão expressa e assim espera que, após um tempo considerável e negociações amigáveis, a questão de igualdade de direitos e da separação entre a Liga das Nações e o Tratado de Versalhes seja concluída.[299]

Em 18 de Junho de 1935, Hitler reduziu a *Kriegsmarine* a 35% da Marinha Real Inglesa para mostar que, mesmo que quisesse, não teria os meios para combate naval.[300] Também em 1935 renunciou a reinvindicação de Alsácia e Lorena, bem como celebrou um tratado de paz com a Polónia – infestada de judeus comunistas – ainda que desde 1919 os seus congéneres (alemães étnicos) tivessem sido submetidos a terríveis condições de opressão.[301]

Apesar disto, os Aliados continuaram a armar-se e a Polónia começou a preparar-se para guerrear contra a Alemanha. É neste contexto, e também da Checoslováquia, Roménia e Turquia serem manipuladas pela Grã-Bretanha que Ribbentrop assina um pacto de não-agressão com Molotov para garantir que a Polónia não ousaria entrar numa guerra por causa de Danzig.[301] Para ainda mais garantir uma paz na Europa, Hitler prontificou-se a auxiliar o Império Britânico caso este necessitasse de auxílio. Contudo, as forças polacas (lideradas por judeus) que já haviam morto alemães étnicos, começavam a aproximar-se perigosamente da fronteira e, em território alemão, ameaçaram vidas alemãs.[302] Neste contexto, Hitler não teve outra hipótese senão avançar sobre a Polónia. Ainda assim, em 6 de Outubro de 1939, enviou novamente uma proposta de paz. Na mesma, lê-se:

1. É necessário que os objectivos da geopolítica de cada Estado Europeu sejam claros. Quanto à Alemanha, o Governo está disposto a fornecer uma longa e exaustiva exposição dos objectivos. Nesse sentido, começa por declarar que o Tratado de Versalhes é hoje obsoleto, e que a Alemanha exige somente as posses coloniais devidas ao Reich, envolvendo um retorno das antigas colónias alemãs.
2. A mais importante condição, contudo, para um verdadeiro renascimento da vida económica fora da Europa é o estabelecimento de uma paz incondicional e de um sentido de segurança por parte das nações individuais. Esta segurança não será possível apenas através de sanções, mas acima de tudo com a redução de armamentos a um nível economicamente e razoavelmente tolerável. Uma parte essencial deste necessário sentido de segurança, contudo, é a clara definição do uso legítimo e aplicação de certos armamentos modernos que podem, a qualquer momento, atacar o coração de cada nação criando assim um permanente estado de insegurança. Em discursos prévios fiz propostas com este sentido. Na altura foram rejectadas – presumo pela simples razão de terem sido feitas por mim.[303]

Torna-se claro o cenário que antecedeu o maior conflito de sempre. A Liga Maçónica nunca quis paz. Apenas a guerra lhe interessa. Apenas quando as nações se devoram umas às outras consegue a Clique obter os seus prémios. A paz de nada lhe vale. Quando Versalhes estava prestes a ser abolido; quando podíamos caminhar para uma eterna e duradoura paz, a guerra voltou a bater-nos à porta. Observamos o mesmo hoje. Poderia haver paz entre a Ucrânia e a Rússia mas a Chabad

de Putin e, principalmente, a NATO do Sião não querem isso. Esta clique que pertence a todos os países e simultaneamente a nenhum apenas é capaz de provocar uma tempestade por onde passa.

- **Instigação Judeo-Maçónica**

Não há dúvidas que toda a Judeia se ergueu para combater a Alemanha. Aliás, em 24 de Março de 1933 o *Daily Express* emitiu a seguinte manchete:



Daily Express

FRIDAY, MARCH 24, 1933. — ONE PENNY.

JUDEA DECLARES WAR ON GERMANY

Jews Of All The World Unite In Action

BOYCOTT OF GERMAN GOODS

MASS DEMONSTRATIONS IN MANY DISTRICTS

DRAMATIC ACTION

HIGHER WAGES FOR STEEL WORKERS

AN INCREASE OF THREE SHILLINGS A WEEK

BRIGHT SPOT IN A BLACK TOWN

New "Sweep" Bill In The Dail

MR. DE VALERA AND STATE CONTROL

SECRET MEASURE

MR. MacDONALD EXPLAINS HIS TOUR

"PEACE CAN BE KEPT IN EUROPE"

LATE NEWS

Isto aconteceu quando a remoção de judeus da vida pública ainda não estava a ser implementada. Os mesmos imbecis que julgam esta acção moral são os mesmos que não hesitam em apoiar o Estado de Israel que, selvaticamente, encontra-se a destruir a população Palestiniana. Imagine-se a manchete: "Humanitários de todo o Mundo declaram guerra a Israel". A serpente imediatamente atacaria em resposta. Jonathan Greenblatt – o director da ADL (secção da B'nai Brith) – considera que quem não defende Israel, legitimiza o estado islâmico, classificando-o como tirânico.[304] Semelhantemente, o judeu Ben-Shapiro chegou já a declarar que quem não defende Israel não defende a América.[305] O mesmo Shapiro que nega os milagres de Jesus, mas aceita a partição do Mar Vermelho sem hesitação.[306]O artigo do *Daily Express* mencionava como os líderes internacionalistas e capitalistas judeus haviam trabalhado com poderes financeiros para provocar a queda do regime, ainda com uma economia muito fragilizada à conta da República de Weimar.[307] Samuel Untermyr discursou invocando uma "guerra santa" contra a Alemanha.[308] No artigo do *Express*, pode-se ler:

“Todo Israel espalhado pelo mundo está a unir-se para declarar uma guerra financeira e económica à Alemanha. Quatorze milhões de judeus espalhados pelo mundo inteiro estão unidos como um só para declarar guerra contra os perseguidores alemães. O judeu vendedor sairá da sua casa, o banqueiro a bolsa de valores, o mercador o seu negócio, e o pedinte a sua humilde cabana, para se juntar à Guerra Santa contra o povo de Hitler”[309]

Não é, de facto, incrível que Untermyr, inadvertidamente ou não, tenha conseguido classificar todas as posições sociais predilectas do Judeu? Todas, de uma forma ou de outra, sugam a força económica e social de um povo. Theodor Fritsch, em *Jew's Riddle for Success*, demonstra vários exemplos de judeus mercadores que, desprovidos dos valores socialistas das guildas, provocaram a sua destruição com a especulação de preços. Menciona também os vários mercadores que enganavam os compradores. Untermyr escolheu as ocupações a dedo! Note-se também que a luta não é contra os nacionais-socialistas ou contra Hitler. A guerra é contra o povo alemão! Porque haveria alguém de querer a destruição do povo alemão, sendo este o mais nobre da existência humana? Não houve outro sangue portador de tamanha energia formativa; desde a ciência à filosofia, da religião à moral. Nenhuma raça superou a teutónica.

Aquando da publicação, a Associação Central de Judeus da Alemanha – Verein – contestou a opinião de que os judeus estavam a ser castigados na Alemanha. A Verein escreveu um artigo no qual se lê “não acreditamos que os nossos con-cidadãos alemães se deixem levar ao ponto de cometer excessos contra os judeus”

O jornal Natscha Retsche escreve o segundo artigo a instigar o fim da Alemanha:

“A guerra contra a Alemanha será combatida por todas as comunidades judaicas, conferências e congressos...por todos os judeus individuais. Assim, a Guerra contra a Alemanha irá ideologicamente promover os nossos interesses, que requerem que a Alemanha seja totalmente destruída. O perigo para nós judeus encontra-se no povo alemão, na Alemanha como um todo. Nesta guerra, nós judeus temos de participar e com toda a força e energia que tenhamos disponível”[310] Por outras palavras, Judá preparava-se para reunir todas as nações contra a Alemanha, apenas porque esta revelou a sua verdadeira natureza. Nem organizações sionistas na Alemanha se encontraram tão hostis como os judeus da finança internacional. Muitos deles até julgariam que a Alemanha poderia resolver um problema migratório, embora nunca se tivesse concretizado. Quatro dias depois, o Fuhrer pronunciou-se sobre o boicote:

"Mentiras e calúnias de perversidade capaz de levantar os pêlos da nuca estão a ser lançadas sobre a Alemanha. Histórias de horror de corpos judaicos desmembrados, olhos retirados e mãos cortadas estão a circular com o intuito de difamar o povo alemão no mundo pela segunda vez, tal como haviam sucedido em 1914"[311]

Seria somente natural que Hitler boicotasse também os produtos judaicos, não como iniciativa de ofensa, mas como medida defensiva. Não nos torna claro que fora a Internacional Judaica e não os judeus da Alemanha que quiseram a guerra? Não provenieram dos últimos as queixas, mas dos primeiros. Os abutres que se alimentam em Wall Street não suportam que alguém retire o poder do seu capital. O que hoje observamos entre a Rússia e a Ucrânia é uma situação do mesmo género. Nem Putin, nem a NATO representam um ideal a ser seguido, mas a NATO é a entidade mais feroz e subversiva. Como uma organização maçónica que é, tem sempre de interferir em todos os territórios, de forçar a sua vontade sobre a dos povos alheiros (e nem sequer é uma nação). É um outro elemento do Império do Sião com base em Jerusálem e capital em Washington.

Em Amesterdão, a Federação Económica Mundial Judaica – liderada por Untermyer – voltou a organizar um boicote universal, com o seu líder a mencionar que a Alemanha estava já a prender todo o tipo de judeus em campos de concentração desumanos e a submetê-los a longas horas de tortura.[312] Chaim Weitzmann – conselheiro de Roosevelt, Truman, Wilson – encontrou-se com Neville Chamberlain para lhe garantir que a Judiaria ficaria do lado das democracias contra o Reich. Weitzmann diz:

"Desejo confirmar, na forma mais explícita, as declaraçãoes que eu e os meus colegas fizemos durante o último mês, e especialmente na semana passada, de que os judeus estão do lado da Grã-Bretanha e iremos lutar ao lado das democracias. O nosso desejo urgente é dar efeito a estas declarações contra a Alemanha. A Agência Judaica está pronta para entrar em acordos imediatos para utilização de poder e recursos judaicos"[313]

Não seria estranho que os judeus internacionais e não os sionistas da Alemanha é que se queixavam das condições a que estavam, alegadamente, a ser sujeitados? A pequena "cooperação" entre o NSDAP e grupos sionistas tem sido alvo de constante mitificação, mas a verdade é bastante simples: os sionistas – sabendo que não conseguiam convenver os judeus a emigrar para a Palestina – esperavam ansiosamente que as acções de Hitler provocassem um ódio na comunidade judaica. Tudo fazia parte do plano. Gerar ódia contra a Alemanha e contra os alemães; mentir sobre as

condições dos judeus para assim forçar a sua saída para a Palestina. Contudo, estes judeus alemães constituíam uma desprezável parte da Internacional e apenas um ignorante julgaria que o actual estado israelita seria algo que Hitler quereria. Rosenberg, em "Sionismo: Inimigo do Estado" escreve sobre o seu receio da Palestina formar um quartel-general impenetrável de força judaica, exigindo que o Império Britânico lhes configurasse rédea curta. Streicher, no *Der Sturmer*, escreve que apenas isolados numa ilha e constantemente monitorizados é que a questão judaica resolver-se-ia. De facto, ficaríamos estupefactos com o quão iluminados se encontravam os líderes nacionais-socialistas face ao perigo judaico. Os sionistas julgavam que poderiam controlar Hitler para que estes tivessem uma Pátria suprema; rainha sobre as nações. É certo que a expulsão seria necessária, mas nunca Israel teria a influência e poder que hoje apresenta. A "cooperação" resultou apenas do facto de Hitler querer ver-se livre de judeus e os sionistas verem nele alguém que poderia colocar os judeus de uma vez por todas na Palestina (não sabendo eles, claro, que Israel não existiria como uma nação toda-poderosa). O Sionismo apenas provou o que já se sabia: que os judeus não conseguem viver sem sugar a vida das nações. Daqui resulta o paradoxo de que, após séculos a desejarem uma Pátria, continuem a viver em todas apesar desta já existir. Não parece cada vez mais evidente que o judeu não é um ser como os demais? Que não está vinculado a nenhum solo nem a nenhuma nação? Que é um ser destinado a, ininterruptamente, vaguear pela Terra sem pertencer a lugar nenhum? O plano sionista falhou redondamente e outra mentira, cujas proporções ainda hoje são magnânimes teve de ser orquestrada. Aliás, não se trata de uma mentira, mas de 6 milhões delas.

Não foi, contudo, somente em 1933 que a Alemanha enfrentou a rede judeo-maçónica e se viu forçada em agir em defesa dos seus interesses e princípios. Ainda antes de tudo, em 1919, o Tratado de Versalhes acabaria por implementar uma futura guerra mundial. A ala judaica – liderada por Brandeis – não tinha qualquer intenção em criar um Estado Sionista, mas sim em aumentar a influência judaica em todos os países europeus.[314] Já escrevi ao longo do artigo que Israel é apenas um abrigo judaico que lhes confere ainda mais poder e um porto-de-abrigo aos ataques dos "antissemitas". O verdadeiro poder encontra-se espalhado pelos milhares de judeus que se infiltram nas organizações judeo-maçónicas, sempre para servir Israel. As reparações exigidas à Alemanha foram cruéis e injustas, perante um país que "não conspirou uma guerra, não queria uma e esforçou-se para que tal não acontecesse"[315]. Em 1919, a Liga Espartaquista já havia tentado "bolchevizar" uma Alemanha quebrada. Os judeus Liebknecht e Helphand[316] e a judia Rosa

Luxembourg foram algumas das personagens vitais no movimento. Foi depois do judeu Eisner ter proclamado a República Socialista da Baviera que Sebottendorf (líder da Thule, ainda que maçon e provavelmente agente secreto) declarou que a mesma estava dedicada a lutar por uma nova Alemanha.

Winston Churchill, um imbecil útil dos judeus, começou a agitar Inglaterra contra a Alemanha especialmente devido ao apoio que recebeu do grupo *The Focus* que possuía vários judeus milionários.[317] O próprio Churchill afirmou que o que guiava o grupo era reçabiamento judaico.[318]

O General Robert E.Wood confessou ao Senado que o primeiro-ministro inglês lhe havia dito que era necessário esmagar a Alemanha. "Forçaremos Hitler a entrar em guerra, quer ele queira quer não"[319]

Harry Dexter White – um agente soviético americano – foi responsável por instigar a entrada do Japão na Guerra Mundial. A proposta que White enviou ao Japão foi elaborada precisamente para que este não tivess outra hipótese senão entrar na guerra.[320] O caso é semelhante às propostas de combate à corrupção que acabam por ser inconstitucionais, como o Dr. Paulo de Morais afirma, tornando o combate impossível. Haviam também cerca de 300 agentes soviéticos cuja informação era enviada directamente para Estaline. Estes agentes estavam espalhados na Tesouraria, no Departamento de Guerra, no Gabinete do Presidente e do Vice-Presidente, etc[321]

O objectivo era sempre o mesmo: instigar ódio contra a Alemanha e forçar todas as nações a combater por Judá, outra vez! Em 1939, quando Varsóvia foi tomada, Von Kuensberg encontrou documentos que provavam a instigação da guerra por parte de Roosevelt e dos seus judeus. A propaganda americana encontrava-se depositada nas mãos eleitas que, a todo o custo, tentavam ilustrar Hitler, o Nacional-Socialismo e o Fascismo como a maior ameaça à civilização.[322] A propaganda foi particularmente impactante na América pois que era impossível à população saber realmente o que se passava na Europa. Anti-Comunismo e Anti-Sovietismo, tão particular nos anos 20 na América deu lugar a um fanático sentimento anti-Alemanha e os massacres judaicos na URSS foram "esquecidos" como se a Rússia passasse a ser uma defensora das democracias.[323] Judeus como o Bernard Baruch e Felix Frankfurter – amigos íntimos de Roosevelt – foram dos primeiros a apoiar este ódio. De facto, toda a agência de propaganda possuía ligações à Judiaria Internacional.[324] Outra prova do envolvimento judaico é revelado na acção de Charles Lindbergh. Outrora um herói americano, assim que desvendou a ameaça judaica, passou a ser o inimigo

número 1! Lindbergh mencionou como os vários judeus estavam a inflamar o Mundo contra a Alemanha e contra Hitler. Em 1941, já só 10% dos americanos tinham uma visão positiva sobre o mesmo.[325] Já no fim da guerra, Patton – que morreria em 1948 em condições no mínimo suspeitas – viria a dizer que os EUA haviam derrotado o inimigo errado. Que a Alemanha era ainda a única raça saudável na Europa e que a mesma seria comunista. Como em 1914, a finança judaica insistou que uma guerra teria de surgir e nem as inúmeras ofertas de paz foram suficientes para recusar esta guerra. Como na primeira, só Judá foi favorecida.

- **Planos Judaicos para a Alemanha**

Em 1941, o judeu Theodor Kaufmann escreveu uma obra execrável, *Germany Must Perish!*, na qual, como um Bom Judeu, explicou a necessidade de destruir ainda mais um povo. Kaufmann pretendia destruir a Alemanha e o povo alemão de uma vez por todas. Ele escreve:

"É uma guerra de povos contra povos; de povos civilizados que ambicionam a Luz, contra os bárbaros incivilizados (Alemães) que apreciam a Escuridão. É uma luta entre a nação Alemã e a humanidade."[326]

Para Kaufman, a guerra não era contra Hitler, Rosenberg, Himmler, etc...Era contra todo o povo alemão. O que estava em risco era a existência dos alemães enquanto povo.

"Nem é uma guerra contra os Nazis (...) Hitler não é mais responsável por esta guerra do que o Kaiser foi pela anterior. Nem do que Bismarck. Estes homens não originaram ou travaram as guerras da Alemanha contra o mundo. Eles são apenas espelhos que reflectem séculos de desejos de conquista e massacre da nação alemã"[327]

"Esta guerra é travada contra o povo alemão. São eles os responsáveis. São eles que terão de pagar por esta guerra. De outra forma, haverá sempre uma guerra da Alemanha contra o Mundo"[329]

"Existe apenas uma penalização: A Alemanha deve perecer para todo o sempre!"[328]

Não nos parece a maior hipocrisia que, alguém pertencente a um povo sem qualquer capacidade filosófica ou cultural exija a destruição daquele que, muito provavelmente, representa o pináculo da evolução do MYTHOS? Kaufman parece aproximar-se de uma solução para um problema antíguo. Contudo, o adversário é o oposto. Kaufman queria semear a divisão entre os povos Europeus. Ele escreve:

"Mas – caso os polacos, checos, eslovacos, austríacos, noruegueses, neerlandeses, belgas, franceses, gregos, ingleses, irlandeses, canadianos, australianos e americanos – pois todos sentimos a bota alemão – caso todos estes povos, em números próximos de 300.000.000 dos mais civilizados, mais iluminados na Terra sofrerem constantemente e enfrentarem morte para que uma pequena parte da população da Alemanha continue a existir? Perpétua guerra contra o Alemão é o único futuro dos povos civilizados?"[330]

Kaufman continua:

"Se o povo alemão quer viver pos si, na escuridão, isso é um problema somente seu. Mas quando fazem constantes tentativas de encapsular os outros povos no seu manto, então torna-se hora de removê-los da humanidade civilizada entre a qual não têm lugar, ou direito a existir"[331]

Como uma passagem tirada do Talmude, lê-se:

"Eles são bestas. Devem ser tratados como tal"

Poder-se-ia citar o inteiro documento como prova viva de que Kaufman apenas expressou o desejo judaico de destruição de povos. Este sentimento parasítico e destructivo é antagónico ao do Ariano. O último é o líder da civilização, cultura, moral e conduz os povos nobres a altos valores; o primeiro é um fermento de decomposição que apenas sobrevive vivendo à custa dos melhores povos. Não haja dúvidas do seguinte: negar a questão judaica não nos salvará da destruição. Já que o Judeu não nos poupará, melhor é já aceitar que esta raça tem de ser reconhecida como a ralé que é e combatida. A neutralidade não salvará.

O resultado da guerra foi o pior para as mulheres alemãs. Violações em massa, do mesmo calibre que as realizadas pelos mongóis de Ghenghis Khan, tornaram-se o dia-a-dia. Alguns casos são realmente perturbadores, mas não inesperados dada a natureza do exército vermelho e das tropas afro-francesas. Estaline considerava que a violação das mulheres alemãs era um "prémio" para os soldados. Solzhenistyn, na altura um jovem capitão e opositor do regime, escreveu que todos sabiam, dentro do exército, que as mulheres alemãs podiam ser violadas com permissão dos comissários[332] (maioria deles judaicos). As SS tinham códigos de honra que condenavam violações (e nenhum bom alemão quereria uma nojenta judia para até o acto mais atroz, embora algumas tenham surgido). Solzhenistsyn foi preso por se recusar a participar nos "bacanais" do pós-guerra.[333] Muitos soldados russos condenavam estes actos, mas a ralé do Exército Vermelho – os

Khazars, Mongóis, Turcomanos, etc – ainda possuíam o sangue de Genghis Khan cujos soldados violaram mulheres europeias em massa. Até os soldados russos achavam que estes não tinham qualquer nível de civilização. Montgomery notou que os russos das estepes não tinham qualquer civilização nem educação e que, sobretudo as suas acções face ao sexo feminino, eram repugnantes.[334] Vários são os casos que indicam a presença maligna destes actos que constituem a maior ofensa ao sexo feminino. A pureza sexual é um valor que ainda hoje não foi totalmente averiguado. A energia que é libertada aquando do acto deve ser a mais pura e concentrada possível; daqui resultam as técnicas tântricas para concentração de energia reproductiva. Os Taoístas eram conhecidos por estas práticas como forma de enobrecer a alma e a aproximar do Tao. O acto de violação não só representa uma acção imoral, nojenta e de calibre de uma raça animalesca, como também repercute-se nos traumas, lesões e perda de qualidade reproductiva. A energia apenas deve ser libertada no momento certo, após um longo período de maturação e concentração, para que o rebento seja o mais saudável e forte possível. Que isto ainda não tinha sido correctamente avaliado transcende qualquer pensamento. Algumas mulheres foram violadas mais de 60-70 vezes (apenas podemos imaginar o estado em que ficariam).[335] Padres, freiras, idosas e crianças...tudo servia para os sovietes. Quando se escondiam, os soldados vasculhavam tudo e espancavam quem se recusasse a dizer onde estavam as víctimas. Até necrofilia foi praticada.[336] Um padre alemão registou um incidente que ocorreu numa igreja na qual os mongóis e judeus trancaram as mulheres – sob o falso pretexto de protecção – apenas para fazerem fila para as violar em longas orgias que duraram a noite toda. Rapazes que tentavam impedir os actos eram mortos e/ou violados também.[337] Mães e filhas igualmente destruídas. Nada escapou. Ter-se-ia de ser muito ignorante para julgar que Estaline não saberia disto. Pelo contrário, ele incentivou! Ilya Ehrenburg – um judeu próximo de Estaline e editor da Pravda – dirigiu-se, assim, ao Exército Vermelho:

“Sigam os ensinamentos do camarada Estaline. Utilizem força e destruam o orgulho racial das mulheres alemãs. Tomem-nas como o vosso merecido prémio”[338]

De facto, Estaline comentou com Milovan Djilas que os soldados russos, após meses de viagem e combate, estavam apenas a divertir-se.[339]

Lindbergh visitou a Alemanha pós-guerra e registou que a situação era deplorável. Crianças e mulheres, esfomeadas ou a precisar de alimentar os filhos, faziam o que fosse preciso para tal.[340] Até pela coisa mais mundana, como chocolate.

A violação, contudo é permitida na lei judaica:

"Um soldado pode ter relações sexuais com uma mulher enquanto ela é uma gentia se a sua inclinação natural o assoberbar" (Melachim uMilchamot 8,2 – Mishneh Torah) Por outras palavras, um soldado pode violar. Isto reflecte o código de honra e moral do judeu. Kant estava enganado quando julgou que uma moral universal poderia ser criada; ele não foi capaz de perceber que o problema ético é, fundamentalmente, um problema étnico; que a raça define a moral e não o contrário. Além das violações, pode-se ainda mencionar a deliberada fome bem como a deportação de homens para os gulag da Sibéria, assuntos não abordados para diminuir extensão do documento (MacDonogh, Giles, *After the Reich: The Brutal History of the Allied Occupation* e Keeling, Ralph Franklin, *Gruesome Harvest: The Allies' Postwar War against the German People* são duas boas opções para este tema).

- **O Reich, a Itália Fascista e a Maçonaria**





Em 1924, Mussolini decretou que todos os maçons que pertenciam ao partido fascista teriam de abandonar a ordem, o que levou o General Capello – grão-mestre do Grande Oriente de Itália – a abandonar a mesma, apenas para um ano mais tarde ser acusado de tentativa de assassinato de Mussolini.[456]

Em 1925, o Duce dissolveu a Maçonaria e Domizio Torrigiani – Grão-Mestre do Grande Oriente Italiano, opondo-se ao regime, foi exilado.[457]

Após Hitler ter sido eleito Chanceler, a Gestapo apreendeu registos das Lojas, prendeu vários membros e reuniu toda a parafrenália para em 1937, Goebbels organizar a exposição anti-maçónica.[458] Na Áustria, República Checa, Hungria, entre outros países que durante a guerra viriam a ser ocupados, a Maçonaria foi perseguida, com excepção da Hungria, que depois do reino de terror de Kun, proibiu as sociedades secretas.[459] Por toda a Europa e no Mundo, a Maçonaria aliou-se às forças destruidoras da raça, nomeadamente Democracia e Internacionalismo, estando envolvidas em todos os acontecimentos que colocaram os povos europeus sob alçada de Judá, desde a Revolução Francesa até às de 1848; desde a I República à Revolução Bolchevique, desde os Jovens Turcos à união da Itália – apenas para a lançar numa guerra mundial. Os Nacionais-Socialistas, que foram bem recebidos em todos os países em que entraram, não hesitaram em expor a actividade e rede judeo-maçónica em cada um deles. A *Judenfrage* – Questão Judaica – não pertencia somente aos alemães e continua a não pertencer. É certo que o Nacional-Socialismo apenas pode ser implementado nos povos germânicos porque para eles foi concebido e apenas para eles é apropriado. Contudo, existem vários movimentos que podem coexistir com o Nacional-Socialismo que, como qualquer leitor saberá, não é o monstro que o pintam, mas sim a mais brilhante e nobre cosmovisão germânica. Como uma imagem vale mais que mil palavras, eis a seguinte:



(Ao contrário do comportamento das tropas afro-americanas, a Wehrmacht exibiu uma conduta de honra respectável para com todos os cidadãos, particularmente para com as mulheres. Isto era o

que Rosenberg e Hitler queriam: que o soldado e cidadão alemão fosse o mais perfeito possível e antagónico ao judeu)

O ilustre Rosenberg – pelo qual nutro um enorme carinho e ao qual devo uma boa parte do meu progresso humano - escreve:

"Sem dúvida que o dogma maçónico de Humanidade é uma re-entrada em mundos com as concepções mais primitivas; onde quer que seja posta em prática é acompanhada com decadência, porque entra em conflicto com as leis aristocráticas da Natureza"[460]

Dieter Schwarz escreve:

"As Lojas Maçónicas são associações de homens que representam um movimento espiritual supra-nacional, a ideia de Humanidade...uma associação geral de humanidade, sem distincção de raças, povos, religiões, convicções políticas sociais"[461]

Em 1933, Goering havia dito que na Alemanha Nacional-Socialista não haveria lugar para Maçonaria.[1007] Em 1937, a B'nai Brith de Berlim foi saqueada e os seus membros presos.

Relativamente à Maçonaria, o Fuhrer discursa:

"Para fortalecer a sua posição política, o judeu destrói as barreiras raciais e civis que, durante um tempo, restringiram a sua actividade. Para este fim, ele luta com toda a tenacidade inata em si por tolerância religiosa – e na Maçonaria, que sucumbiu perante ele completamente, ele tem um excelente instrumento com o qual luta pelos seus objectivos. Os círculos governamentais e a elite burguesa são trazidos para a sua rede por parte da Maçonaria. (...) Assim, a Maçonaria é auxiliada por uma segunda arma em serviço dos Judeus: a imprensa. Com toda a sua perseverança e habilidade, ele toma posse dela. Com ela, ele começa lentamente a capturar e a guiar toda a vida pública já que ele está em posição de criar e dirigir o poder que, sob o nome da "opinião pública", é melhor conhecida hoje do que à décadas atrás. (...) A parálise pacifista do instincto nacional de auto-preservação iniciado pela Maçonaria nos círculos da auto-intitulada *intelligentsia* é transmitida às massas e, acima de tudo, à burguesia pela actividade dos grandes jornais que hoje são sempre judaicos. A proibição das sociedades secretas maçónicas, a perseguição da imprensa supra-nacional como a a contínua demolição do Marxismo internacional e, contrariamente, o

reforço da concepção do Estado fascista, irá no decurso dos anos causar ao Governo Italiano servir os interesses do povo italiano”[462]

O combate do Reich foi ciclópico e ostenta uma nobreza como provavelmente nenhum outro movimento exibiu. A vontade, a capacidade, a acção foram indescritíveis. A obra de Hitler permanecerá para sempre registada na História; nunca será apagada e a verdade começa a ser redescoberta, à medida que Judá se vai tornando demasiado confiante. O austríaco – a mais nobre manifestação germânica – o melhor Europeu de sempre, segundo Savtiri Devi, não pereceu nem nunca perecerá. Ele foi, claro, mais que um mero mortal. O espírito e a alma de Hitler nunca serão destruídas e ele haverá de voltar a uma existência corpórea. Reunindo, como outrora fez, os espíritos de Rosenberg, Feder, Eckhart, etc voltarão a conduzir uma nova revolução, a rasgar dogmas falsos e a reivindicar o renascer do MYTHOS Ariano. Não sabemos sequer se isto já não poderá estar a acontecer. Nota-se uma crescente hostilidade para com Judá, justificada e necessária, e um aumento de confiança no Eterno Líder para que uma nova síntese possa surgir. Hitler e os nacionais-socialistas não foram derrotados. Como Leónidas em Thermopylae, eles venceram espritiualmente. Em duas décadas, desmontaram a maquinaria judaica e revelaram uma alternativa à subjugação. A História Judaica retratará Hitler como um Tirano, um Opressor, inventando e conjurando todo o tipo de mentiras contra a sua personalidade. Nós vimos através do Mundo; rasgámos o véu judaico e observámos a luz do líder que destrói a escuridão com que a imprensa a cobriu. Alfred Rosenberg, nas suas memórias – nas quais se detecta um sentimento de orgulho na sua acção e, simultaneamente, pena por ter “fracassado” – escreve:

“O Nacional-Socialismo foi uma resposta europeia a uma questão secular. Foi a mais nobre das ideias à qual um alemão poderia entregar os seus esforços. Tornou a nação alemã um prémio de união, deu ao Reich Alemão um novo conteúdo. Foi uma filosofia social e um ideal de limpeza cultural condicionada pelo sangue. O Nacional-Socialismo foi mal utilizado, e no fim desmoralizado, por homens aos quais o seu criador deu fatalmente a sua confiança. O colapso do Reich está historicamente ligado a isto. Mas a ideia era acção e vida, e isso não pode nem será esquecido. Tal como outras grandes ideias conheceram profundidade, também o Nacional-Socialismo será renascido noutro dia por uma nova geração endurecida pela mágoa e irá criar numa nova forma um Novo Reich para os alemães. Historicamente amadurecido, terá fundido o poder da crença com precaução política. No seu solo campestre crescerá das raízes saudáveis numa

árvore forte que dará frutos. O Nacional-Socialismo foi o conteúdo da minha vida adulta. Servi-o fielmente, embora com insuficiência humana. Manter-me-ei verdadeiro ao mesmo enquanto for vivo”



Um dia, numa outra época, surgirão os mesmos guerreiros contra Jerusalém, contra Judá e contra o Sião!

- **Misticismo Maçónico**

▪ **Baphomet**



Todos conhecemos Baphomet, ainda que possamos não conhecer o seu significado e simbologia. A sua imagem, contudo, marca qualquer mente.

Qual o significado desta imagem? Usualmente, atribuímos esta imagem como sendo uma representação cristã do demónio. Na Maçonaria, o seu significado não é de todo distinto.

Esta representação pertence ao judeu Eliphas Levi (cujo nome se consegue ler na imagem). A descoberta de Baphomet origina já nos Templários que, com o conhecimento gnóstico adquirido, tê-lo-ão interpretado como um símbolo de ordem perfeita no mundo.[341] Já na Antiga Babilónia o bode era um animal sagrado. O bode é representado como sendo andrógino – simbolizado pelas

duas cobras que advém da zona reproductora, possuindo um braço voltado para cima e outro para baixo, enquanto se senta em cima de um globo. Um estudante do oculto sabe que não há princípio mais importante do que o do equilíbrio, princípio esse que permeou todas as culturas, desde o *yin* e *yang* ao maniqueísmo. Até na mitologia nórdica, Ymir – que se alimentava da vaca primordial – era andrógino. Lévi julgava que esta criatura significava nada mais nada menos do que a revelação da luz primordial; da origem divina do cosmos e, consequentemente, do Homem. Todas as religiões, todos os ritos, crenças encontram-se consumadas em Baphomet e, eventualmente, todas regressarão ao mesmo. Que o equilíbrio é a grande força de Baphomet é revelado por Lévi:

"Existe na natureza uma força que é muito mais poderosa do que o vapor, força esse que era conhecida pelos antigos: consiste num agente universal cuja lei suprema é o equilíbrio, e cuja direcção está preocupada imediatamente com o grande arcano de magia transcendental. Este agente, que mal se manifesta sob a tentativa e erro dos discípulos de Mesmer, é exactamente o que os adeptos da Idade Média chamavam de o primeiro assunto da grande obra. Os gnósticos o representam como o corpo de fogo do Espírito Santo, e foi o objecto de adoração nos ritos secretos do Shabat ou do Templo, sob a Figura hieroglífica de Baphomet ou o Bode Andrógino de Mendes"[342]

Para Lévi, os Templários já haviam adorado Baphomet, razão pela qual foram perseguidos por Filipe o Justo e Jacques de Molay morto.[343]

Lévi escreveu que " cada novo culto é apenas uma nova rota a levar a humanidade a religião una, a do sagrado e do radiante pentagrama, o único e eterno Catolicismo."[344]

Como os teósofos, afirmou que a luz primordial havia sido transmitida a alguns iniciados que, sabendo a sua força e intensidade, tiveram de escondê-la das "massas" – incapazes de a compreender. Contudo, o conhecimento foi perdido e era necessário voltar a haver uma nova ordem capaz de interpretar esta origem primordial.[345] Para Lévi, Baphomet não representa qualquer força maligna ou subversiva, mas a mais pura das verdades e revelações. Somente devido à Igreja – que impedia o correcto entendimento do Cristianismo – e à má interpretação da palavra dos iniciados é que esta havia sido corrompido como um ídolo de magia negra.[346] Sócrates, Platão, Jesus, etc haviam sido apenas iniciados.[347] Tal como Albert Pike – que abertamente louvava ao Portador da Luz, Lúcifer – Lévi também mencionou Lúcifer era, na verdade, a luz capaz de desencadear o potencial do Homem e impedir o mesmo de permanecer na escuridão, isto é,

ignorância e incapacidade.[348] De facto, a existência de Lúcifer enquanto entidade maligna e anti-Deus foi formada por um Judaísmo com influência maniqueísta (originária do Zoroastrianismo). *As Above, So Below* - para o místico – pode ter o seguinte significado: que o Homem é um microcosmo num macrocosmo e que a lei cósmica que dirige o último, dirige também o primeiro. Que toda a acção no mundo físico é condicionada e repercute-se no espiritual e vice-versa. Como ambos são da mesma natureza, haverá a altura em que ambos se juntam para serem um só. Albert Pike aproveitou esta dialéctica para simbolizar que Deus e o Anti-Deus são na verdade apenas um. Como em cima se encontra Deus, o seu equivalente em baixo é da mesma natureza. Para Lévi, quando o Homem for um com a luz reveladora, não haverá sexos, ou melhor, estes vão se juntar. Isto é semelhante quando Paulo se dirigiu aos Romanos com as seguintes palavras:

"Não há judeu nem grego, escravou ou homem livre, homem ou mulher, pois sois todos um em Jesus Cristo" [Gal 3:28]

É óbvio que Paulo – sendo misógino – sabia que os homens e as mulheres eram diferentes, e as suas palavras não podem ser interpretadas literalmente. Paulo apenas menciona que Deus – sendo o Absoluto – reúne em si tudo, não podendo haver nada separado do mesmo. Os sexos são por isso unos.

Do ponto de vista esotérico, tal é facilmente percetível. Na origem universal todos eram um só, então o que se dividiu tem de se voltar a juntar. Isto é, homem e mulher devem voltar a ser um só.[349] Que Baphomet seja interpretado como Satanás é algo que Lévi deplorava. Para ele, Baphomet era precisamente o contrário a Satanás que procura colocar o mundo em anarquia e caos. Baphomet era a ordem; o cumprimento da lei cósmica; o fim das forças destructivas em lugar da força reveladora.[350] O próprio facto de Baphomet assentar sobre um globo remete para a sua supremacia enquanto líder da Terra. Em suma, Baphomet representa a união do que hoje separado, deve voltar a ser um só. Pelo menos foi este o significado cabalista que Lévi conferiu ao bode. Mas porquê um bode e não um leão?

Um bode é capaz de resistir às condições mais desérticas, além de Capricórnio representar o Portal dos Deuses.[351] A tocha por cima da sua cabeça indica ser uma figura iluminada, como Cristo é também representado com um disco solar atrás de si.[352] Por fim, os chifres representam a sua dignidade e valor enquanto luz primordial pois Moisés – outro alegado iniciado – possuíra também chifres.[353]

Por fim, Baphomet, para Lévi representa a capacidade do Homem de atingir a condição primordial na qual teve origem; de atingir o Espírito Universal ou Ãtman; de atingir o estado de nirvana de Buddha. Baphomet representa para os seus seguidores uma inspiração a atingirem o conhecimento universal. Os Bhraman proferiam as seguintes palavras:

"Eu sou Bhramin. Eu sou a energia da qual tudo teve origem". Dadas as similaridades das diferentes religiões e o desejo de atingirem um estado de consciência superior, seria difícil negar que não haja, porventura, uma origem universal. Para o cristão, Baphomet representa o anti-cristo. O livro das Revelações menciona uma besta que blasfemou contra Deus; Baphomet também se opõe à Igreja e aos seus mandamentos que considera terem corrompido a verdadeira essência de Cristo. Alex Crowley – que assumidamente se declarava como satânico e anti-cristo – assinava com o nome de Baphomet. Sendo que Crowley era satânico, é bem provável que o bode não seja mais do que a incorporação do espírito ahrimânico de destruição da natureza do Homem, corrompendo-o e mergulhando-o numa *matrix,* impedindo que este se desenvolva e aclare a sua consciência, como Rudolf Steiner afirma em *Atlantis*. Para os maçons, claro, mestres da mentira e manipulação como os judeus, é sempre o contrário.

- **Lendas Judaicas: Lenda de Hiram e Construcção do Templo de Salomão**

A lenda de Hiram e a construcção do Templo de Salomão constituem a base do misticismo maçónico. Afinal de contas o maçon é um pedreiro-livre, tal como Hiram fora.

Nas crónicas bíblicas ele é citado duas vezes: em Reis 13, ele é referido como sendo um israelita da tribo de Naftali, perito fundidor de obras de bronze; mas já nas Crónicas (Paralipómenos), ele é referido como sendo filho de uma mulher da tribo de Dan, perito, não só em fundição de metais, como também na confecção de obras de madeira, tecelagem , escultura etc.[354]

Ambelain escreve:

"Hiram, pelo seu pai Ur, descende de Tubalcain, e por ele, em linha directa, de Caim e Samael. Este, na tradição Judaica, é o Anjo Rebelde, o Tentador, o Anjo da Morte e por morte ritual a Maçonaria sacraliza o profano (…). Desta estranha tradição nasceu um costume, o de denominar "vale" o lugar onde se reunissem certos altos graus da Maçonaria (…). No século XVIII um grupo (de maçons) tomou o nome de " Filhos do Vale". Num dos altos graus maçónicos, onde os

membros se reúnem num “vale”, o presidente da Loja leva o nome de “ sapientíssimo Athersatha” (…). Este nome, traduzido do hebraico, significa “Prodigioso fundidor do deus forte”[355]

Hiram encontra-se associado ao Rei Salomão precisamente por este ter ordenado ao primeiro que o templo fosse construído. Ele é o construtor do Templo de Salomão, cuja estrutura reflecte o próprio universo. A sua morte representa a transição do profano para o sagrado, do técnico para o científico, do reino grosseiro da matéria para o reino subtil do espírito.[356] Em Reis 13:7, lemos que:

Salomão “Escolheu obreiros em todo Israel, e ordenou que fossem trinta mil homens. E ele os mandava ao Líbano, dez mil a cada mês, de sorte que ficavam dois meses nas suas casas e Adonhiram era o encarregado do cumprimento desta ordem. E teve Salomão setenta mil que acarretavam as cargas, e oitenta mil cabouqueiros nos montes; fora os aparelhadores de cada obra, em número de três mil e trezentos, que davam as ordens aos que trabalhavam. E o rei mandou que tirassem pedras grandes, pedras de preço para os alicerces do Templo, e que as facejassem. E lavraram-nas os canteiros de Salomão e os canteiros de Hirão; e os de Gíblios, porém, aparelhavam as madeiras e as pedras para edificar a casa”[357]

Hiram foi morto por três colegas que ambicionavam o seu lugar, passando a assumir um culto maçónico de término do progresso do irmão. Por um lado, Hiram é louvado como uma figura solar, por ser aquele que permite a construção do universo, isto é, o templo; por outro lado, Hiram é louvado como a maior obra maçónica possível de ser concretizada, também simbolizada no Templo.[358]

Este misticismo judaico é a base da maçonaria; desde Baphomet ao Templo de Salomão é impossível negar a influência cabalista no pensamento maçónico. Ambos idealizam uma concretização do Homem; uma construcção do Homem que progride para o seu término. No caso de Baphomet, isto acontece com a união entre o ser e a origem universal; no caso do Templo, o próprio fim da construcção do mesmo anuncia o fim da evolução do indivíduo.[359] Reconhecidamente, esta lenda simboliza a construcção artificial de judeus bem como afirma a supremacia dos mesmos. O Judeu Artificial é obra da Judeo-Maçonaria que molda o indivíduo à sua vontade para transformar e destruir a sua natureza primordial, não permitindo nem querendo que este seja um consigo mesmo, mas que se submeta ao reino dos judeus.

- **Outro misticismo**

Não seria possível terminar a análise do misticismo maçónico sem avaliar o seu símbolo bem como outras entidades. As duas colunas Jakin e Boaz representam, novamente, equilíbrio. Neste caso, equilíbrio do zodíaco.

Relativamente à coluna Jakin, quando o iniciado entra, possui a determinação do capricórnio que, com o seu ardor e vigor, despedaça a porta do santuário iniciático.[360] Ele tenta violar a entrada no Templo mas é detido, imprisionado e submete-se a uma prisão quando o Sol percorre os graus de Touro.[361] Para receber um corpo, ele fecha-se no ovo uterino, onde morre para renascer no signo de Gémeos. É nesta altura que se submete à prova do Ar. Atingido o cume do seu percurso, o Sol desce até Caranguejo para se submeter à prova da Água e, posteriormente, do Fogo à qual preside o Leão que devora tude que é ilusão[362]. Por fim, o Iniciado vence ao atingir a condição de Virgem, para poder planar em alturas de pura idealidade.[363]

A coluna Boaz começa com a Balança, para o iniciado ser capaz de avaliar sem opinião pré-concebida, exibidino serenidade emocional e racional.[364] Passa para Escorpião, signo revolucionário e transmutador. É nesta altura que o Iniciado se encontra em tumulto interior e se desliga de tudo que é material e precioso. O espírito separa-se da matéria para se elevar sobre a mesma, atingindo a pura intelectualidade.[365] É aqui que atinge o estado de Sagitário. À medida que o Sol declina, aproximamo-nos de Capricórnio, quando o Iniciado se recolhe e afunda nas sombras e profundezas do seu ser.[366] A sua renovação prepara-se com Aquário, permitindo traçar planos e cogitações constructivas.[367]

O cinzel é uma ferramenta de trabalho que, temperado em diamante, permite partir a pedra mais dura.[368] Isto claro remete para a possibilidade de destruir qualquer concepção prévia de puro conhecimento e intelectualidade, permitindo assim uma nova génese. Ademais, representa também o espírito e vontade inquebrável do Iniciado.[369] Por si só, o cinzel não teria importância não fosse acompanhado pelo malhete (martelo). Este permite moldar a pedra, a ideia e o conceito. Representa a autoridade, o heroísmo e a acção.[370] É também o símbolo do secretismo e obediência maçónica já que após este ser batido, nada é revelado fora da Loja.

A régua representa o infinito potencial da cognição humana e a união com o eterno. Como um linha infinita, a régua pauta o conhecimento e pensamento que a cada revelação se encontra mais

próximo do Absoluto.[371] Por sua vez, o compasso permite delimitar o progresso do Iniciado, consciencializando-o dos limites do seu conhecimento e potencial, impedindo que este se perca em discussões abtrusas e abstractas, mas que se foque no que é possível de ser alcançado.[372]

A Pedra dos Sábios foca o Iniciado no Mundo em que ele trabalha e que tem de moldar. A Pedra é uma realidade em carne e osso visto que se trata do Homem que aprendeu a viver de acordo com o caminho, ou o *Tao*, de forma humana, hominal e humanitária.[373] Constitui a construcção do Judeu Artificial; a bastardização do Homem para a construcção de um Judeu. O Pavimento Mosaico realça o contraste entre o que é essencial e o que deve ser seguido. Destaca as emoções positivas e negativas; as que devem ser controladas e as que devem ser rejeitadas. Se tudo fosse uniforme, o Iniciado passaria pela vida incapaz de perceber qual o verdadeiro trajecto do maçon; contudo, porque ele analisa as diferenças, é capaz de verificar qual o caminho a percorrer.

- **Maçonaria e a I República Portuguesa**

A I República Portuguesa foi uma demonstração de uma obra maçónica e judaica. O embaixador português em Roma – Marques de Vasconcellos – assumiu exactamente isso[374]. O historiador Oliveira Marques também afirma que "no que diz respeito à Primeira República, qualquer investigador que se ocupe das suas estruturas e eventos há-de encontrar, entre as bases mais relevantes e mais impenetráveis, nos campos político e social, a Maçonaria"[375].

O professor Jorge Graínha também afirma que a maçonaria desempenhou um papel vital na destruição da monarquia escrevendo:

"Todos os líderes importantes da revolução de 5 de Outubro de 1910 eram maçons"[376]

Antes, porém de se avaliar a influência maçónica na queda da monarquia, é preciso analisar, nem que seja sumariamente, a história da maçonaria em Portugal. Em tempos remotos, Lanz Von Liebenfels afirmou que a Ordem dos Cavaleiros de Avis era já uma reincarnação das ordens esotéricas arianas que ele classificava como portadoras de um conhecimento divino que havia sido, uma e outra vez, ensinado desde o tempo das Escrituras, interpretadas da sua forma, isto é, como uma luta entre os Arianos Israelitas e os falsos israelitas, isto é, os judeus.[377] No séc. XVIII a Judeo-Maçonaria foi instaurada em Portugal, com a primeira loja a ser criada em 1730.[378] Em 1733 existiam já duas lojas maçónicas.[379] A primeira perseguição ocorreu em 1743, no reinado de D.João V que promulgou sem consentimento de corte a execução de maçons.[380] Os primeiros

tempos áureos da Maçonaria chegaram durante o reinado de D.José I, com Sebastião Carvalho e Melo a se tornar ministro plenipotenciário na corte de Viena e, mais tarde, Marquês de Pombal, que fora inciado numa Loja em 1744.[381]

A actividade maçónica de liberdade e fraternidade encontrou nos judeus um sentimento de pertença e, simultaneamente, perversão. Poucos serão os maçons que verdadeiramente conhecem a agenda judaica, mas a verdade é que os judeus – como de resto em tudo o que fazem – participaram na maçonaria para a corromper e aproveitar a ligação entre as lojas de modo a estabelecerem a sua supremacia mundial.

Quando D.Maria I chegou ao trono em 1777, voltou a denunciar a maçonaria e convocou os Jesuítas – expulsos por Marquês de Pombal em 1769.[382]

Aliado a D.Maria I, Pina Manique também denunciou os maçons como ralé que eram, baseando-se na experiência que os franceses haviam tido durante a Revolução de 1789 – com forte cunho judeo-maçónico.[383] Aliás, não seria de estranhar que Pina Manique estivesse ciente das obras de Augustin Barruel.

Um exemplo da influência Maçónica de Pombal pode ser vista na própria arquitectura do Terreiro do Paço que não é nada mais que a reconstrução do Templo Maçónico.[383] O Cais das Colunas representam as duas colunas místicas da maçonaria: Jakin e Boaz[384]. O português comum passa por estes locais totalmente ignorante do seu significado, crendo que se trata apenas de uma praça pública.

A Maçonaria esteve também presente na Independência do Brasil com Isão Sotto-Mayor (provavelmente um cristão-novo que era Grão-Mestre) a permitir a liberdade de acção dos Maçons.[385] Através do enorme trabalho de Werner Sombart e de Mario Saa, sabe-se que os Sotto-Mayor eram os judeus líderes do Banco Colonial do Brasil.[386,387] A revolução liberal com a capitulação de D.Miguel I possuiu também contornos maçónicos já que este expressou vários sentimentos anti-maçónicos, enquanto que o seu irmão era grão-mestre numa loja[388]. É preciso realçar, contudo, que grandes homens pertenceram à maçonaria sem que percebessem que eram apenas peões de um enredo muito superior a qualquer conspiração. Este é precisamente o Mito Maçónico que será abordado no capítulo adequado.

A I República possuiu um mote maçónico: é o mote de revolta contra a civilização e contra a liberdade dos povos; é o mote que anseia pela subjugação de todas as nações. Segundo António Ventura – maçom – metade dos ministros e deputados foram maçons, bem como três dos sete presidentes da república e 19 dos 31 chefes de governo, incluindo o último António Maria da Silva.

Ainda antes de ter sido proclamada, a Carbonária seguiu os passos maçónicos no seu combate contra a monarquia. Reconhecidamente, foram membros da mesma que orquestraram o regícido de D.Carlos I para facilitar os seus planos de conquista nacional.[389] Relativamente a esta, pode-se afirmar que "a Carbonária deu um salto mobilizador que lhe permitiu atingir cerca de dez mil membros, com oito mil em Lisboa e cerca de dois mil na margem Sul, ao mesmo tempo que admitia a integração de anarquistas e promovia a constituição de uma "artilharia civil" com várias oficinas dedicadas ao fabrico de bombas. Em 1909, a organização era apoiada pelo próprio Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano Unido"[390]

Além da preponderância maçónica, observamos também o conluio com a Internacional Judaica, nomeadamente na existência de conversações com a Alliánce Universelle Israélite para a criação de Israel em Moçambique em 1912, tendo já sido disputado o território angolano em 1905.[391] Ademais, os judeus da Salónica passavam a poder reinvindicar nacionalidade portuguesa desde que apresentassem dados que corroborassem ascendência portuguesa.[392] Na máscara da Liberdade, Fraternidade e Igualdade, as forças maçónicas instauram a ditadura do judeu com Afonso Costa a vociferar contra a Igreja Católica, proclamando a lei de separação de poderes em 1911, retirando propriedades, riquezas e roubando tesouros à Igreja[393]

Apífrio Magra escreve:

"quanto mais se apregoava a liberdade, mais se tiranizava a consciência dos crentes; quanto mais se bradava a tolerância, mais ferozmente o sectarismo imperava; quanto mais se impunha o respeito pelas convicções alheias, mais se exercia sobre as ideias de cada um uma pressão que chegou a ser afronta, que chegou a ser vilipêndio (…)"[394]

O único momento durante o qual a Maçonaria Portuguesa se uniu, revelando o seu carácter judaico, foi durante a I Guerra Mundial na qual utilizou uma propaganda imunda para retratar o Kaiser Wilhelm II como uma besta sanguinária apenas para satisfazer a solidariedade maçónica que estava decidida a eliminar o Kaiser do panorama político. É necessário mencionar que o Kaiser era

maçon, mas não dedicado e via-os e aos judeus como inimigos do Estado Alemão. Aliás, como ardente leitor de Chamberlain e com Ludendorff e Von Hindenburg como generais predilectos, dificilmente o Kaiser seria um adepto dos planos maçónicos. Apesar disso, Theodor Fritsch menciona como o Kaiser sempre favoreceu os judeus, permitiu a sua emancipação e participação política, abdicando da sua soberania para a entregar a Judá[395]. Em 1922, haveria de lamentar as suas ligações aos judeus ao dizer:

"Um Judeu não pode ser um verdadeiro patriota. Ele é algo diferente, como um mau insecto. Ele deve ser posto de parte, fora do sítio mesmo que isso invoque *pogroms*, se necessário. Os Judeus são responsáveis pelo Bolchevismo na Rússia, e na Alemanha também. Eu fui demasiado indulgente com eles durante o meu reinado e lamento amargamente os favores que prestei aos banqueiros judeus"[396]

O fim da I República teve também acção maçónica. O triunvirato inicial: composto por Mendes Cabeçadas, Gomes da Costa e Óscar Carmona era maçónico. A I República foi governada por um caos político, social, económico e financeiro, o que levou Salazar a classificar a mesma com a palavra "desordem" em todos os planos.[397] A crise dos Tabacos – nas mãos dos Judeus Burnay; a Guerra, a desvalorização da moeda e a dificuldade em acompanhar as potências europeias transformaram a República num antro de corrupção e de imoralidade.

O ilustre Lothrop Stoddard escreve sobre a I República Portuguesa:

"A História do Portugal Moderno não tem sido feliz. Turbulência e corrupção têm sido as características da vida política. Tentativas para estabelecer democracia parlamentar foram um fracasso.(...) A República Portuguesa tem sido uma longa história de desordens, crises governamentais e não há sinais de melhoria à vista"[398]

• Estado Novo e a Maçonaria

Pareceria uma insinuação quasi-mitológica que Salazar fosse maçon e judeu, mas é preciso avaliar se tais afirmações têm qualquer fundamento ou se são somente obra de cérebros doentes que se ocupam em alimentar mentiras para denegrir homens de capacidade, como de resto tem sido regularmente feito.

▪ Possível origem Judaica e Maçónica de Salazar

Não existe nenhum registo que consiga provar se Salazar possuía antepassados judaicos ou não. Apenas um registo de um conde do Porto que menciona que Salazar teria ascendência judaica por causa dos seus nomes Oliveira e Salazar.

Quanto à participação maçónica, é também impossível saber se Salazar era maçon ou não. É sabido que a última vez que se confessou fora em 1914 e que estava severamente descontente com o actual rumo da Igreja. Ainda assim, isto não são provas de afiliação maçónica. Existe apenas um possível registo de Salazar numa Loja de Coimbra com o número 336[339]. Se tal é verdade ou não, é algo que nunca se saberá.

A actividade de Salazar durante os seus anos de estudante e futuro político não convergem na teoria de que este seria uma maçon, embora contrariamente ao mito popular, a Maçonaria em Portugal não tenha sido perseguida nem extinguida; foi apenas ilegalizada, isto é, as lojas foram fechadas e não se pôde praticar este culto como outrora. Esta solução parece uma típica de Salazar: a solução de anulação, mas não de erradicação. Salazar havia banido os partidos, colocando vários nacionais-sindicalistas e integralistas na União Nacional. Quando declarou o primeiro como ilegal, convidou os seus membros a se juntarem ao seu partido, com muitos deles a desempenhar um papel importante, nomeadamente Alberto Monsaraz e Manuel Múrias Junior. Aconteceu o mesmo com alguns integralistas monárquicos, como Hipólito Raposo, Pequito Rebelo e Santos Costa. Conhecendo, como nenhum outro homem em Portugal, a natureza dos homens, sabia que muitos deles, com algum destaque político, facilmente abandonariam as suas crenças “radicais”.

É impossível saber se Salazar pertenceria à ordem ou não, e certo é que os valores que defendia e pelos quais ansiava encontravam-se em total contraste com os princípios maçónicos.



A sua doutrina e política não possuía pontos em comum com a maçónica. De um lado o cosmopolitismo e o “progresso”; do outro, um apelo à ruralidade e à tradição. De um lado, a orgia internacional e anti-nacionalista, do outro um isolacionismo tranquilo e um nacionalismo moderado. De um lado, a destruição da moral e dos valores fundamentais, do outro um ressurgimento de valores tradicionais e familiares. Como Ahura Mazda em relação a Ahriman, em nenhum ponto concordavam. As cosmovisões eram puramente incompatíveis e antagónicas. Dizer que Salazar era maçon, porque poderá ter sido integrado numa loja – a pedido de Byssaia Barreto (possivelmente, por causa do nome, um cristão-novo) não tem fundamento. Internacionalismo contra Orgulhosamente Sós, só isto remete para um confronto eterno entre as duas realidades. Aliás, a filosofia da frase “Orgulhosamente Sós” é algo que até hoje nenhum “politiqueiro” foi capaz de decifrar. Na verdade, e na opinião do autor, Salazar quereria dizer “Orgulhosamente Só” uma vez que, no regime já putrefacto, parecia que ele era o único que ainda lutava pelos seus ideais e, reconhecendo, que não conseguia acompanhar com os tempos degenerados, soube que melhor lhe era estar só – mantendo a pureza da sua vontade e virtude – do que se contaminar com os demais.



Orgulhosamente Só nas suas convicções, na sua capacidade formativa, no seu esforço intenso pela Pátria. Orgulhosamente Só pois encontrava-se rodeado de traidores e cobardes que não tinham Portugal no coração e que não sentiam o apelo da mítica lusitana. Orgulhosamente Só pois que via os valores que defendia a serem corrompidos, o Império a ruir e ninguém a prontificar-se a salvá-lo; os seus ministros a promover os movimentos estudantis marxistas – que bastardizaram os jovens.

Terríveis decisões foram tomadas por Salazar nos finais da década de 50 e ao longo da década de 60, com a inclusão de negros e todo o tipo de raças no estoque português a fim de salvar o Império. Ademais, Salazar favoreceu os judeus Espírito Santo, Mello e Ulrich que faziam parte da Associação Industrial Portuguesa e cujo poder era quasi-supremo, embora estes nunca quisessem saber de Portugal e ainda menos de Salazar. Após o fim da guerra, quando a democracia gritava, Salazar manteve-se firme em impedir o triunfo da mesma, que de resto condenou Portugal a uma pequenez que envergonharia qualquer fundador desta nobre Nação. Ainda mais envergonhados ficariam ao ver um povo, outrora enorme e hoje pequeno, a se sujeitar à raça judaica. Salazar morreu traído por um povo que desvalorizou a sua obra e por uma classe burguesa que julgara ter manobrado o Presidente do Conselho com sucesso. Haviam maçons e judeus na União Nacional, como Costa Pimenta insinua e o próprio Salazar nunca escondeu as suas amizades eleitas. No livro *Salazar, O Maçon* menciona como todos os presidentes da república e da assembleia nacional, dos tribunais supremos, da RTP, etc haviam sido maçons[400]. Costa Pimenta, contudo, indica que o livro não deve ser lido como uma verdade imutável, mas que se deve colocar de parte dogmas para poder investigar a mesma. Para Costa Pimenta, o Estado Novo foi o auge do Estado Maçónico.

Para o mesmo, D. Afonso Henriques fora um maçon templário. É importante notar que, tendo influência ou não, os maçons não perdem uma oportunidade por reclamar a sua importância em figuras nacionais, como aconteceu com Goethe e Schiller. Se Salazar era maçon, não seria um muito útil à ordem. Os valores pelos quais lutou encontravam-se distantes dos princípios maçónicos. Seria mais provável que Salazar tivesse um interesse no oculto e na ordem do que ser um admirador dos seus princípios. Ou isso, ou então foi um actor espectacular. Goethe, Schiller, Mozart, Fichte, Herder, etc pertenceram todos à Maçonaria e ninguém dirá que representam um fermento de decomposição judaica. Aliás, todos eles rejeitaram os princípios assim que perceberam o verdadeiro intuito da Maçonaria. Existem e existiram maçons totalmente ludibriados pelos supostos princípios da ordem, nunca tendo entendido verdadeiramente qual o seu propósito. Os que entendem, como Schiller e Mozart, raramente escapam com vida.

Salazar tentou manobrar a Judeo-Maçonaria e foi derrotado. No fim da sua vida, ao ver "portugueses" como Amílcar Cabral a liderar movimentos independentistas, apenas a palavra "ingratidão" lhe soava à mente.[401] Esse foi o prémio que Salazar recebeu por incluir povos extra-europeus na Nação. Não sabia ele que a MUNAF e demais grupelhos eram fomentados pela China, CIA e URSS – sedes de poder judaico? Apenas podemos pensar o que teria a dizer da III República e a sua subserviência a poderes monetários pois "desgraçado do povo que depende de outrem para sobreviver". Não deixa de ser impressionante que o povo português – acostumado a uma mediocricidade terrível e com uma tendência para uma esterilidade intelectual – continua a gritar a peito cheio "25 de Abril SEMPRE! Fascismo NUNCA mais!". Não se aperceberam, ainda, que não há nada a louvar no 25 de Abril? É ainda mais curioso que os mesmos que cuspem estas palavras não sabem sobre o que se tratou nem o 25 de Abril, nem sabem definir o fascismo. Ainda pior, não sabem o rumo de Salazar, não sabem o que fez nem porquê. Embora o autor não reconheça que Salazar fosse o homem ideal para Presidente do Conselho, mas sim o que teve a coragem e vontade de enfrentar os problemas, não se poderá deixar de mencionar que a sua obra manter-se-à viva nos anais da Lusitânia e o homem como uma das mais nobres manifestações da alma lusitana. A difamação e calúnias de que é alvo não são merecidas e são fruto apenas de homens de baixo intelecto e mínima capacidade que, sendo pequenas marionetes de um sistema putrefacto e viciado, não suportam alguém mais capaz e apto como de resto eles deveriam ser também. Compare-se Mussolini, Salazar e o Avatar Hitler aos politiqueiros de hoje, e será como comparar ratos a leões. Tinha os seus defeitos, como de resto todos os homens; não foi capaz de

enfrentar a Judiaria como gostaria ou como deveria, mas também ninguém em Portugal foi capaz de o fazer. Esforçou-se em nome do sonho de Portugal e, afastando-se da carreira académica, envolveu-se na política nacional e internacional para tentar mostrar aos portugueses que Portugal não era somente uma pequena faixa do Atlântico, apertado numa península com a Espanha, mas que era sim uma das mais antigas nações com um valor que Camões exigiu que se alevantasse.

- **A ilegalização da maçonaria**

A 19 de Janeiro de 1935 é apresentado, por José Cabral – monárquico e ex-nacional-sindicalista – um projecto-lei para a ilegaliação da maçonaria/sociedades secretas em Portugal.[402]

Na apresentação deste projecto-lei, José Cabral proferiu o seguinte discurso:

"Eu sei de Estados que a não toleram. Estados de características idênticas ao nosso: Estados fortes, autoritários, norteados apenas pela noção firme do bem comum e, assim, sei que a Maçonaria foi exterminada pelo Estado fascista que a declarou incompatível com a sua própria existência. Nós temos uma doutrina e somos uma força, disse Salazar"[403]

Este projecto-lei foi a primeira bomba que o Estado Novo teve que enfrentar. Afinal de contas, a História de Portugal nos últimos 200 anos era inseparável da infiltração maçónica em todos os níveis da sociedade, desde Marquês de Pombal até D.Pedro IV, desde Afonso Costa e Teófilo de Braga a Óscar Carmona e Mendes Cabeçadas.

A reacção surgiu pelo general Norton de Matos que escreveu uma carta ao então Presidente da Assembleia Nacional – José Alberto dos Reis, maçon – a protestar o projecto-lei. Norton de Matos acabaria por mais tarde concorrer contra Óscar Carmona nas eleições de 1942 e 1949. Fernando Pessoa não pôde deixar de escrever um artigo a criticar esta decisão já que era a maior prova de hipocrisia que um Estado, que se tivesse como a restauração do espírito e da moral, ilegalizasse a maçonaria tendo deputados que fossem maçons, revelando a origem de José Alberto dos Reis.[404] O projecto viria a ser aprovado em Abril desse ano.

Durante o período de 1933-1939, o Estado Novo aproximou-se, inegavelmente, do fascismo italiano e algumas células da Legião e organizações civis ou estudantis aproximaram-se do modelo nacional-socialista. A medida da ilegalização da maçonaria foi bem recebida pelo público em geral, e ainda mais por estas células. Afinal de contas, os nacionais-socialistas, particularmente

Rosenberg, haviam escrito várias obras e artigos nas quais expunham a verdadeira essência da maçonaria. Também em 1935 esta foi banida, enquanto que na Itália fora em 1925.

Este comportamento anti-maçónico e até anti-judaico em Portugal foi renasicdo pela Acção Escolar de Vanguarda que viria a ser extinguida pouco depois de Salazar ter consolidado o poder. Até lá, serviu como um excelente mecanismo de propaganda. Num panfleto, pode-se ler algo que seria hoje, infelizmente, impossível de ler em qualquer artigo da imprensa portuguesa ou mundial:

"Lembra-te, amigo, que minando os fundamentos da Nossa Terra, cavando os alicerces da Nossa Pátria, cimentados por um labor tantas vezes secular, as toupeiras das alfurjas, os morcegos das lojas maçónicas, os judeus sem berço, sem pai, sem mãe, sem passado nem futuro, errantes como cães vadios, cegos da luz, gloriosa do dia, da luz bendita de Deus, se escondem nas cavernas sombrias onde tudo é negro, coaxando as senhas grotescas dos iniciados, miando os seus palavrões vazios, destilando a peçonha corrosiva dos seus venenos"[405]

Mesmo que pudesse haver qualquer sentimento maçónico entre membros da União Nacional, a verdade é que Salazar tentou – na plenitude das suas forças – combater uma ordem mundial que conduziria Portugal a um estado de servilismo de bandeja e subserviência política. Não fez mais porque não tinha poderes em Portugal – nomeadamente homens de capacidade – que estivessem dispostos a salvar Portugal. Além disso, a sua acção seria sempre condicionada pela elite judaica que habitava em Portugal. Se Salazar rompesse com esta elite, decerto teria a sua cabeça a prémio. Que não hajam dúvidas que o interesse por Salazar era nulo. Apenas pretenderam alimentar-se do seu poder esperando que a morte o levasse, para depois se alistarem a uma nova ordem. Estes abutres que ainda hoje sugam Portugal não compreendem o Mito Lusitano; para eles, só o capital, a fama e o poder oculto lhes interessa. O solo lusitano regado, século após século, com o nosso sangue, assim vinculando-o perpetuamente com a raça, apenas lhes é um meio para atingir um fim: exploração total dos recursos com sucessivo ganho monetário. Os trabalhadores portugueses são apenas peças no tabuleiro capitalista. A família portuguesa é-lhes um insulto. Esta clique que por detrás dos bastidores, nas lojas maçónicas conspira contra Portugal e contra os portugueses; que não quer que a Lusitânica renasça, que pretende que Portugal seja apenas mais um fantoche do Império do Sião não descansará até este país e o seu nobre povo ficar de joelhos a implorar pela misericórdia dos seus Lordes Absolutos. Essa misericórdia não virá, pelo que será mais nobre e mais justo perecer em batalha do que aguardar pelo julgamento final que traduzir-se-à somente no

seguinte: destruição de Portugal e consequente bastardização racial a fim de se transformar um nobre povo num aglomerado de gente sem qualquer avanço espiritual ou filosófico. Os portugueses, esmagados pela glória do passado e envergonhados pela pequenez do presente, não podem "duvidar da sua realidade enquanto Nação", devendo ter o seguinte credo presente na sua memória:

"Porque sou Português e tenho orgulho de o ser, combato o Judeu! Pela Raça, Povo e Nação, defendo Portugal!"

- **As ligações maçónicas de Salazar**

Não seria certo insinuar que, por Carmona ser maçon e Presidente da República, Salazar teria uma amizade peculiar consigo. Pelo contrário, os dois homens eram incompatíveis e pelo menos por duas vezes Salazar ameaçou sair do cargo de Presidente do Conselho, a primeira em 1934, a segunda em 1949.[406]

Salazar e Carmona não tinham, na verdade, nada em comum. O primeiro era um intelectual, dotado de uma consciência e capacidade incomum em Portugal (de resto habituado a uma terrível mediocricidade), um homem solitário, isolado nos seus pensamentos e jornais, já que os livros os "trazia na cabeça"[407]. O segundo era um homem de conhecimento e inteligência banalíssimos, com gosto pelos convívios militares e civis. Agindo na inactividade e movendo-se ainda que imóvel, Salazar poderia ter sido aquela figura estranha, impenetrável e apagada do povo português. A propaganda entre 1933 e 1938 explorou tudo da vida do estadista: a sua família, o seu percurso de estudante, a recuperação "milagrosa" económica (não existem registos fiéis, mas existem rumores de que Hitler terá pedido conselhos financeiros a Salazar. Da forma como a Alemanha estruturou a sua economia, é pouco provável embora o Fuhrer lhe tenha enviado uma carta a desejar as melhoras após o atentado falhado de 1937 – realizado por anarquistas)[408] Nesta pode-se ler:

"Exprimo a V.Exa., as minhas mais cordiais felicitações pelo seu feliz salvamento quando do abominável atentado que lhe era dirigido"

Carmona e Salazar eram raramente vistos juntos, exceptuando em celebrações do 28 de Maio ou outro feriado nacional. A escolha de Salazar foi, sobretudo, estratégica e inteligente. Era necessário ter o apoio da Igreja e do Exército para manter o regime; a Igreja louvou-o (até o problemático Padre Abel Varzim elogiou Salazar várias vezes), o seu melhor amigo foi Cardeal-Patriarca de

Lisboa entre 1929 e 1972, facilitando a concordata de 1940 bem como a reconciliação com a religião, denunciando os inimigos do regime como Humberto Delgado e o Bispo do Porto António Ferreira Gomes apaziguando, também, a ala corporativista da Liga Operária Católica e demais movimentos irmãos. Por sua vez, Carmona representava a aliança do Exército com a nova ordem. Em 1936, Henrique Galvão e Humberto Delgado – ambos maçons – chegaram a elogiar Salazar pela ordem militar, civil e política. Galvão, particularmente, foi um ardente admirador da ordem salazarista.

- **Juventudes Nacionalistas e a Maçonaria**

Na década de 1950, 1960 e 1970, surgiu um renascer do espírito nacionalista em Portugal, fruto da decadência do regime e do colapso do Ocidente. Deve-se já desmistificar as concepções de que não existiam membros do partido que eram anti-Salazar; haviam e cada vez eram mais. As faculdades estavam já infiltradas com movimentos revolucionários de vertente marxista; haviam mais organizações estudantis marxistas do que nacionalistas. Face a um Império a colapsar, a uma Europa a mergulhar num fanático capitalismo, desprovida de valores e carácter, surgiram estes grupos com o intuito de impedir o fim de Portugal enquanto nação. Infelizmente, não foram bem-sucedidos.

Seria verdadeiramente necessário investigar estes grupos a fundo, mas para o artigo não ser demasiado extenso opta-se apenas por mencionar a sua luta contra a maçonaria judaica.

Em 1961, aquando do início da guerra colonial – provocada pelas potências comunistas e capitalistas do oriente e ocidente, respectivamente – a *Tempo Presente* descreve a Península Ibérica como o último baluarte contra a maçonaria, contra o demo-bolchevismo internacional. Denuncia as forças da ONU que armaram os rebeldes para trair Salazar e Portugal, tudo fruto daquela massa amorfa e pacifista da burguesia.[409]

O jornal *Agora* publica um artigo no qual se pode ler:

"O Talmudismo (...) está na raiz de toda a problemática moderna. De toda, desde que se pesquisem as causas do internacionalismo revolucionário, da "democracia" anestesiante, da conjuração anticristã, do marxismo, contra a missão colonizadora das nações católicas (...) Sobra de judeus e de cripto-judeus de sobrenome português, insinuaram-se (sem nunca se ajustarem), na nossa vida nacional. Eles abastardaram a Raça. Eles pregam o entreguismo do ultramar. Eles fazem coro com

a ONU, eles conspiram contra o governo, mesmo que a situação os deixe engordar"[410] (uma clara referência aos situacionistas)

De facto, a juventude de hoje está tão bastardizada que seria impossível encontrar um artigo destes em qualquer jornal independente. Todos estes grupos se sentiam, de uma forma ou de outra, filhos de Salazar sendo que António José de Brito ficou conhecido por dizer: "Depois de Salazar, ninguém!"[411], evidenciando que ou o regime evoluíria ou não haveria ninguém para o substituir. Aliás, o avanço de Marcello Caetano nas fileiras do poder constituiu um motivo de desagrado, especialmente porque Caetano era o protótipo do político degenerado: ontem integalista, hoje democrata liberal. De todos os movimentos, a ANSA – Associação Nacional-Socialista Académica – foi o que deveria ter sido colocado ao serviço do regime para restaurar um sistema que, com falhas desde a sua nascença, se encontrava num terrível estado de decomposição. A associação surgiu já depois de Salazar ter morrido e Caetano ser o Presidente do Conselho tendo sido permitida a sua existência como forma de combater a crescente "comunização" das faculdades.[412]

Numa publicação, a ANSA denuncia as ligações do Movimento Estudantil – um movimento marxista que imperava nas faculdades:

"O Movimento Estudantil será português, mas disfarça-o muito bem; dólares U.S, ideias chinesas, vodka russa, livros cubanos, dirigentes judeus, é apoiada pelas rádios de Praga, Moscovo, Argel, etc...O que é um traidor? O dever do estudante é estudar e ir a exame. Quem não cumpre com o seu dever é traidor. Quem não fez exame em Junho é traidor. Perante a academia, os colegas, a família. Os chefes do M.E são traidores; os chefes do M.E. são judeus. O JUDEU É TRAIDOR"[413]

Num outro artigo que poderia ser uma tradução do báltico ou de um Walther-Darré, pode-se ler:

"Um filho de um camponês pode ser dotado de muito mais talento que um filho de gente importante.(...) Cada estudante aceite (na Universidade) deverá prestar publicamente o seu compromisso de pôr a Pátria e o Povo Português acima de tudo, e repudiar a ideologia comunista e o capitalismo internacional. A ARISTOCRACIA PORTUGUESA É O POVO PORTUGUÊS"[414]

Isto representa o mais belo apelo à vontade unificadora da raça. De que a classe social – mera invenção burguesa para criar uma falsa ordem e, nessa falsa ordem, superar membros mais capazes – é nefasta e fraudulenta. Apenas o sangue importa; apenas o sangue define a nobreza de carácter

e virtude. Apenas a classe racial define o Homem. A primeira cria uma falsa autoridade e assenta os seus princípios hierárquicos no poder do capital, enquanto que a última está plenamente de acordo com a lei racial definida *a priori*. Não será difícil, por isso, saber qual se encontra próxima da essência.

As críticas ao governo mantém-se ao atacarem os "cripto-comunistas" do *Expresso* que se haviam infiltrado no Governo, já decadente: Pinto Balsemão, Sá Carneiro e Miller Guerra.[415] Pinto Balsemão inclusive é um membro do Clube Bilderberg.

A ANSA demarca-se dos demais movimentos de direita "burguesa" que considera serem inaptos para revolucionar Portugal. Noutro brilhante artigo, pode-se ler:

"Eles não sabem o que querem, não se entendem entre si, não têm originalidade e são comandados por incompetentes, não quiseram actuar. Por isso mesmo é que os governos e os burgueses os toleram: sabem que dali não sairá nada de jeito. Estes falsos movimentos de direitas estão secretamente comprometidos com a Maçonaria de Coimbra, o que não admira, pois praticamente todos os tecnocratas do governo são maçons, apesar de haver uma lei proibindo cargos públicos a inimigos do Povo. Por ordem da Maçonaria, fomentam um neo-sebastianismo, levando os estudantes a esperar um salvador fardado ou coroado que dê cabo da primavera; e os estudantes assim iludidos, não reagem ao perigo imediato"[416]

Uma das tristes realidades do Estado Novo assenta na lamentável verdade que, após a 2ª Guerra Mundial, quando Salazar tinha já 56 anos, o regime viveu da classe burguesa putrefacta; dos situacionistas que não tinham qualquer intenção que o povo fosse um consigo mesmo, preferindo a lenta, mas mortal, decomposição. A ANSA surgiu do anseio lusitano de conduzir uma nova revolução; de revolucionar a Península adormecida, de acordar o Espírito da Raça. Eles, os mais nobres filhos de Portugal, apelavam ao seu Pai para que este os ouvisse. Marques Bessa, enquanto Salazar ainda era vivo, escreve:

"A juventude fala. O mágico não pode ouvir. Não o deixam. Os abutres apressam-se a esmagar o perigo"[417] A comunização do regime, as associações estudantis maoístas e marxistas que apareciam em todas as fendas da sociedade foram propositadamente alimentadas com o único intuito de provocar a derrocada de Portugal. Fomentadas pela URSS e pelos EUA, apunhalaram Portugal e a sua glória. Do Judeu não se espera nada senão mentira e traição; quando o sangue trai

sangue a dor é profundamente brutal. Ainda hoje, observamos os traidores sentados na Sinagoga a lambuzarem-se com o poder que lhes foi conferido pela Internacional enquanto que o povo, imbecil e estupidificado, bate palmas ao ser empurrado pelo abismo.

A juventude de Abril – sem dúvida a mais bastarda, com excepção da presente – falhou para com Salazar e para com Portugal. Manipulados pelas forças Judeo-Maçónicas, revoltaram-se contra o seu pai e contra a sua mãe; ofereceram o Império em Holocausto apenas para seguir o devaneio “Liberdade”. Foi o Apocalipse da Eterna Lusitânia; hoje é um sussurro tão frágil que algo mais que isso e desaparece; é um papel tão fino que qualquer tinta o rasga; uma tela pequena que tão rapidamente fica preenchida e se mantém vazia. A ANSA constituiu um despertar do Mito Lusitano; o desencadear do Potencial da Raça para contra-atacar as correntes subversivas do Capitalismo e Comunismo que sugam toda a força constructiva e vontade formativa. Este apelo intrínseco é indelével e inabalável; apenas era necessário que o governo putrefacto e decadente abrisse a porta à chama. Como uma revolta inextinguível, teríamos hoje um Portugal Eterno em vez do espectáculo miserável a que chamamos de III República Portuguesa, que de Portuguesa pouco ou nada terá. Vivemos, sem dúvida até agora, os piores tempos do século e esperar-se-à um resultado dos seguintes: ou uma geração, nascida e criada no anseio de um novo Portugal e de uma nova concepção de vida se organiza, ou estaremos destinados à escravidão. Este é o apelo que todos os portugueses sentem; alguns já o compreendem e abraçam a dimensão da sua força; outros, irrequietos começam a responder à revolução interna. Quando todos forem um com a realidade e com a consciência; com a essência e os sentidos, poderemos dizer: “Portugal ressuscitou. Que a vontade do sangue seja cumprida!”. Caso isto não aconteça, e os portugueses permitam que forças supra-nacionais governem a sua política e orientem a sua moral; que a raça se bastardize e os valores raciais sejam perdidos, então merecerão a erradicação que lhes espera, e já hoje é visível. O desastre migratório que hoje observamos, que se espalha por toda a Europa é obra propositada para a destruição de povos e raças nobres, criando somente um aglomerado de gente sem qualquer união ou sentimento de pertença; sem anseios nem aspirações; desvinculada da consciência primordial, transformando-se, assim num gado servil de Judá. De que adianta haver 10, 20 ou até 30 milhões de “portugueses” se estes não têm qualquer ligação com o solo ou com o sangue que o defendeu? Seria melhor ter 10 portugueses, cientes da sua missão racial, do que 10 milhões de degenerados que, como animal servil, aplaudem as mesmas forças que pretendem a sua destruição. De facto, duvido que haja melhor gado do que o Homem. Só o facto de haver um indiano a

"governar" Portugal (o execrável António Costa é somente um imbecil útil) e um judeu como Presidente da República, deveria deixar o sangue de qualquer português a ferver. Mas este povo que está totalmente domado e aceita qualquer diluição racial e até parece ser o primeiro a ansiar pela mesma.

Observa-se, contudo e ainda bem, numa minoria jovem, um desejo de regressar ao estilo de vida saudável, fora do cosmopolitismo judeo-maçónico, longe da corrupção e leviandade moral das cidades. Um regresso ao Ser Ancestral; um retorno à energia da qual todos originam. Eles são os místicos da raça; desconectam-se da realidade artificial que nos foi forçada pelos demónios de Judá para serem um consigo mesmos, como Meister Eckehart desejava. Constituem os mais nobres filhos da raça, aqueles que sendo um com o espírito racial desencadearão a revolução racial sobre a qual o Meister Rosenberg escreveu. Eles sentem a geomancia da Lusitânia e sabem que somente nesta é que o seu avanço mítico pode ser realizado, pois podem certamente existir pátrias maiores e mais ricas, mas esta é a nossa e "nenhum bom filho deseja ser filho de outra mãe"[418]. Pode-se dizer que estamos orgulhosamente sós, mas não sozinhos.

- ## O Mito Maçónico

A Maçonaria, para camuflar, as suas intenções de derrube de liberdade e política nacional, é a primeira a insistir que os melhores homens de cada nação e povo pertenceram à sua ordem e, por isso, esta desempenha um papel fundamental na criação da cultura e identidade patriótica. Em primeiro lugar, é preciso mencionar que muitos maçons desconhecem por completo as verdadeiras intenções da ordem e juntam-se quando ansearam por um pequeno grupo de elites intelectuais que pretendessem revitalizar a decadência pós-revolução francesa. No contexto germânico, Goethe, Schiller, Mozart, Beethoven, Fichte e Herder foram todos membros de alguma ordem maçónica, tendo Goethe sido até Grão-Mestre.[419] Após estas declarações ocorre o seguinte: nacionalistas e patriotas apercebendo-se que os seus ídolos pertencem à classe do inimigo, renegam-nos e difamam as suas obras. Fazem isto porque nunca perceberam verdadeiramente como é que estas formas raciais foram capazes de penetrar na ordem maçónica. Fichte e Herder raramente atenderam qualquer reunião e desprezavam o secretismo da sociedade; Goethe enviou uma carta ao Ministro do Estado do príncipe Carlos Augusto expressando o seu desejo de extinção da ordem maçónica que, ele mesmo, considerava um Estado dentro de um Estado.Nessa carte pode-se ler:

“A Maçonaria cria um Estado dentro do Estado. Onde quer que se estabeleça, o governo deve tentar neutralizá-la e torná-la ineficaz. Introduzi-la onde ela não existia nunca é aconselhável”[420]

Fichte mencionou o mesmo relativamente aos judeus. Ele diz:

“Um Estado que alcança quase todas as nações da Europa, hostil e em constante luta contra todas, e que em algumas, oprime os cidadãos: é a Judiaria. É tão horrível porque este Estado é construído sob o ódio de toda a raça humana (...) Não vos lembrais que é um Estado dentro de um Estado?”[421]

Isaac Newton também pertenceu a ordens maçónicas tendo, através delas, atingido o cargo de líder da Sociedade Real de Artes e Ciências[422]. Newton foi um estudante do oculto e poucos talvez saibam que qualquer avanço científico que tenha feito foi apenas com o intuito de melhor atingir um estado superior de consciência, a partir do qual, o Homem alcança a sua natureza divina. Píndaro havia dito:

“A raça dos Deuses e dos Homens é só uma”

Homens como Newton – interessados no oculto – nunca compreenderam a verdadeira essência da maçonaria: acabar com as diferenças dos homens e construir uma república universal[424].

Mozart e Schiller também pertenceram a Lojas Maçónicas mas ambos terão sido mortos quando se preparavam para revelar os segredos da ordem.[425] É a maior hipocrisia da Maçonaria que, sustentando-se na sua Santíssima Trindade: “Liberdade, Fraternidade, Igualdade”, não permita a entrada do civil comum na sua ordem e estabeleça um regime tirânico, subversivo e opulento na sua organização. Assumidamente, é um Estado dentro do Estado. Possui as suas leis, os seus costumes, os seus rituais e a sua autoridade. É, também, puramente anti-nacional. Exemplo disso, são as lojas maçónicas nas quais Heinrich Heine e Ludwig Borne desprezavam a cultura germânica.[426] Ambos judeus, tinham o povo alemão em muito pouca estima, com Heine o classificar como “porcos”[427] e Goethe como um “entrave à liberdade de pensamento”[428].

Com algumas personagens notáveis a pertencer à Maçonaria, esta é a primeira a insinuar que a sua importância é nacional criando assim o Mito Maçónico de que a Ordem, por alguma razão, representa progresso e não decadência.

- ## Maçonaria na História Moderna
  - ### China e as forças Judeo-Maçónicas

Antes da China ter sido capturada pelo comunismo, os judeus já haviam desempenhado um papel ao longo da sua História. Os judeus de Kaifeng viriam a constituir a família dos Zhao que desempenharam um papel vital na dinastia de Song, na qual um novo tipo de Confucianismo foi desenvolvido e, na verdade, pervertido[429] (imagine-se um judeu a tentar perceber o mestre Kong). Foi também no século XIX-XX que os judeus começaram a instaurar princípios maçónicos na China.

"Os judeus não tiveram dificuldade em subir nos graus da maçonaria e muitos serviram como mestres das suas lojas. A Grande Loja do Norte da China, formada em Xangai em 9 de Novembro de 1877, tinha vários membros judeus mestres"[430]

A maçonaria desempenhou também um papel na revolução de 1911 – com a queda da dinastia de Qing. Um dos seus líderes – o comunista Sun Yat-Sen que era casado com uma judia[431] – tinha uma relação especial com sociedades secretas e fora iniciado numa loja. Certo é que sem o apoio das lojas, a sua revolução nunca teria acontecido. Após a mesma, cada vez mais bolcheviques e sionistas entraram em território chinês, constituindo os seus jornais, grupos e intensificando a vida judaica em território asiático[432].

É necessário mencionar que os judeus Jacob Schiff e Felix Warburg que haviam fornecido meios para a concretização da revolução judaica de 1917, também haviam sido influentes no financiamento do Japão para a guerra nipo-russa de 1905, com vitória para os asiáticos.[433]

O infâme Conde Cherep-Spiridovich escreve:

"O Japão está a conspirar hoje com as forças judeo-maçónicas de Moscovo, e estão a utilizar todos os meios para tomar controlo da China e forçá-la a destruir a raça Ariana"[434]

Daqui resulta o porquê da China poder continuar a ser um estado maioritariamente étnico e uma super-potência mundial, enquanto que a Europa tem de ser ocupada e destruída. O Judeu utiliza a mente asiática para destruir a Europa; quando já não houver Europa, será a sua vez de sofrer as consequências.

Relativamente às ligações de Sun Yat-Sen, István Bakony escreve que as judias chinesas desempenharam o seu papel de Ester[435], isto é, corromperam os homens chineses para se aproveitarem das suas posições de poder e, a partir delas, destruir a mística chinesa.

"Na China, a família Song de judeus Tiao-Kiu-Kiaou obteve grandes sucessos através deste meio. Uma das irmãs casou com o Dr. Sun Yat-Sen, o homem que derrubou a monarquia e fundou a república. Outra casou com o Marechal Chiang Kai-shek.[436]" Em 1933, quando a Judeia declarou guerra à Alemanha[437], a viúva de Sun Yat-Sen liderou um protesto contra o Reich e apoiou o boicote de produtos alemães.[438] Sun Yat-Sen terá também sido apoiado pelos Rockefeller.[439] Além disso, marcou-se pelo seu Sionismo, algo expectável visto ter sido auxiliado pelos judeus. De facto, o próprio assumiu várias vezes ser um adepto de Israel. As seguintes citações provam isso mesmo:

"A Nação Judaica contribuiu para todas as civilizações do mundo e deve ter uma posição honrável no mesmo"[440]. Que nação Sun menciona, não se sabe visto que tal não existia.

"Sun Yat-Sen, o primeiro presidente da República da China, escreveu a Elly Kadoorie que os judeus eram uma brilhante e histórica nação, que havia contribuído muito para a civilização do mundo. Kadoorie, um sionista activo, persuadiu-o a apoiar a Declaração de Balfour de 1917"[441]

Deve-se salientar que estou certo que Sun Yat-Sen queria uma renovação da alma racial chinesa. Contudo, cometeu dois erros terríveis ao se apoiar nos judeus e na Rússia bolchevique. Ele não foi capaz de perceber que a China nunca conseguiria uma reparação nacional com auxílio judaico. Após a sua morte, a China acabaria por se tornar num monstro comunista encapsulado pela elite judaica.

Mao era um judeu de Kaifeng e tal é comprovado pelo jornal sionista Moscovo-Jerusalém, em Dezembro de 1993:

"Os primeiros repatriados da China chegarão ao aeroporto no dia 26 de Dezembro de 1993, o 100º aniversário do nascimento do grande filho da comunidade de Kaifeng: Presidente Mao"[442] O regime foi instaurado por judeus e para judeus, com Mao a permitir e incentivar que judeus viajassem para a China e financiassem os seus projectos. Ainda hoje, Xi Jinping encontra-se regularmente com os Kadoories, a família judaica mais rica da China.[443] Henry Kissinger encontrou-se com Mao em 1973 e em 2018 voltaria a encontrar-se com o presidente do partido comunista chinês.

- **Organizações Internacionais**

A Organização das Nações Unidas, cujo presidente é o provável maçon e comunista António Guterres, teve a sua génese na Liga das Nações de 1919, formada após o fim da Primeira Guerra Mundial por influência de Woodrow Wilson, com o intuito de prevenir uma futura guerra na Europa. Por curioso que pareça, os EUA não entraram na liga.Wilson possuía como adjuntos e conselheiros os judeus Bernard Baruch e Paul Warburg, que juntamente com os Rothschild, viriam também a desempenhar um papel na construção da União Europeia. O projecto da Sociedade das Nações foi também em Portugal revelado por Botto-Machado que escreve:

"Graças à Maçonaria estamos na era do internacionalismo. Direi mais e melhor: mercê da Maçonaria, estamos na era da mundialidade e do cosmopolitismo. O internacionalismo que caracteriza a nossa época que é o sulco mais profundo da civilização dos nossos dias, e que, forçando os homens de todos os cantos do mundo a conhecerem-se, os leva a viverem como cidadãos de uma só Pátria, membros de uma unida família, e a fundarem uma instituição, que, coroando a obra gigantesca e humanitária, da Maçonaria através dos séculos, corresponde às aspirações de todas as almas de eleição e se chama, gloriosamente, Sociedade das Nações. (...) Vejamos como é efectivamente enorme, ciclópica, imensurável, a obra que a Maçonaria, com os seus princípios e fins internacionais e cosmopolitas, em grande parte preconizou e realizou, ao mesmo tempo que realizou a interpenetração e a polinacionalização mundiais. (...) Em terra, de tal modo a mecânica perfurou as montanhas, demoliu as fronteiras, encurtou as distâncias, aproximou os continentes e confundiu as raças, do mesmo passo que nivelou e igualou leis, direitos, hábitos e costumes

A Maçonaria – que é uma instituição universal e de paz, e que, pelos seus humanitários princípios e fins cosmopolitas, lançou, criou e radicou no mundo uma verdadeira Internacional dos Povos – deve ter representação oficial na Sociedade das Nações"[444]

- **Feminismo**

Saliente-se que a Maçonaria, antes de desempenhar um papel no desenvolvimento do feminismo, cuja única intenção é impedir a união entre os sexos, travando assim o progresso e desenvolvimento da raça, era já responsável pela proliferação de ideais degenerados como o cosmopolitismo e humanitarismo.[446] Na França, a introdução de mulheres aos males da maçonaria foram uma consequência da pressão para forçar as mesmas a entrar na arena pública de debates e ideias.[447]

Somos acusados – na ala nacionalista - de sermos anti-mulheres. Tal mito tem de ser destruído pois que se existe sector que as protege e as eleva acima da sua condição mundana, é o nosso. Já em artigos anteriores mencionei que as mulheres são as Deusas de um povo; a Luz e Berço da Raça sem as quais a reincarnação kármica não é possível. Os MGTOW e *incel* são uma invenção judaica que opera como uma resposta ao feminismo. Ambos têm de ser rejeitados e destruídos para conduzir a uma nova concepção dos sexos que não se baseia na competição, nem na inveja ou ciúme, mas na cooperação e na vinculação com o Absoluto. O *yin* e o *yang*; a eterna harmonia ordenada é o que anseamos para os sexos. Rejeita-se a supremacia de um sobre outro, valorizando-se sim a acção combinada contra as forças que não desejam que estes se unam em primeiro lugar, sequer.

Nas Lojas de Adopção em França, existiam já no século XVIII registos de ordens maçónicas que aceitavam membros femininos. Nessas lojas era exigido às mulheres reconhecerem os seus direitos e reivindicá-los a um mundo liderado por homens.[448] A Loja Amazonnerie Anglaise apenas permitia que as suas sessões fossem conduzidas por uma mulher, apelidada da Rainha das Amazonas.[449] O nome escolhido não deixa qualquer sombra para dúvidas de qual a intenção desta ordem. Como as Amazonas, os homens seriam utilizados somente na necessidade de procriação e os jovens seriam mortos, para impedir um "domínio masculino". A nova síntese feminina não consistiu numa aproximação entre os sexos, mas sim num derradeiro grito de guerra contra o sexo masculino. Se as Amazonas fossem a governar o mundo, estaríamos numa condição quase tão nefasta como a presente. Um dos lemas das Lojas Amazónicas era reconhecer a injustiça masculina, destruir toda e qualquer influência masculina na sociedade, dominar o casamento.[450] Após a Revolução Maçónica de 1789, a participação de mulheres na Ordem aumentou consideravelmente, com os seus membros a fornecerem fundos e plataformas para que a adesão aumentasse.[451] No fim do século XVIII, as cerimónias para os primeiros três graus eram totalmente controladas por mulheres.[452] Quanto mais poder tinham, maior era a sua capacidade para alterar os ritos e as iniciações, procurando uma separação de uma maçonaria tradicional – isto é – masculina para uma nova ordem.[453] A consequência da entrada de feministas na maçonaria seria previsível: por um lado, elas tentariam infiltrar-se na líderança das lojas para alterar os ritos e as tradições, revoltando-se, assim, contra a ordem; por outro lado, alguns maçons insistiam que elas não tinham nem moral nem razão para alterar uma ordem secular.[454] De qualquer das formas,

nutririam a destruição da Nação e da Família – pilar fundamental do desenvolvimento do Mito Racial.

- **Conclusão**

De nenhuma forma se conseguiu avaliar, na sua plena totalidade, a acção maçónica ao longo dos tempos. Contudo, a informação apresentada é prova de que a Maçonaria opera como uma rede de influências que toma as nações por assalto para as vender ao Anti-Homem. A criação artificial da realidade, a acção Ahrimânica que impede o total desenvolvimento da raça é uma obra maçónica com o intuito de destruir as formas raciais nobres, bastardizando-as e pacificando-as, para que o Judeu possa triunfar como Mestre sobre os Povos. Uma vez que o inimigo que defrontamos é voraz e universal não devemos exibir qualquer compaixão na eterna e, aliás, sagrada luta. Desejamos ser um com nós próprios, como Meister Eckehart queria, atingir uma posição espiritual superior à mera condição humana; ansiamos pela mitificação da raça e dos seus eternos valores, queremos ser um com o Espírito Racial. Para tal, e para o bem de todos os seres, a Judeo-Maçonaria tem de ser erradicada! Esta é, a par do combate contra a Internacional JUDAICA, a mais nobre das batalhas! Que fique claro que a nossa cosmovisão é, em todos os domínios, antagónica à Judeo-Maçónica. As duas são incompatíveis e inalteráveis. Caso Judá continue a reinar como Mestre entre as Nações, observaremos somente uma constante e sucessiva putrefacção do estádio humano sem qualquer avanço filosófico, moral ou espiritual. Com o avanço da tecnologia e com o poder a ser transmitido aos fantoches tecnocratas, a missão de bestialização do Homem é já possível.

Esta luta, cujos terrenos de batalha se encontram ocultos, é o eterno conflito entre a *Asha* e a *Druj*; é a luta intemporal entre o ser da Luz, Verdade e Nobreza – Ahura Mazda - e o ser da Corrupção, Escuridão e Ignorância – Areimanios. Caso o último continue a prevaleçer, o impacto na construcção humana terá consequências imensuráveis e nunca antes vistas. Outrora Merodach derrotou o dragão subversivo Tiawarth; Hórus fez frente a Seth; Thor derrotou o Fenrir Wolf e Jormungandr. Hoje, mais do que nunca, é imperativo que sejamos nós a deixar a nossa marca nas tabuletas da História. Portugal não será salvo a partir do exterior, mas sim do interior. É a crença de que o novo tipo tem de ser reconstruído para dar lugar a uma nova, ainda que antiga, raça e cultura. A força do sangue terá de prevalecer sobre a corrente judeo-maçónica que encapsulou todas as nações e povos sob o pretexto de fraternidade, humanidade, democracia e liberdade. Ainda que aparentemente doces, estas palavras trazem a Judeo-Maçonaria agarrada como uma pulga que não hesita em sugar todo o sangue dos povos. Esta luta que terá de ser combatida, se queremos

evitar a extinção, não será uma luta entre patrícios nem entre monarcas. Será uma luta de 10 milhões de portugueses (devemos ser menos à custa dos "portugueses" que possuem o cartão de nacionalidade como se tratasse de um clube inclusivo) pela sua existência enquanto povo e nação. Ser ou não ser, será de facto o lema da nossa guerra. Em inferioridade numérica ou não, teremos de combater como o nobre Viriato combateu as hostes romanas; este é o despertar da Forma Lusitana, isto é, a energia primordial que constitui a nossa raça e que desencadeará uma nova e última revolução nacional. Um novo Império será forjado; o Império do Sangue, após longa maturação da semente divina, dará lugar a uma nova síntese do povo português que reclamará a sua Pátria como sua. Esta não é uma batalha sectária; envolve todos os membros da raça e "todos não somos demais". Todos seremos necessários para reerguer esta nação. A união portuguesa resultará do fruto da árvore lusitana, cuja seiva é a única que alimenta o nosso espírito. É desta árvore que uma nova geração desencadeará a renovação do Mito Lusitano.

Referências Bibliográficas

Nota: Aquando da elaboração do documento, a conciliação com outras tarefas foi complicada pelo que as páginas não são referenciadas, tendo-se apenas colocado o livro/artigo do qual a informação origina. Dos que são mencionados, quatro são vitais:

Track of the Jew Through the Ages – Alfred Rosenberg (As obras de Kayserling e Graetz são essenciais para verificar o percurso violento e subversivo do Judeu, mas Rosenberg consegue em pouco mais de 200 páginas realizar um estudo concentrado da actividade judaica ao longo da História. Aliás, a obra de Rosenberg é um dos mais valiosos tratados sobre a vontade judaica)

Under the Sign of the Scorpion – Juri Lina

Secret Powers of the Revolution – Léon de Poncins

The Occult War – Léon de Poncins

[1] *The Secret History of Freemasonry*, Paul Noudan

[2] *Aryan Sun-Myths: The Origin of Religions*, Henry Norman

[3] Henry Norman, *Op.Cit*

[4] Henry Norman, *Op.Cit*

[5] Henry Norman, *Op.Cit*

[6] Henry Norman, *Op.Cit*

[7] Henry Norman, *Op.Cit*

[8] Henry Norman, *Op.Cit*

[9] Henry Norman, *Op.Cit*

[10] Henry Norman, *Op.Cit*

[11] https://www.freemason.pt/os-nossos-irmaos-os-essenios/

[12] https://www.freemason.pt/os-nossos-irmaos-os-essenios/

[13] Henry Norman, *Op.Cit*

[14] https://www.freemason.pt/os-nossos-irmaos-os-essenios/

[15] *Under the Sign of the Scorpion,* Jari Luna

[16] *The Origins of Freemasonry,* Margaret Jacob

[17] Margaret Jacob, *Op.Cit*

[18] Margaret Jacob, *Op.Cit*

[19] Paul Noudan, *Op.Cit*

[20] Paul Noudan, *Op.Cit*

[21] Paul Noudan, *Op.Cit*

[22] Paul Noudan, *Op.Cit*

[23] Paul Noudan, *Op.Cit*

[24] Paul Noudan, *Op.Cit*

[25] Paul Noudan, *Op.Cit*

[26] *Christianity and Paganism in the Fourth to Eigth Centuries,* Ramsay McCullen

[27] Henry Norman, *Op.Cit*

[28] Paul Noudan, *Op.Cit*

[29] Paul Noudan, *Op.Cit*

[30] *The Key to Theosophy*, Helena Blavatsky

[31] Paul Noudan, *Op.Cit*

[32] Paul Noudan, *Op.Cit*

[33] Paul Noudan, *Op.Cit*

[34] Paul Noudan, *Op.Cit*

[35] Paul Noudan, *Op.Cit*

[36] *Myths and Symbols of Pagan Europe: Early Scandinavian and Celtic Religions*, H.R.Ellis Davidson

[37] Paul Noudan, *Op.Cit*

[38] Paul Noudan, *Op.Cit*

[39] Paul Noudan, *Op.Cit*

[40] Paul Noudan, *Op.Cit*

[41] Paul Noudan, *Op.Cit*

[42] *Sufism: An Introduction to the Mystical Tradition of Islam*, Carl W. Ernst

[43] Paul Noudan, *Op.Cit*

[44] Paul Noudan, *Op.Cit*

[45] Juri Lina, *Op.Cit*

[46] Juri Lina, *Op.Cit*

[47] Juri Lina, *Op.Cit*

[48] Juri Lina, *Op.Cit*

[49] Juri Lina, *Op.Cit*

[50] Juri Lina, *Op.Cit*

[51] Juri Lina, *Op.Cit*

[52] Juri Lina, *Op.Cit*

[53] Juri Lina, *Op.Cit*

[54] Juri Lina, *Op.Cit*

[55] Juri Lina, *Op.Cit*

[56] Juri Lina, *Op.Cit*

[57] Juri Lina, *Op.Cit*

[58] Juri Lina, *Op.Cit*

[59] Juri Lina, *Op.Cit*

[60] Juri Lina, *Op.Cit*

[61] Juri Lina, *Op.Cit*

[62] Juri Lina, *Op.Cit*

[63] Juri Lina, *Op.Cit*

[64] Juri Lina, *Op.Cit*

[65] Juri Lina, *Op.Cit*

[66] Juri Lina, *Op.Cit*

[67] Juri Lina, *Op.Cit*

[68] Juri Lina, *Op.Cit*

[69] Juri Lina, *Op.Cit*

[70] Juri Lina, *Op.Cit*

[71] Juri Lina, *Op.Cit*

[72] Juri Lina, *Op.Cit*

[73] *Track of the Jew Through the Ages*, Alfred Rosenberg

[74] Juri Lina, *Op.Cit*

[75] Juri Lina, *Op.Cit*

[76] *Citações de Salazar,* Paulo Neves da Silva

[77] Juri Lina, *Op.Cit*

[78] Juri Lina, *Op.Cit*

[79] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[80] Juri Lina, *Op.Cit*

[81] Juri Lina, *Op.Cit*

[82] Juri Lina, *Op.Cit*

[83] Juri Lina, *Op.Cit*

[84] Juri Lina, *Op.Cit*

[85] Juri Lina, *Op.Cit*

[86] Juri Lina, *Op.Cit*

[87]https://www.nytimes.com/2020/07/13/us/politics/george-soros-racial-justice-organizations.html

[88] Juri Lina, *Op.Cit*

[89] Juri Lina, *Op.Cit*

[90] https://time.com/4958652/yom-kippur-george-washington-history/

[91] https://www.theconstitutional.com/blog/2020/01/19/haym-salomon-one-americas-founding-fathers

[92] https://time.com/4958652/yom-kippur-george-washington-history/

[93] *The Impact of American Revolution on Jews*, Jonathan D.Sarna

[94] Jonathan D. Sarna, *Op.Cit*

[95] Jonathan D. Sarna, *Op.Cit*

[96] Jonathan D. Sarna, *Op.Cit*

[97] Jonathan D. Sarna, *Op.Cit*

[98] https://www.freemason.pt/mac-hist-amer/

[99] https://www.freemason.pt/mac-hist-amer/

[100] https://www.freemason.pt/mac-hist-amer/

[101] https://www.freemason.pt/mac-hist-amer/

[102] *Brotherly Love: Freemasonry and Male Friendship in Enlightenment France*, Kenneth Loiselle

[103] Kenneth Loiselle, *Op.Cit*

[104] Kenneth Loiselle, *Op.Cit*

[105] *The Jewish Revolutionary Spirit*, E. Michael Jones

[106] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[107] *The War of the Anti-Christ With the Church And Christian Civilization*, George F.Dillon

[108] George F.Dillon, *Op.Cit*

[109] *Trail of the Serpent*, Christina Stoddard

[110] Christina Stoddard, *Op.Cit*

[111] Christina Stoddard, *Op.Cit*

[112] Juri Lina, *Op.Cit*

[113] Christina Stoddard, *Op.Cit*

[114] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[115] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[116] Christina Stoddard, *Op.Cit*

[117] *Secret Powers of the Revolution*, Léon de Poncins

[118] *The Occult War*, Léon de Poncins

[119] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[120] Léon de Poncins, *Op.Cit*

[121] Léon de Poncins, *Op.Cit*

[122] Léon de Poncins, *Op.Cit*

[123] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[124] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[125] *Secret Powers of the Revolution, Op.Cit*

[126] *Occult War, Op.Cit*

[127] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[128] *Occult War, Op.Cit*

[129] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[130] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[131] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[132] *Jewish State*, Theodor Herzl

[133] Theodor Herzl, *Op.Cit*

[134] Theodor Herzl, *Op.Cit*

[135] *Adresses to the German Nation*, Johann Fichte

[136] Alfred Rosenberg, *Op.Cit*

[137] *Portugal, Salazar e os Judeus*, Avraham Milgram

[138]*1001 Quotes By and About Jews*, Willie Martin

[139] https://www.inconvenienthistory.com/

[140] http://entityart.co.uk/zionism-judaism-freemasonry-satanism-kabbalah-israel-palestine-holocaust-hitler-second-world-war-national-socialism-new-world-order-illuminati/

[141] http://entityart.co.uk/zionism-judaism-freemasonry-satanism-kabbalah-israel-palestine-holocaust-hitler-second-world-war-national-socialism-new-world-order-illuminati/

[142] http://entityart.co.uk/zionism-judaism-freemasonry-satanism-kabbalah-israel-palestine-holocaust-hitler-second-world-war-national-socialism-new-world-order-illuminati/

[143] *Practical Idealism,* Richard Kalergi

[144] *Protocolos dos Sábios do Sião*, Gustavo Barroso

[145] https://www.inconvenienthistory.com/

[146] https://www.inconvenienthistory.com/

[147] https://www.inconvenienthistory.com/

[148] https://www.inconvenienthistory.com/

[149] https://www.inconvenienthistory.com/

[150] https://www.inconvenienthistory.com/

[151] https://www.inconvenienthistory.com/

[152] *Secret Powers of the Revolution, Op.Cit*

[153] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[154] https://www.inconvenienthistory.com/

[155] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[156] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[157] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[158] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[159] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[160] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[161] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[162] https://www.unz.com/article/the-zionist-shadows-of-woodrow-wilson-during-world-war-i-and-its-aftermath-in-paris/?highlight=woodrow+wilson

[163] *Jews' Riddle for Success*, F.Roderich-Stoltheim

[164] https://www.inconvenienthistory.com/

[165] https://www.inconvenienthistory.com/

[166] https://www.inconvenienthistory.com/

[167] https://www.inconvenienthistory.com/

[168] https://www.inconvenienthistory.com/

[169] *History of Jews in England*, Cecil Roth

[170] https://www.inconvenienthistory.com/

[171] https://www.inconvenienthistory.com/

[172] https://www.inconvenienthistory.com/

[173] https://www.inconvenienthistory.com/

[174] https://www.inconvenienthistory.com/

[175] https://www.inconvenienthistory.com/

[176] *Wilhelm II: The Kaiser's Personal Monarchy*, John Rohl

[177] https://www.inconvenienthistory.com/

[178] https://www.inconvenienthistory.com/

[179] Juri Lina, *Op.Cit*

[180] https://www.inconvenienthistory.com/

[181] Juri Lina, *Op.Cit*

[182] *Freemasonry in Turkey: a by-product of Western penetration*, Paul Dumont

[183] Paul Dumont, *Op.Cit*

[184] Paul Dumont, *Op.Cit*

[185] Paul Dumont, *Op.Cit*

[186] Paul Dumont, *Op.Cit*

[187] Paul Dumont, *Op.Cit*

[188] Paul Dumont, *Op.Cit*

[189] Paul Dumont, *Op.Cit*

[190] Paul Dumont, *Op.Cit*

[191] Juri Lina, *Op.Cit*

[192] Juri Lina, *Op.Cit*

[193] Juri Lina, *Op.Cit*

[194] Juri Lina, *Op.Cit*

[195] Juri Lina, *Op.Cit*

[196] Juri Lina, *Op.Cit*

[197] Juri Lina, *Op.Cit*

[198] Juri Lina, *Op.Cit*

[199] *Gravediggers of Russia,* Alfred Rosenberg, Dietrich Eckhart

[200] Juri Lina, *Op.Cit*

[201] Juri Lina, *Op.Cit*

[202] *Gravediggers of Russia*, *Op.Cit*

[203] *The Revolt Against Civilization – The Menace of the Under-Man*, Lothrop Stoddard

[204] Juri Lina, *Op.Cit*

[205] *Program for Jews and Humanity: An Asnwer to all Anti-Semites*, Harry Whaton

[206] http://www.renegadetribune.com/communism-was-created-by-jews-and-serves-only-their-interests/

[207] Juri Lina, *Op.Cit*

[208] Juri Lina, *Op.Cit*

[209] Juri Lina, *Op.Cit*

[210] Juri Lina, *Op.Cit*

[211] Juri Lina, *Op.Cit*

[212] *Political Freemasonry in Russia 1906-1918,* Nathan Smith

[213] Juri Lina, *Op.Cit*

[214] Juri Lina, *Op.Cit*

[215] Juri Lina, *Op.Cit*

[216] Juri Lina, *Op.Cit*

[217] Juri Lina, *Op.Cit*

[218] Juri Lina, *Op.Cit*

[219] Juri Lina, *Op.Cit*

[220] Juri Lina, *Op.Cit*

[221] Juri Lina, *Op.Cit*

[222] Juri Lina, *Op.Cit*

[223] Juri Lina, *Op.Cit*

[224] Juri Lina, *Op.Cit*

[225] Juri Lina, *Op.Cit*

[226] Juri Lina, *Op.Cit*

[227] Juri Lina, *Op.Cit*

[228] Juri Lina, *Op.Cit*

[229] Juri Lina, *Op.Cit*

[230] Juri Lina, *Op.Cit*

[231] Juri Lina, *Op.Cit*

[232] Juri Lina, *Op.Cit*

[233] Juri Lina, *Op.Cit*

[234] Juri Lina, *Op.Cit*

[235] Juri Lina, *Op.Cit*

[236] Juri Lina, *Op.Cit*

[237] Juri Lina, *Op.Cit*

[238] Juri Lina, *Op.Cit*

[239] Juri Lina, *Op.Cit*

[240] Juri Lina, *Op.Cit*

[241] Juri Lina, *Op.Cit*

[242] Juri Lina, *Op.Cit*

[243] Juri Lina, *Op.Cit*

[244] Juri Lina, *Op.Cit*

[245] Juri Lina, *Op.Cit*

[246] Juri Lina, *Op.Cit*

[247] Juri Lina, *Op.Cit*

[248] Juri Lina, *Op.Cit*

[249] Juri Lina, *Op.Cit*

[250] Juri Lina, *Op.Cit*

[251] Juri Lina, *Op.Cit*

[252] Juri Lina, *Op.Cit*

[253] Juri Lina, *Op.Cit*

[254] Juri Lina, *Op.Cit*

[255] Juri Lina, *Op.Cit*

[256] Juri Lina, *Op.Cit*

[257] Juri Lina, *Op.Cit*

[258] Juri Lina, *Op.Cit*

[259] Juri Lina, *Op.Cit*

[260] Juri Lina, *Op.Cit*

[261] Juri Lina, *Op.Cit*

[262] Juri Lina, *Op.Cit*

[263] Juri Lina, *Op.Cit*

[264] Juri Lina, *Op.Cit*

[265] Juri Lina, *Op.Cit*

[266] Juri Lina, *Op.Cit*

[267] Juri Lina, *Op.Cit*

[268] Juri Lina, *Op.Cit*

[269] Lothrop Stoddard, *Op.Cit*

[270] Lothrop Stoddard, *Op.Cit*

[271] *The Myth of the 20th Century*, Alfred Rosenberg

[272] Juri Lina, *Op.Cit*

[273] Juri Lina, *Op.Cit*

[274] Juri Lina, *Op.Cit*

[275] Juri Lina, *Op.Cit*

[276] Juri Lina, *Op.Cit*

[277] Juri Lina, *Op.Cit*

[278] Juri Lina, *Op.Cit*

[279] Juri Lina, *Op.Cit*

[280] Juri Lina, *Op.Cit*

[281] Juri Lina, *Op.Cit*

[282] Juri Lina, *Op.Cit*

[283] Juri Lina, *Op.Cit*

[284] Juri Lina, *Op.Cit*

[285] Juri Lina, *Op.Cit*

[286] Juri Lina, *Op.Cit*

[287] Juri Lina, *Op.Cit*

[288] Juri Lina, *Op.Cit*

[289] *The Myth of the 20th Century, Op.Cit*

[290] *The Myth of the 20th Century, Op.Cit*

[291]https://worldtruthvideos.website/watch/the-jewish-question-julius-streicher-1936_HKEha2NQqDSbumt.html

[292] *Adolf Hitler's Collection of Speeches 1922-1945*

[293] *Os Diários de Alfred Rosenberg 1934-1944,* Jurgen Matthaus, Frank Bajohr

[294] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[295] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[296] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[297] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[298] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[299] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[300] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[301] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[302] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[303] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[304] https://mondoweiss.net/2022/02/accusing-israel-of-genocide-is-equivalent-to-supporting-al-qaeda-and-isis-and-should-bar-a-person-from-government-employment-greenblatt/

[305] https://www.jpost.com/middle-east/ben-shapiro-israel-is-protecting-western-civilization-570925

[306] https://www.bitchute.com/video/9tG5WapwM6bA/

[307] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[308] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[309] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[310] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[311] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[312] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[313] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[314] http://www.renegadetribune.com/what-the-world-rejected-hitlers-peace-offers-1933-1939/

[315] https://www.inconvenienthistory.com/

[316] https://www.inconvenienthistory.com/

[317] https://www.inconvenienthistory.com/

[318] https://www.inconvenienthistory.com/

[319] https://www.inconvenienthistory.com/

[320] https://www.inconvenienthistory.com/

[321] https://www.inconvenienthistory.com/

[322] https://www.inconvenienthistory.com/

[323] https://www.inconvenienthistory.com/

[324] https://www.inconvenienthistory.com/

[325] https://www.inconvenienthistory.com/

[326] https://codoh.com/library/document/germany-must-perish/en/

[327] https://codoh.com/library/document/germany-must-perish/en/

[328] https://codoh.com/library/document/germany-must-perish/en/

[329] https://codoh.com/library/document/germany-must-perish/en/

[330] https://codoh.com/library/document/germany-must-perish/en/

[331] https://www.inconvenienthistory.com/

[332] https://www.inconvenienthistory.com/

[333] https://www.inconvenienthistory.com/

[334] https://www.inconvenienthistory.com/

[335] https://www.inconvenienthistory.com/

[336] https://www.inconvenienthistory.com/

[337] https://www.inconvenienthistory.com/

[338] https://www.inconvenienthistory.com/

[339] https://www.inconvenienthistory.com/

[340] https://www.inconvenienthistory.com/

[341] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[342] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[343] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[344] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[345] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[346] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[347] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[348] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[349] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[350] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[351] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[352] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[353] https://www.freemason.pt/revelando-baphomet/

[354] https://www.freemason.pt/a-cabala-e-a-lenda-de-hiram-abiff/

[355] https://www.freemason.pt/a-cabala-e-a-lenda-de-hiram-abiff/

[356] https://www.freemason.pt/a-cabala-e-a-lenda-de-hiram-abiff/

[357] https://www.freemason.pt/a-cabala-e-a-lenda-de-hiram-abiff/

[358] https://www.freemason.pt/a-cabala-e-a-lenda-de-hiram-abiff/

[359] https://www.freemason.pt/a-cabala-e-a-lenda-de-hiram-abiff/

[360] *O Simbolismo Oculto da Franco-Maçonaria*, Oswald Wirth

[361] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[362] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[363] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[364] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[365] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[366] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[367] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[368] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[369] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[370] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[371] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[372] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[373] Oswald Wirth, *Op.Cit*

[374] *Secret Powers of the Revolution, Op.Cit*

[375] https://www.freemason.pt/a-primeira-republica-e-a-maconaria-conclusao/

[376] *Secret Powers of the Revolution, Op.Cit*

[377] *Black Sun*, Nicholas Goodrich-Clarke

[378] https://www.freemason.pt/uma-historia-da-maconaria-em-portugal/

[379] https://www.freemason.pt/uma-historia-da-maconaria-em-portugal/

[380] https://www.freemason.pt/uma-historia-da-maconaria-em-portugal/

[381] https://www.freemason.pt/uma-historia-da-maconaria-em-portugal/

[382] *A Maçonaria em Portugal*, Oliveira Marques

[383] Oliveira Marques, *Op.Cit*

[384] Oliveira Marques, *Op.Cit*

[385] Oliveira Marques, *Op.Cit*

[386] *A Invasão dos Judeus*, Mario Saa; *Jews and Modern Capitalism,* Werner Sombart

[387] https://www.freemason.pt/uma-historia-da-maconaria-em-portugal/

[388] *A Maçonaria como Poder Político e Social em Portugal*, Francisco Santos Silva

[389] Francisco Santos Silva, *Op.Cit*

[390] Francisco Santos Silva, *Op.Cit*

[391] *A República e os Judeus*, Jorge Martins

[392] Jorge Martins, *Op.Cit*

[393] https://www.freemason.pt/a-primeira-republica-e-a-maconaria-conclusao/

[394] https://www.freemason.pt/a-primeira-republica-e-a-maconaria-conclusao/

[395] F. Roderich-Stoltheim, *Op.Cit*

[396] Willie Martin, *Op.Cit*

[397] *Como se Levanta um Estado,* António de Oliveira Salazar

[398] *Racial Realities in Europe*, Lothrop Stoddard

[399] *Salazar, o Maçon*, Costa Pimenta

[400] https://www.jn.pt/domingo/o-estado-novo-e-o-augedo-estado-maconico-1191922.html

[401] *António Salazar: O ditador que morreu duas vezes*, Marco Ferrari

[402] *Salazar: A Propaganda*, Helena Matos

[403] *História do Estado Novo,* Marcelo Teixeira

[404] Marcelo Teixeira, *Op.Cit*

[405] Helena Matos, *Op.Cit*

[406] Marcelo Teixeira, *Op.Cit*

[407] Marco Ferrari, *Op.Cit*

[408] Marcelo Teixeira, *Op.Cit*

[409] *Império, Nação, Revolução,* Riccardo Marchi

[410] Riccardo Marchi, *Op.Cit*

[411] Riccardo Marchi, *Op.Cit*

[412] Riccardo Marchi, *Op.Cit*

[413] Riccardo Marchi, *Op.Cit*

[414] Riccardo Marchi, *Op.Cit*

[415] Riccardo Marchi, *Op.Cit*

[416] Riccardo Marchi, *Op.Cit*

[417] Riccardo Marchi, *Op.Cit*

[418] António de Oliveira Salazar, *Op.Cit*

[419] *Freemasonry: Ideology, Organization and Policy*, Dieter Schwarz

[420] Dieter Schwarz, *Op.Cit*

[421] http://www.renegadetribune.com/johann-gottlieb-fichte-on-the-jews-1793/

[422] *O Nascimento da Franco-Maçonaria: Isaac Newton e os Newtonianos*

[424] *Track of the Jew Through the Ages, Op.Cit*

[425] Juri Lina, *Op.Cit*

[426] Dieter Schwarz, *Op.Cit*

[427] Dieter Schwarz, *Op.Cit*

[428] *Track of the Jew Through the Ages, Op.Cit*

[429] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[430] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[431] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[432] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[433] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[434] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[435] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[436] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[437] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[438] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[439] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[440] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[441] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[442] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[443] https://fitzinfo.net/2021/07/19/how-jews-took-over-china-an-created-chinese-communism/

[444] *A Maçonaria Portuguesa e a Grande Guerra: 1914-1918*, António Ventura

[445] *Women And Freemasonry in France and Germany*, Casey Huffmire

[446] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[447] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[448] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[449] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[450] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[451] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[452] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[453] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[454] Casey Huffmire, *Op.Cit*

[455] https://www.thetruthseeker.co.uk/?p=249313

[456] *The Annihilation of Freemasonry*, Sven G. Lunden

[457] Sven G. Lunden, *Op.Cit*

[458] Sven G. Lunden, *Op.Cit*

[459] Sven G. Lunden, *Op.Cit*

[460] Sven G. Lunden, *Op.Cit*

[461] Sven G. Lunden, *Op.Cit*

[462] http://www.renegadetribune.com/occult-forces-our-ongoing-struggle-against-freemasonry/